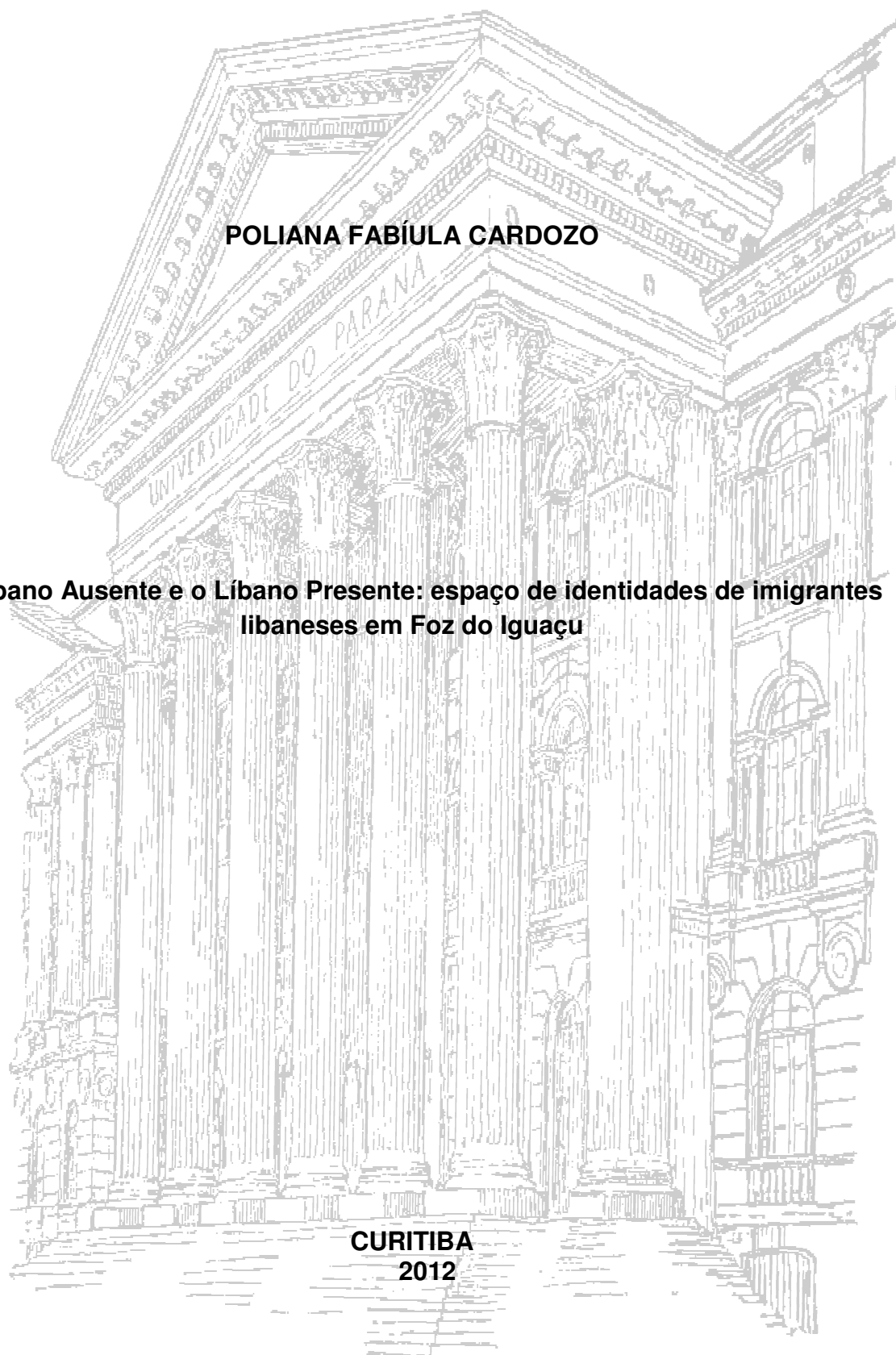


MEC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

POLIANA FABIULA CARDOZO

O Líbano Ausente e o Líbano Presente: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu

**CURITIBA
2012**



POLIANA FABÍULA CARDOZO

O Líbano Ausente e o Líbano Presente: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Linha de Pesquisa: Território, Cultura e Representações.

Orientador: Prof. Dr. Wolf-Dietrich Gustav Johannes Sahr.

CURITIBA – 2012

Cardozo, Poliana Fabíula

O Líbano ausente e o Líbano presente: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu / Poliana Fabíula Cardozo. – Curitiba, 2012.

194 f. : il.; tab. + mapas

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Orientador: Wolf-Dietrich Gustav Johannes Sahr

1. Libaneses – Migração – Foz do Iguaçu (PR). I. Sahr, Wolf-Dietrich Gustav Johannes. II. Título.

CDD 22 304.898105692

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pela candidata **POLIANA FABÍULA CARDOZO** intitulada "**Libano Ausente e o Libano Presente: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu**", para obtenção do grau de Doutora em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração Espaço, Sociedade e Ambiente, Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação.

Após haver analisado o referido trabalho e argüida a candidata, são de parecer pela aprovação da Tese.

Curitiba, 19 de março de 2012.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:

Wolf-Dierich Sahr

Prof. Dr. Wolf-Dierich Sahr (UFPR) – Presidente

Gislene Aparecida dos Santos

Profª Dra. Gislene Aparecida dos Santos (UFPR)

John T. Karam

Prof. Dr. John T. Karam
DePaul University - Chicago, E.U.A.

Shadia Hussein de Araújo

Dra. Shadia Hussein de Araújo
Universität Erlangen-Nürnberg

Sylvio Fausto Gil Filho

Prof. Sylvio Fausto Gil Filho -UFPR

Dedico esse trabalho a todos os libaneses que um dia decidiram fazer de Foz do Iguaçu a sua 'América', e lá teceram seus sonhos e suas vidas, tiveram seus filhos e junto deles preenchem a cidade com uma cor local única: a Foz do Iguaçu que amamos.

Agradecimentos

O momento de agradecer é também o momento de refletir, sempre. De refletir sobre o tempo de quatro anos que se passou, o que nele ocorreu e quem ajudou/esteve presente, e isso não se faz sem emoção.

Para começo, não é possível pensar no meu processo de doutoramento sem pensar também naquele que se tornou meu marido no longo desse tempo e foi sempre meu companheiro, Alessandro. Desde antes da seleção me incentivou de maneira incansável, e nunca me deixou esmorecer, fez questão de participar e me motivar em todas as etapas, em quem sempre encontrei paz, carinho, amor e exemplo. Também desde o princípio meus pais, minha irmã e meu cunhado, Clóvis, Marilda, Tatiana e Ivo, que nunca mediram esforços para me ensinar que os estudos eram a coisa mais importante da vida, e que sem estudar eu não alçaria altos e longos voos. Obrigada aos cinco, nunca deixo de pensar em vocês e em quanta confiança me depositam, quero sempre estar perto de todos.

Fundamental nesse processo também foi meu orientador, a quem todos chamam carinhosamente de Woody, ele me mostrou caminhos que iam muito além da orientação convencional dessa tese, estabeleceu discussões que me abriram a cabeça para temas importantes da carreira acadêmica e assuntos diversos. Estou certa de que ele seguirá como companheiro e amigo após essa defesa; e que sempre será uma inspiração e um exemplo de tenacidade e intelectualidade.

A Universidade Estadual do Centro-Oeste, onde sou docente, me deu o apoio necessário concedendo afastamento integral por dois anos, com essa instituição sempre terei uma gratidão que vai muito além desse afastamento, pois lá me é permitido crescer profissionalmente. Mas dizer Universidade pode parecer vago, quero nominar meus colegas do departamento de turismo que desde a seleção do doutorado me incentivaram, torceram e me ajudaram – a gratidão à Universidade é personificada em vocês: Angela, Diogo, Elieti, Paula, Ronaldo e Vanessa. Espero retornar às atividades docente e poder ao lado de vocês concretizar o título de doutor. Também da Unicentro, quero render um

agradecimento ao Juliano e ao Edécio que mesmo não sendo colegas de departamento estiveram sempre juntos na minha trajetória, incentivando e auxiliando no necessário. Idem às colegas da Geografia da Unicentro, que se fizeram presentes nesse caminho, em especial às estimadas Andreza, Karla e Márcia.

Aos colegas da Universidade Federal do Paraná, que no cumprimento de créditos deixaram os dias mais leves e divertidos: Adnilson, Ana Solange, Beatriz, Djanires, José Aquino, Mauro, Marcelo e Rafael. Também da UFPR quero deixar aqui expressa minha gratidão ao Luiz Carlos Zem, sempre simpático, solícito e paciente.

Agradeço ainda ao Instituto de Geografia da Universidade Johannes Gutenberg, na pessoa de meu co-orientador professor doutor Anton Escher por ter me recebido de forma tão calorosa e me proporcionado um estágio de sete meses muito significativo para a execução desse trabalho. Além dele, daquela Universidade, não posso deixar de agradecer aos estimados colegas de trabalho, que souberam tão bem me ensinar como é bonita e generosa a hospitalidade alemã: Eva, Heike, Tobias, Torsten e Tina. Da Universidade de Erlangen, devo agradecer a querida Shadia e André pela linda lição de hospitalidade quando pude ver o melhor do receber árabe, alemão e brasileiro juntos. *Vielen Danke*. Da casa de hóspedes Berno Wischmann Haus devo agradecer aos companheiros que tanto me ensinaram e com quem tanto me diverti: Bruno, Lorena, Jaco e Nizar: *gracias, thank you, merci, chucran, danke* – em todas as línguas em que nos comunicávamos. Faz-se necessário também agradecer a Coordenadoria de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa sanduíche.

Quero dizer obrigada aos professores membros da banca de qualificação, professores doutores Marionilde Dias B. de Magalhães (PPG História, UFPR) e Edson Armando Silva (PPG Geografia UEPG) pelas contribuições visando o crescimento do trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos queridos amigos de Foz do Iguaçu Luciane e Tiago por me receberem tantas vezes na sua casa, inclusive durante o

trabalho de campo, onde a acolhida foi sempre muito além da hospedagem e seu apoio foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Estimada e importante para o processo foi Eliane, que me recebeu em sua casa em Curitiba durante todo o cumprimento dos créditos, a quem sempre terei uma dívida de hospitalidade difícil de pagar.

Outros amigos que sempre me receberam, mas em Irati, para um bate papo descontraído e palavras de carinho são: Jeanette e Cacá e Lena e Hélio.

Às queridas companheiras de colégio, e que sempre estiveram presente na minha vida: Ana Carolina, Fernanda, Marilycia, Tania, Milena e em especial a Maísa por compartilhar a profissão, as dúvidas e as certezas da carreira docente.

Alunos queridos, que agora já formados são amigos, com que sempre pude falar claramente minhas ideias e sempre encontrei eco: Aurélio, Carla Caroline, Jeverson, Joelcio, Luana, Luciana, Nisiene, Maycon e Melania.

Aos estimados amigos com quem tenho contato quase que só virtual, mas que estão sempre por perto: Carolina Kunimatsu, Gilce Zelinda, Karla do Amaral, Mariana Aldrigui e Ricardo Borsato. Queridos, a nossa amizade sempre me será cara, pela sua sinceridade, leveza e intrínseco contato com um tempo bom da vida.

Não posso deixar de agradecer ao meu professor de inglês, Edmilson Sandeski, pela ajuda e confiança no preparo do exame Toefl. Nunca nos faltou bom humor nessa etapa.

Às minhas professoras do mestrado em turismo da Universidade de Caxias do Sul, Susana Gastal – minha orientadora – e Margarita Barretto, que depois de concluído o mestrado, seguiram em contato me apoiando, ajudando e incentivando. O que com elas aprendi e me foi útil nessa trajetória não caberia no espaço aceitável de agradecimentos. Espero poder sempre contar com vocês, e que vocês possam sempre ser esse exemplo de professoras, pesquisadoras e orientadoras que foram para mim.

Aos meus entrevistados, que aqui não posso nominar, que abriram as portas das suas casa, lembranças, emoções e vidas ao longo da coleta. Que me receberam com a devida hospitalidade árabe e que sei que se interessam pelo meu trabalho nele depositando muita confiança de ‘palavras melhores’ sobre a comunidade de Foz do Iguaçu. *Wallah chucran ktir.*

Ao concluir esses agradecimentos, penso que a palavra obrigada sempre envolve duas pessoas, quem recebe e quem libera. Agradecer é o reconhecimento de que tudo que fazemos, se o fizemos, é porque em algum momento, o mais curto que tenha sido, contamos com a ajuda e colaboração de alguém. Por isso, obrigada, é uma palavra com sonoridade tão confortante – e me pareceu ao longo desses quatros anos que em outras línguas também o é! Ao terminar esses agradecimentos, ficam um sorriso de alegria nos lábios ao saber que pude contar com a ajudar de tanta gente nesses quatro anos, uma emoção de perceber esse caminho chegando ao fim e imaginar os novos que virão. Obrigada sempre a cada um de vocês: com todo esse cálido apoio eu faria tudo de novo, do mesmo jeito.

Allah u Akbar.

Engolfado em suas reminiscências, avança e recua, quer que todos o acompanhem em sua jornada, na ânsia de se perder para se achar explica de novo, a mulher, minha mulher, minha Tamina, atônita está se virando, puxa-o pela manga, diz, e agora por *Allah*, o que vamos fazer Yussef (...)?, já com saudades do navio, abrigo-útero, onde passara intermináveis dias entre céu e céu, mar e mar, água e água vento e vento, espuma e espuma, ainda sente o balanço, está e não está em terra firme. (MIGUEL, SALIM. 2008, p.16).

Resumo

A diáspora libanesa é o tema central dessa tese, que teve especificamente o fluxo orientado para Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil – na fronteira com o Paraguai e a Argentina – como assunto de debate. A imigração árabe em geral e a libanesa especificamente é estudada por diferentes pesquisadores no Brasil, usualmente com o foco voltado a um grupo que chegou ao país na virada dos séculos XIX - XX, de origem cristã, dedicados à mascateação e hoje amplamente aculturados. Em comparação a isso, e descortinando novas perspectivas aos estudos sobre a migração/diáspora libanesa ao Brasil, a comunidade em questão é mais recente (inicia-se por volta dos anos de 1950 e se dá até os dias de hoje), formada sobretudo por muçulmanos e por profissionais de diferentes áreas, com destaque para o comércio transfronteiriço. As características observadas nesse grupo, tais como a dupla lealdade entre o país de origem e o de destino, o constante contato com o Líbano, as muitas instituições organizadas e mantidas por ele, o número de elementos e sua flagrante visibilidade levam a distingui-la como diaspórica, usando as reflexões contemporâneas do termo. A teorização que envolve os conceitos de diáspora e imigração, e posteriormente as ideias relacionadas à identidade cultural imigrante foram os tópicos que balizaram essa pesquisa que teve como objetivo central a investigação das relações diaspóricas entre o Brasil (Foz do Iguaçu) e o Líbano no que diz respeito da construção da identidade cultural de imigrantes e seus descendentes. Para tal, foram feitas leituras sobre os assuntos já mencionados, privilegiando autores dedicados à perspectiva dos ‘estudos culturais’ tanto brasileiros como estrangeiros, interessados em casos nacionais ou não. Também realizou-se entrevistas com imigrantes e descendentes de libaneses em Foz do Iguaçu sobre os assuntos que se julgou pertinentes para o objetivo mencionado, tais como: motivação para emigrar; redes de contato e vivência na comunidade libanesa de Foz do Iguaçu; constituição da identidade libanesa em Foz do Iguaçu; transmissão da identidade para gerações nascidas no Brasil; visibilidade e invisibilidade da comunidade; e redes familiares na diáspora. Esses temas, aliados aos estudos sobre o Líbano e Foz do Iguaçu (a título de compreensão e contextualização dos lugares envolvidos/vividos no estudo), e compreensão ampla dos conceitos-chave permitiram uma profunda análise de dados a fim de concluir e validar a tese que ora se apresenta. Desse modo, este estudo coloca Foz do Iguaçu no mapa dos estudos dedicados à diáspora libanesa no Brasil.

Palavras-chave: diáspora; diáspora libanesa; imigração; imigração libanesa; identidade cultural imigrante; comunidade libanesa em Foz do Iguaçu.

Resumen

La diáspora libanesa es el tema central de esa tesis, que tuvo especialmente el flujo orientado para Foz de Iguazu, estado de Paraná en Brasil – en la frontera con Paraguay y Argentina – como asunto de debate. La inmigración árabe en general y la libanesa específicamente es tratada por diferentes estudiosos en Brasil, usualmente con el foco hacia un grupo que llegó al país en el cambio de los siglos XIX – XX, e origen cristiana, dedicados a actividades de comercio ambulante y hoy son ampliamente a culturados. En comparación a eso, y abriendo nuevas perspectivas a los estudios a cercas la migración/diáspora libanesa a Brasil, la comunidad en cuestión es mucho más reciente (empieza alrededor de los años de 1950 y se lleva al cabo hasta hoy día), compuesta sobretudo por musulmanes y profesionales de diferentes áreas, con destaque para el comercio transfronterizo. Las características observadas en ese grupo, tales como doble lealtad entre el país de origen y el de destino, el constante contacto con Líbano, las muchas instituciones por el ordenadas y mantenidas, el numero de elementos y su flagrante visibilidad llevan a distinguirla como diaspórica, utilizando las reflexiones contemporáneas del termino. La teorización que involucra los conceptos de diáspora e inmigración y posteriormente las ideas arrolladas a la identidad cultural inmigrante fueran los tópicos que balizaron ese trabajo que tuvo como objetivo central la investigación de las relaciones diaspóricas entre Brasil (Foz de Iguazu) y Líbano en lo que tiene respeto a la construcción de la identidad cultural de inmigrantes y sus descendientes. Para eso, se llevo a cabo lecturas sobre los temas mencionados, privilegiando autores dedicados a la perspectiva de los Estudios Culturales, tanto brasileños como extranjeros dedicados a casos nacionales o no. También se hizo encuestas/entrevistas con inmigrantes y descendientes de libaneses en Foz de Iguazu sobre los temas que fueran juzgados pertinentes para el objetivo mencionado, tales como: motivación para migrar, redes de contactos y de vivencia en la comunidad libanesa de Foz de Iguzu, constitución de la identidad libanesa en Foz de Iguazu, transmisión de la identidad para las generaciones nacidas en Brasil, visibilidad e invisibilidad de la comunidad y las redes familiares en la diáspora. Esos temas, sumados a los estudios sobre Líbano y Foz de Iguazu (a titulo de comprensión y contextualización de los lugares tratados en el estudo), y comprensión amplia de conceptos-clave posibilitaron una profunda análisis de dados con a fin de concluir y validar la tesis que se presenta. De ese modo, esto estudio coloca Foz de Iguazu en el mapa de los estudios dedicados a la diáspora libanesa en Brasil.

Palabras-clave: diáspora; diáspora libanesa; inmigración; inmigración libanesa; identidade cultural inmigrante; comunidad libanesa en Foz de Iguazu.

Abstract

Lebanese diaspora is the central theme of this dissertation, which had specifically targeted to flow in Foz do Iguaçu, Paraná State, Brazil – on the border with Paraguay and Argentina – as the subject of debate. Arab immigration in general and specifically Lebanese is studied by different researchers in Brazil, usually with the focus turned to a group that arrived in the country at the turn of XIX-XX centuries, of Christian origin, worked as peddler and today largely acculturated. Compared to that, and opening new perspectives for the studies about the Lebanese migration/diaspora to Brazil, the community in question is more recent (starts around the years of 1950 until today), formed mainly by Muslims and by professionals from different areas, with emphasis on cross-border trade. The characteristics observed in this group, such as dual loyalty between the country of origin and destination, the constant contact with the Lebanon, many institutions organized and maintained by it, the number of elements and their flagrant visibility lead to distinguish it as diasporic, using contemporary reflections of the term. Theorizing that involves the concepts of diaspora and immigration, and subsequently the ideas related to immigrant cultural identity were the topics that have regularly taken place during this research that aimed to research central Arab diasporic relations between Brazil (Foz do Iguaçu) and the Lebanon in respect of the construction of cultural identity of immigrants and their descendants. To this goal, readings were made on the issues already mentioned, favoring authors dedicated to 'cultural studies' perspective of both Brazilians as foreigners interested in national cases or not. Also conducted interviews with immigrants and descendants of Lebanese in Foz do Iguaçu on the issues that are relevant for the purpose mentioned considered, such as: motivation to emigrate; contact networks and living in the Lebanese community of Foz do Iguaçu; Constitution of Lebanese identity in Foz do Iguaçu; transmission of identity to generations born in Brazil; visibility and invisibility of the community; family networks and in the diaspora. These issues, combined with studies on the Lebanon and Foz do Iguaçu (by way of understanding and contextualization of involved places in the study), and broad understanding of the key concepts have enabled a deeper analysis of data in order to complete and validate the thesis that now presents itself. Thus, this study puts Foz do Iguaçu on a map of studies devoted to the Lebanese diaspora in Brazil.

Keywords: diaspora; Lebanese diaspora; Immigration; Lebanese immigration; immigrant cultural identity; the Lebanese community in Foz do Iguaçu.

Sumário

Introdução	15
1. Migração e construção da identidade cultural imigrante: reflexões de partida	26
1.1 Compreender a diáspora contemporânea	27
1.2 O migrante e a sociedade local	31
1.3 A identidade cultural do migrante	34
1.4 A construção da identidade cultural migrante.....	41
2. O Líbano Ausente	48
2.1 O Líbano antes da Guerra Civil de 1975	49
2.2 A guerra civil libanesa de 1975-91	55
2.2.1 A guerra civil é uma realidade a partir de 1975.....	59
2.2.2 A Guerra esgota-se paulatinamente	63
2.3 A Diáspora Libanesa	65
2.4 Entidades libanesas relacionadas aos Emigrados	73
2.5 O Líbano atual	77
2.6 Divisão administrativa do Líbano	86
3. Foz do Iguaçu e o Líbano Presente	90
3.1 Como se formou o Líbano Presente: a imigração libanesa para Foz do Iguaçu	101
4. A imigração e a (Re)Construção das Identidades	111
4.1 Identificação geral e motivação para e/imigração.....	115
4.2 Redes de contato e vivência em Foz do Iguaçu.....	125
4.3 Constituição da Identidade em Foz do Iguaçu	131
4.4 Transmissão e Recepção da Identidade Libanesa	152
4.5 Visibilidade e Invisibilidade da Libanesidade em Foz do Iguaçu	162
4.6 Redes Familiares na Emigração.....	168
Conclusões.....	175
Referências Bibliográficas.....	186
Apêndice: Roteiros de Entrevistas.....	191

Introdução

Bismillah u Raham u Rahim.

Tinham acabado de desembarcar. Sentem-se tolhidos, perdidos, acuados em meio à estridência de sons, onde se confundem vozes, risos, gargalhadas, gritos, chamamentos, xingações, choros de alegria, murmúrios de decepção, perguntas em espanhol, em italiano, em alemão, em francês, em inglês. Se questionam: e em árabe, não haverá?
(MIGUEL, SALIM. 2008, p.15)

A questão da imigração, do ir e vir e do ocupar e reocupar, está diretamente intrincada na formação social do Brasil: desde sua descoberta, o país compõe-se de uma sociedade que sentiu o fluxo de novos membros vindos de culturas longínquas, mas que contribuíram com a sua própria chegada e depois permanência nesta sociedade. Estes imigrantes representam um duplo aspecto: de um lado reproduzem – às vezes durante gerações – elementos da sua cultura originária inserindo-os na sociedade receptora; e outras vezes integram-se extremamente rápido na sua situação local até abdicando dos seus parâmetros culturais de origem. Apesar dessa situação, muitas questões migratórias são relativamente pouco estudadas no cenário brasileiro.

Assim, também as discussões sobre imigração árabe em geral – com mais de sete milhões de descendentes (estimativas), um fluxo expressivo para o país – ainda não são ampla e profundamente estudadas no Brasil, apesar de sua longa história no âmbito nacional, principalmente nos seus efeitos sociais. Essa pouca atenção da função social da migração se diferencia bastante de outras partes do globo como na Europa, Austrália, Estados Unidos e Canadá, onde – principalmente, a partir dos anos de 1970, interculturalidade e assimilação, integração e segregação econômica, e questões educacionais foram foco dos debates. Uma das razões para isso pode residir no fato de que o Brasil deixou de ser um destino de imigrantes nos anos 1940, quando na era Vargas certo ‘padrão brasileiro’ ficou predominante no cenário nacional. Assim, a interação dos imigrantes árabes acontecia no Brasil de uma forma

pouco visível e mais silenciosa, e conseqüentemente, o desempenho econômico e social deste grupo não é tão ligado à questão étnica causando pouca relevância política.

Sem embargo, o Brasil volta a ser cenário de imigrações de diferentes fluxos, e embora o fluxo ao qual essa tese se dedica tenha rendido certa fidelidade ao destino Foz do Iguaçu em específico e Brasil em geral, não se encontram muitos trabalhos dedicados a ele. Não são muitos os autores que se debruçam sobre as mudanças na paisagem e no cenário nacional que propiciam e que se desenvolvem por meio e a partir da imigração em geral.

Conseqüentemente, reflexões sobre o ato de migrar, sobre a reconstrução das identidades em terras estranhas, a transmissão da cultura para as novas gerações nascidas em solo de destino para o emigrado, e outros temas correlatos, são recentes e mais localizadas. Na contramão de muitas regiões brasileiras, quando nos idos dos anos 1940, boa parte do Brasil deixou de ser atrativa para uma imigração internacional em massa (como por exemplo europeus orientais e japoneses), foi especificamente uma cidade a qual nesse mesmo período passou a ser muito atrativa para os árabes, principalmente para os libaneses: Foz do Iguaçu no Paraná.

Essa tese doutoral que aqui se apresenta trata da imigração libanesa para Foz do Iguaçu, investiga e debate a maneira como esses imigrantes e seus descendentes ajudam a tecer e colorir o tecido urbano local até o presente momento, em um constante ir e vir. Todavia, mais do que tratar diretamente a questão das identidades de libaneses e descendentes em Foz do Iguaçu, este trabalho quer trazer uma discussão ampliada, sobretudo em conceitos de autores não-brasileiros, que têm se dedicado profundamente a esta questão traçando paralelos e diferenças entre a situação de imigrantes no Brasil e em outros países.

Geograficamente, os estudos sobre imigração libanesa no Brasil desenharam um perfil muito claro sobre este grupo de imigrantes, com diferentes etapas. Os primeiros imigrantes chegaram ao país pelo porto de Santos, a partir de meados do século dezenove até as primeiras décadas do século vinte. Tratou-se de cristãos, dedicados à mascateação com evolução para comércios fixos e indústrias. Desse

modo, a sua atuação começou concentradamente e se espalhou nos meios urbanos por todo o país, com destaque para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Amazonas, Pará e Minas Gerais (KARAM, 2009; HAJJAR, 1985; TRUZZI, 2005 e outras obras e KEMAL, 2000. Para citar como exemplo). Estes imigrantes foram peça fundamental para o desenvolvimento do país, nas grandes cidades, interior e zona rural em razão de suas redes comerciais para todas as classes. Até hoje, os estudos tratam esses imigrantes árabes de forma unificada sírios e libaneses, e em alguns casos palestino, como um único grupo de pesquisa. Isso é algo muito incomum em outras partes do mundo, como no Líbano (no século XIX ainda uma província árabe), sempre foi uma região multicultural em termos técnicos, e ainda mais religiosos.

Com isso, pode-se asseverar que o fluxo orientado para Foz do Iguaçu, tem um perfil muito diverso deste: é muito mais recente, iniciado a partir dos anos 1940 (e em um fluxo que se pode dizer contínuo nos dias de hoje, com picos durante a Guerra Civil Libanesa – anos de 1980 – e início do Plano Real no Brasil, em meados dos anos 1990). Nessa imigração, a porta de entrada não é/era apenas o Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, mas o Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, e também o de Assunção (Paraguai), e outros. Agora não se trata de mascates, mas sim de comerciantes estabelecidos entre Foz do Iguaçu e a cidade vizinha paraguaia, Cidade do Leste, esses libaneses são em grande parte muçulmanos. Ao contrário da situação na Europa, onde a atuação de muçulmanos é socialmente restrita, a comunidade em Foz do Iguaçu encontra aparentemente suficiente liberdade do controle social, assim que pode se organizar em associações efetivas, construir mesquitas e escolas e principalmente obter sucesso financeiro, não dependendo assim de trabalhos em subempregos em áreas não desejadas pelos nacionais.

Entretanto essa tese não quer tratar a organização em redes transnacionais de famílias libanesas em Foz do Iguaçu, como trata por exemplo um trabalho sobre comerciantes libaneses na Costa do Marfim (PELEIKIS, 2000¹), mas sim trata de

¹ PELEIKIS, Anja. The emergence of a translocal community: the case of a south Lebanese village and its migrant connections to Ivory Coast. **Cahiers D'études Sur La Méditerranée Orientale Et Le Monde Turco-iranien**, Paris, França, n. 30, p.297-317, jun/dez 2000. Semestral

descrever essa comunidade dentro das suas particularidades e lógicas no Brasil, tentando compreender os libaneses numa investigação a-nacionais, no seu funcionamento e na sua etnicidade e atividade sócio-econômica em Foz do Iguaçu num universo das pesquisas sobre migração, seguindo mais os passos de sua cotidianidade do que de seu destaque étnico. Nesse sentido, é de valia ser uma não-árabe, não-libanesa e não-muçulmana, ou não descendente. Intenta-se aqui abordar a questão da migração no Brasil com novos parâmetros, diferentes daqueles que estudam os fluxos vindos no início do século passado: a migração hoje é um ato social comum (e não extra-ordinário como no ideário nacional) acontecendo ao redor do globo com meios globais, desde os meios de transporte, redes de contato, formas de comunicação, novas políticas e legislações e/imigratórias. Tudo isso faz a organização de uma comunidade estrangeira seja completamente diferente de outros tempos.

Assim, cabe mencionar que esse estudo trata de fluxos migratórios periféricos, ou seja, não se dedica a estudar as grandes correntes orientadas para os países que tradicionalmente recebem imigrantes e que conseqüentemente são objeto de estudo. Em sinalização a uma nova ordem geopolítica, aqui se apresenta um estudo sul-sul, que como tal sofreu as dificuldades de nadar contra a corrente sobretudo em termos de literatura: ora o que mais se encontra são casos e reflexões voltadas e enquadradas na realidade dos fluxos orientados para o sentido sul-norte, e esta nem sempre deu conta do caso que aqui se apresenta.

Neste sentido, o que se fez foi estudar os mecanismos pelos quais a identidade libanesa é acionada, como um objeto, na comunidade libanesa. A identidade dos imigrantes libaneses configura-se assim também como objeto metodológico importante para a compreensão do processo migratório em geral, e na tentativa de compreender como se constituem as relações destes imigrantes com a sua terra natal e a cidade de destino, sobretudo por meio da (re)criação de espaços em que podem, comunitariamente, preservar a cultura da terra natal. Esse território entre aqui ou além se constitui para os imigrantes libaneses na cidade de Foz do Iguaçu, de um lado na convivência cotidiana e local com a sociedade brasileira, em seus modos de viver, de agir, de associar-se, e mesmo de educar as novas

gerações, mas remete de outro lado, direta ou indiretamente, ao tributo que depositam no seu passado e na sua origem.

Nessa intenção, um diferencial da pesquisa empírica é a positiva abordagem e resultados com sujeitos do sexo feminino e muçulmanas. O que não é comum em estudos sobre a comunidade árabe em geral, e especificamente muçulmana. Mas essa tese pode apresentar um número bastante expressivo, frente ao número de entrevistados masculinos, de mulheres bastante dispostas a falarem sobre a construção de suas vidas e identidades em Foz do Iguaçu, seus conflitos e alegrias.

Assim sendo, pode-se comentar que a imigração presume uma construção social e histórica em outro local que não o de origem, seja para um grupo, seja para um sujeito e nessa construção se dão sentimentos de pertença e de abandono. Fausto (2000) acredita que esta temática de estudos, a imigração, além de mostrar-se bastante ampla, tem se voltado nos últimos anos para questões sobre a construção de novas identidades e da integração nos países receptores, e não mais a 'naturalidade' dessas identidades, dando pauta a estudos diversos como por exemplo: a capacidade associativa dos grupos; padrões alimentares; escolas étnicas; matrimônios; e etc. Para tanto o autor pensa que estudar os fluxos migratórios duas vertentes seriam relevantes: uma estrutural compreendendo os contextos históricos dos países emissores e receptivos; e outra ligada a micro história das famílias ou pequenas comunidades.

Como já explicado anteriormente, o estudo sobre migração que aqui se expõe é bastante diferente dos estudos sobre imigração para o Brasil na virada dos séculos XIX/XX, mesmo em se tratando de libaneses especificamente. Para tal, um novo marco teórico se abre para este tema de pesquisa, no qual se privilegiam temas ligados ao conceito de Diáspora, suas Identidades transculturais e sua localização, vistos nos dias de hoje e voltados aos deslocamentos e comunidades transnacionais (BHABHA, 2007; BRAND, 2008; CLAVAL, 2007; 1999; CUCHE, 2002; HALL, 2003; 2006; KOKOT, TÖLÖLYAN E ALFONSO, 2006; OSMAN, 2006; SAYAD, 1998; e outros).

A ideia de 'diáspora' está fortemente relacionada à ruptura dos localismos por si mesmos e aceita o desenraizamento, o estar lá e aqui constante, é com isso dizer que aceita o desenraizamento como forma social estruturante. Nessa concepção, as

formas de identificação e de pertença são cada vez mais híbridas para as comunidades diaspóricas. Dispersa por diferentes lugares do globo, essas comunidades podem usar como fonte de referência identitária não apenas o país onde vive ou onde nasceu, mas também o país onde vive um parente para onde se vai nas férias, ou se tem contato constante.

A partir desta reflexão inicial é que se desenvolve a compreensão da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu como um viver na diáspora por meio da migração. Estes dois aspectos têm muito em comum, até uma raiz única: a necessidade do deslocamento internacional torna-se um hábito social. A diáspora, traz consigo características próprias como um laço ao país de origem, com instalação de instituições e viagens constantes, sem deixar de se relacionar intimamente com o país anfitrião. Nesta configuração, o país de origem está sempre sendo rememorando, celebrado vivido ao longe. Para isso os meios de comunicação têm cada vez mais importância no processo de construção e manutenção da identidade na diáspora. Como os parentes de Foz do Iguaçu vão saber como vai ser o casamento de Hussein no Zahle? Ora, ele vai se casar com uma moça de boa família de Beirute, dizem que ela foi educada na França e a recepção vai ser muito elegante. Para esse tipo de situação inúmeras cópias do vídeo do casamento são enviados aos parentes, ou trechos são postados no site de internet youtube, por exemplo. O sheikh Bilal, de Khiara, vai gostar de saber como os libaneses em Foz do Iguaçu celebraram o último Eid², para isso mais vídeos são postados pelo youtube ou enviados pelo primeiro que embarcar para o Líbano. Esses pequenos exemplos demonstram como se reconstitui a vida diaspórica por meio das ferramentas comunicativas que permitem visibilidades, sonoridades internas nas comunidades por meio de longas distâncias entre parentes e amigos dos dois lados do processo diaspórico. Nesse sentido, a(s) cultura(s) também viajam na mesma velocidade das pessoas, e se mudam a cada deslocamento. Assim sendo, os signos fonte de identidade cultural também acompanham o mesmo fluxo.

Stuart Hall (2003, p. 30) menciona a identidade cultural na diáspora do Caribe, foco principal de sua reflexão e ponto de sua origem, é composta de forma híbrida. Configurada por muitos povos de origens diversas que compõe uma

² do árabe Celebração. Diz respeito às celebrações ocorridas no final do mês de Ramadã – Eid ul Fitr e no final da peregrinação (hajj) a Meca/Medina – Eid ul Adha (Festa do Sacrifício).

diversidade que é criada pelo colonialismo num novo ambiente de diversidade. Quando se leva essa discussão para o Líbano, aparecem as mesmas diferenças de convívio: terras ocupadas, esvaziadas, invadidas e reconstruídas por muitos grupos étnicos e religiosos que fazem parte da composição do Líbano há muito tempo. Assim, estas regiões de origem, o Caribe e o Líbano, apesar de sua história colonial diferente, fazem parte do elemento periférico da hegemonia colonial. Desta maneira, imigrantes vindos dessas regiões já trazem consigo uma forte capacidade em conviver com a diversidade, haja vista a diversidade de povos que conformam-se em um território dito nacional, mas sempre conheceram a obrigação de conviver com o outro hibridamente.

O caso dos libaneses no Brasil demonstra isso claramente. Por isso, uma das questões a serem apontados nesta pesquisa seria como se reconstrói o Líbano com uma imagem (tradicionalista?) homogênea no Brasil, enquanto no país de origem, as imagens étnicas são bastante diversificadas. Desta forma, a visibilidade da cultura libanesa no Brasil ganha uma nova expressão ofuscando as imagens tradicionais dos grupos étnicos libaneses, que até levam a conflitos violentos. A visibilidade ou a invisibilidade se tornam um fator social. Mas o jogo da visibilidade e invisibilidade no país de origem é mais complexo ainda, porque a decisão estratégica, o que se faz visível depende de diferentes razões que podem mudar entre o país de origem e o país receptor. Assim, o jogo da visibilidade/invisibilidade é a base da estruturação social e de fundamental importância nesta pesquisa. Sem embargo, há que se mencionar que a visibilidade e a invisibilidade, bem como a sustentação da diáspora em suas características, vai depender do nível de abertura que o país anfitrião oferece ao imigrante. Em países com tendência mais fechada ou controladora da diáspora, o se fazer visível como imigrante é mais difícil, enquanto em outros essa ação social é mais facilitada.

Nesse sentido, compreende-se que a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu tenha o necessário para ser classificada como diaspórica, e será tratada nesta tese como tal: é numerosa, detém muitas instituições, associações e agremiações na cidade, está em constante contato com o Líbano 'Ausente' seja por meio de viagens, seja por meios de comunicação pessoal e de massa variados, e é bastante visível aos locais e aos turistas que visitam a cidade. Pode-se dizer que em Foz do Iguaçu

construiu-se um Líbano ‘Presente’, com sutilezas e características, tal como no Líbano ‘Ausente’ pode-se ver.

A partir do entendimento de que a relação dos imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu constitui elemento fundante das relações sociais por estes construídas entre terras distantes e a terra natal, trata-se de analisar aqui como esta identidade, na sua dinâmica de manutenção, reavivamento e choque é vivida pelos filhos dos imigrantes libaneses nascidos no Brasil. Surge, neste momento o problema, como a pesquisadora pode representar esta identidade transversal no seu trabalho, vindo de outra compreensão, de uma compreensão do país receptor. Por isso, o objetivo geral desta pesquisa ultrapassa uma simples investigação: representa em si mesmo um diálogo no estudo das formas da vivência identitária, como objeto, e não como um elemento hermenêutico. Isto envolve não só os pesquisados, mas também a pesquisadora e sua própria identidade. Por isso, a pesquisa focaliza-se em entrevistas abertas que trazem informações dialógicas sobre a formação social dos entrevistados, como: a situação dos pais, a relação com os filhos e a vivência social com a identidade, na comunidade e na cidade como um todo, até por meio do contato com outras identidades. Desta maneira, a identidade dos filhos dos imigrantes ganha expressão visível dentro e fora do grupo, e deve ganhar ainda mais visibilidade no contato intercultural da entrevista.

Tal objetivo pressupõe uma preocupação com os caminhos percorridos pela comunidade libanesa no esforço de viver no país, preservando de um lado a memória localizada em terras distantes e a contundente necessidade de não abandonar os elementos culturais originais, e de outro lado a evolução de uma capacidade cultural de se adaptar ao ambiente cultural novo. Esta tensão constitui numa verdadeira luta pela vida, entendida esta no sentido da formação da identidade em meio a diferenças, luta que se faz de forma indireta também com a pesquisadora.

Neste sentido, a vivência dos filhos de imigrantes se dá em meio às pressões advindas da família e comunidade pela manutenção das tradições culturais, e ao mesmo tempo respondendo a necessidade deles de conviver, cotidianamente, com outros elementos culturais existentes na cidade. Esta tensão fundamental pode se dar subjetivamente nas escolhas culturais destes herdeiros, ou objetivamente, na

imposição de determinados comportamentos vistos como legítimos pela família e comunidade, que todos se revelam no diálogo com o próprio pesquisador. Há que se considerar, que muitos libaneses se auto identificam dentro de uma comunidade conservadora com a esperança da continuidade da cultura originária. Portanto, estes ‘velhos’ são os herdeiros responsáveis pela manutenção da identidade libanesa, sem a qual esta pode se perder, dando lugar a uma total aculturação ao Brasil. Para estes conservadores, esta atitude passa longe dos objetivos daqueles que atravessaram os oceanos para chegar a Foz do Iguaçu e ganhar apenas a vida, sobretudo no comércio. Curiosamente, só depois da chegada em sua vida não restou simplesmente uma vida individual, mas de certa forma uma reprodução social e cultural do Líbano com todas as especificidades possíveis a este intento na situação de imigração em terras distantes. Nesta situação, uns constroem seu papel como âncora da comunidade étnica, enquanto outros membros da comunidade preferem um aculturação e/ou integração maior questionando as atitudes conservadores e promovendo uma cultura ‘mais brasileira’. A própria pesquisadora acaba, assim, dentro de uma discussão interna da comunidade, e por isso precisa proferir sua pesquisa com muita cautela, como ela, como representante do país receptor, significa em alguns casos para os entrevistados um elemento da própria temática, da relação entre país de origem e país receptor.

Por isso, este estudo tenta objetivar a migração e identidade cultural como objetos metodológicos e não como fatos sociais a priori, visando a apreensão dos movimentos migratórios e sua dinâmica identitária por meio de um mútuo inscrever-se. Este objeto de estudo diz respeito à relação entre a construção, o manutenção e o desfazer da identidade cultural libanesa em Foz do Iguaçu. Ele foi escolhido, como já mencionado, em razão do destaque que a cidade de Foz representa no conjunto intercultural do Brasil como cidade fronteiriça e centro de atividades árabes no país. Dentro deste objeto se destacam diferentes dimensões dessa construção como o desenvolvimento de uma identidade libanesa na fronteira, o manutenção de saberes e fazeres tradicionais e contato cultural da comunidade estudada em contextos de diferença (étnica, nacional e por vezes religiosa) e processos de transmissão da cultura.

Para Eid (2007) os grupos árabes carregariam um rótulo religioso, principalmente muçulmano muito forte. Como isso, mas também além disso, eles também construíram um simbolismo relacionado às raízes históricas e lingüísticas oriundas do século XVII, desse o auge o Império Otomano, e o resultado disso tudo é que existem muitos conflitos internos no grande grupo árabe: a identidade e cultura árabe podem ser muito diversas (não apenas pelo elevado número de estados árabes, mas também pelas diversidades internas de cada país). Com isso os árabes acionam ou descartam essa identidade árabe na diáspora conforme a conjuntura política, histórica e econômica de cada subgrupo. Além disso, uma identidade árabe pode ser ativada ou descartada em razão de ações discriminatórias dentro do país receptor. É com isso dizer que *identidade árabe* seria um termo muito genérico para estudar os grupos, e que cada subgrupo (considerando etnias, estados e/ou religião) deve ser analisado em separado e não alijados do relevante fator de identificação árabe que é a relação com a família, tribo ou clã (que ao seu turno se relaciona com o local de origem, vilarejo ou cidade desses), além da religião como já mencionado. A identificação com o país propriamente dita fica em terceiro plano se comparada com a família e fé. Por isso neste estudo a pesquisadora tenta ter muito cuidado ao falar da identidade libanesa. Mesmo que muitos leitores no Brasil assumem ‘naturalmente’ uma identidade ‘brasileira, esta construção nacional identitária não é comum no Líbano, mas aqui ‘existem’ socialmente identidades com vilarejos e famílias bem como suas manifestações religiosas.

Pode-se ver que o assunto é complexo e demanda certa cautela metodológica. Não seria possível estudar esse tema apenas com observação generalizada ou referenciais teóricos. Fez-se necessário, ao contrário disso, uma coleta exaustiva de campo, do tipo entrevista com caráter qualitativo. As entrevistas discorreram sobre fatos concretos relacionadas às experiências cotidianas dos libaneses. Depois passam gradativamente para perguntas que envolvam uma reflexão mais abstrata e de julgamento. Assim como foi solicitado aos entrevistados que eles mesmos fizessem análises, comparações e hierarquizações, estabelecendo-se um diálogo entre entrevistado e entrevistador sobre processos de identificação, redes de contato e vivência da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu, constituição da identidade libanesa em Foz do Iguaçu, transmissão/recepção

da identidade para/pelas gerações nascidas no Brasil, visibilidade e invisibilidade; redes familiares e para fora delas.

As entrevistas descortinaram uma miríade de revelações importantes para o processo de análise das identidades libanesas em Foz do Iguaçu, e pontuam a importância do estudo. Assim, a tese se divide em três grandes capítulos, a saber: A imagem do Líbano Ausente; a cidade de Foz do Iguaçu como receptora do Líbano Presente e A Imigração e a (Re)Construção da(s) Identidade(s) entre esses dois Líbanos.

No primeiro capítulo, são tratadas reflexões teóricas sobre a imigração, a diáspora, e a reconstrução/criação das identidades de imigrantes e descendentes, como base em diferentes autores relacionados aos estudos culturais como forma de abordagem.

No segundo capítulo são abordados fatos marcantes da história libanesa bem como questões contemporâneas a fim de compreender e contextualizar geograficamente o país emissor dos imigrantes e a origem de sua diáspora, tentar compreender os entrevistados também pelo seu lugar de origem além de compreender o que é emigração para o Estado Libanês.

O terceiro e último capítulo será apresentada uma descrição da cidade de Foz do Iguaçu enquanto receptora de diferentes grupos de imigrantes, sua situação geográfica peculiar, e como os libaneses ali se organizaram como comunidade atuante. Nesse capítulo serão ainda apresentadas as análises das entrevistas de forma textual e seguindo os eixos temáticos supramencionados. Aqui ainda serão confrontados dados bibliográficos com as entrevistas para aprofundar as análises.

1. Migração e construção da identidade cultural imigrante: reflexões de partida

No caminho do aeroporto para casa, Yaqub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha. Yaqub olhou o pai e apenas balbuciou sons embaralhados. 'O que aconteceu?', perguntou Zana. 'Arrancaram a tua língua?' 'Lá, não mama', disse ele, sem tirar os olhos da paisagem da infância, de alguma coisa interrompida antes do tempo, bruscamente. (HATOUM, MILTON, 2000 pp,16-17).

A migração é o deslocamento temporário de pessoas para um país em busca de trabalho, no mais das vezes. O processo migratório seria simples de estudar, caso fosse apenas temporário, utilitário, e sem consequências socioculturais; entretanto, existem outras variáveis que não são mencionadas nas definições clássicas na qual se baseia esse trabalho, mas que são ligados a uma fenomenologia do sujeito migrante.

Considera-se que ao deslocar-se, o sujeito migrante deixa para trás sua origem – nasce neste momento o emigrante. Mas este mesmo sujeito leva consigo sua bagagem cultural, e ao desembarcar no país anfitrião, passa a ser um estrangeiro, um imigrante. Assim, deve adaptar sua bagagem cultural à do país que o recebe: aprender a nova língua, fazer parte ou não de uma comunidade composta por outros imigrantes, integrar-se no mercado de trabalho e no sistema educativo e social, etc., formando uma diáspora.

Para dar início a essa discussão, sem alijar a temática dessa tese, iniciar-se-á pela reflexão do que é diáspora e suas características. Após isso, a identidade cultural imigrante será estudada mais detalhadamente.

1.1 Compreender a diáspora contemporânea

O termo diáspora está muitas vezes atrelado ao êxodo bíblico, um deslocamento em massa de pessoas que pouco tem a ver com a diáspora contemporânea.

Na contemporaneidade, para Kokot, Tölölyan e Alfonso (2006) o conceito de diáspora tem adquirido uma nova posição teórica, sendo visto como um vasto campo de estudos como: processos globais de desterritorialização; migração transnacional; e hibridismo cultural. Essas seriam todas posições que negam o enraizamento *per se*, ou seja: as formas de identificação relacionadas à nação ou região implicando um declínio no localismo como ponto de referência para identidades coletivas. É com isso dizer, segundo os autores, que o conceito de diáspora está relacionado a múltiplas pertencas e hibridismo. Claro que isso levaria a uma dificuldade ao estudar o conceito como uma ferramenta analítica. Esse conceito, ainda, segundo os autores, tem abandonado a ideia de exílio, migração forçada, perseguição e perda em detrimento de uma ideia relacionada à mediação da cultura: os estudos relacionados à diáspora extrapolam o peso de ser imigrante, e chegam à negociação cultural.

Portanto, para definir a diáspora é preciso também definir os critérios para que ela ocorra em termos conceituais – vale atentar que a diáspora é ainda uma definição em aberto, os autores alegam.

Stephan (2009, p. 146, apud MATTAR, 2004 com tradução nossa) explica que:

o termo diáspora é derivado do verbo grego *speiro* (semear) e a preposição grega *dia* (por). Todas as diásporas têm em comum características de significado: elas são resultado da junção de voluntarismo e imposição para migrar; seus membros desejam e estão aptos a manter a sua etnoidentidade nacional que é a base para a contínua solidariedade, membros estabelecem em seus países anfitriões organizações intrincadas que têm a intenção de proteger os direitos dos seus membros e de encorajar a participação em ações culturais, políticas, sociais e econômicas; e os membros mantêm contínuo contato com seus países de origem e outros segmentos da mesma nação.

Não se pode qualificar como diaspórico qualquer grupo de imigrantes, ao contrário, a diáspora exige mais do que um simples processo de migração e deslocamento, mas representa um conjunto de processos sociais e psicológicos. Stephan (2009) salienta que a lealdade na diáspora é sempre questionada, sobretudo durante tempos de conflitos.

No caso dos libaneses-americanos, menciona o autor, isso se torna flagrante quando há conflitos no Oriente Médio, eles deixam de ser vistos como americanos pelos próprios americanos. Pode-se dizer que aquele que vive a diáspora está sempre em conflito entre ser o externo e tentar adequar-se à lealdade nacional. Mas isso sem deixar de ser um estrangeiro, e isso lhe custa caro em situações em que a lealdade é posta em prova. Por consequência, a diáspora não é caracterizada aqui por apenas um deslocamento: as populações saem de seu país de origem para outro país, não estando satisfatória a situação trocam de país estrangeiro ou regressam ao país de origem por um tempo e assim sucessivamente. É um posicionamento psicológico, o qual nunca muda devido a situações psicológicas coletivas. É um nunca estar e sempre estar, é construir constantemente redes transnacionais.

Kokot, Tölölyan e Alfonso (2006) tratam do transnacionalismo explicando que este está relacionado ao processo de construção e manutenção de redes sociais para além das fronteiras nacionais. Pode-se dizer que se trata de uma rede de lealdade dupla, entre dois países: o de origem e o de destino. Essas redes podem ser exemplificadas como sendo as que os migrantes constroem e mantêm no país de origem após emigrarem ou a conexão com outras comunidades diaspóricas, e isso alude a um elevado nível de comunicação, intercâmbio e reciprocidade, coesão social e compartilhamento do repertório de símbolos e representações coletivas: o que significaria a sobrevivência das comunidades transnacionais. Mas os autores salientam que a diáspora não deve ser encarada de maneira isolada à sua história e seus contextos espaciais, pois ela sempre é um espaço de relações imaginadas entre as comunidades diaspóricas e suas terras de origem.

Na definição de diáspora, o forte relacionamento com o país de origem aliado a relacionamentos com outros membros em países diversos é fundamental. Sua etnicidade define, de forma simbólica a visibilidade (ou não) da diáspora. Em base

destes critérios se elaboram depois redes de contato e de comunicação, que são a base social e interativa da diáspora.

Ao seu turno, Safran (2006) explica que as comunidades diaspóricas são mais do que comunidades de minorias ou de imigração, são relacionadas a comunidades que se movem ao redor do mundo com algumas particularidades que as caracterizariam como tal:

são tipos especiais de imigrantes que mantêm com relação ao seu país de origem uma memória, uma conexão cultural, uma orientação geral; eles têm instituições que refletem algum aspecto da sua cultura ou religião; eles se reportam (simbólica ou praticamente) ao seu país constantemente; eles têm algumas dúvidas quanto à sua aceitação no país receptor; e muitos deles mantêm o mito do retorno. (SAFRAN, 2006, p.10 com tradução nossa).

Safran (2006) atenta para o fato de que as diásporas não precisam necessariamente ser étnicas, mas sim podem ser religiosas, como um caso claro dos budistas tibetanos; também existiriam aquelas diásporas ideológicas como a dos espanhóis anti-fascistas, ou ainda como exemplo dos nazistas alemães e austríacos que migraram para a América do Sul. Ou seja, pode-se concluir que tudo depende da inclinação que leva à emigração e quais são as bandeiras que o povo levanta ao estabelecer-se como imigrado.

No mesmo sentido, Klein (2000) observa que a maioria dos migrantes não deseja abandonar suas casas ou comunidades – posto que se pudessem escolher ficariam em sua terra de origem. Para o autor, a migração não começa “até que as pessoas descubrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem” (KLEIN, 2000, p. 13). Para isto, as econômicas são constituintes do preponderante fator de expulsão, e quando ganham perduração tornam-se, além do elemento simbólico, um elemento social.

Neste debate, existem diferentes atitudes científicas para com a diáspora. Uns definem a diáspora como característica de ausências e de faltas, até de oposição contra o que se considera ‘normal’. Nesses termos, para Stephan (2009),

Diaspor-ismo é um conceito que reflete sentimento de estar entre-lugares, dupla lealdade e ausência de autenticidade. Esse conceito é explorado em 3 diferentes perspectivas: a primeira perspectiva é que o país de origem que

é considerado por eles como uma comunidade distante é refletida na definição de diáspora como uma forma de produção de relações sociais no lugar longe de casa. Isso implica uma perspectiva muito convencional da antropologia na vida social, a persistência da tradição (identidade) em oposição à distância do país de origem. A identidade na diáspora é constituída contra a sociedade nacional fora de um senso de pertença. (STEPHAN, 2009, p.145 com tradução nossa).

Para Hall (2003, p. 36), é relevante ver a diáspora por meio da cultura e como contribuição através de uma nova espacialidade:

uma subversão dos modelos culturais globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o lugar. [...] As culturas, é claro, têm seus locais. Porém, não é mais fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo.

Destarte, o sentido de pertença na diáspora é sempre difuso, se é e não é, está e não está. A(s) pertença(s) e a(s) identidade(s) sendo múltiplas são acionadas em momentos diferentes, a depender da situação ou grupo ao qual se está em contato no momento. Isso pode gerar crise e confusão, mas tal multiplicidade, esse trânsito entre diferentes grupos, faz do migrante ser parte de todos, sempre de outra forma, o que pode ser definido de certa forma como vida do diaspórico.

Safran (2006) explica que os níveis de conexão com o país de origem que caracterizariam a diáspora variam de acordo com o nível de abertura que o país receptor permite as manifestações, da mesma forma que deve ter uma relação numérica e espacial: é necessário haver um número de pessoas que sustente as instituições e constituam uma massa crítica sobre e também requer espaços simbólicos onde possam ser constituídas memórias, como templos, bairros, praças, ou outro tipo de edificação. O espaço cibernético igualmente começa a ganhar campo nesse movimento. O autor segue dizendo que é necessário que esses espaços e manifestações tenham algum tipo de visibilidade no país receptor. A visibilidade, torna-se um elemento social fundamental da diáspora.

Diásporas também apresentam fatores temporais. Eid (2007) atenda que na diáspora os filhos de imigrante nunca reproduzem o mesmo modelo cultural de seus pais, considerando a influência externa eles criaram um modelo muito próprio de cultura, com elementos que são acionados dentro e outros fora de casa. Sem embargo, o autor explica que no que tange ao caso árabe e sua relação de clã familiar ainda cabem muitos estudos com descendentes, considerando este apego à família.

Nesse sentido, a diáspora, a qual é o tema em questão dessa tese representa uma forma geográfica, tanto em termos simbólicos, como em termos políticos e sociais. Não se trata apenas de uma migração comum, mas atendendo às características mencionadas, mas também sem deixar de lado alguns dos aspectos da migração, principalmente aqueles relacionados à identidade cultural, tema que será abordado a seguir.

1.2 O migrante e a sociedade local

Muitos são os autores que tratam os imigrantes como minorias, o que de fato são no país anfitrião. Não raro, a história oficial nega estas minorias, os símbolos nacionais muitas vezes as ignoram, e a identidade nacional é criada e até reforçada pelas ideologias dominantes que utilizam tais minorias apenas como elementos contrastantes da própria nacionalidade e hegemonia. Esquece-se com isso muitas vezes a contribuição econômica, produtiva e de trabalho dos imigrantes na construção nacional. Assim, são eles que criam, ou ajudam a criar, fisicamente as imagens da identidade nacional, mas a sua própria presença fica despercebida neste imaginário. Isso é bastante flagrante nos países do Golfo Pérsico onde a mão de obra da construção civil é basicamente composta por imigrantes do Paquistão, Bangladesh e Líbano, essas obras consideradas joias da arquitetura e milagres da engenharia dão ao lugar uma identidade de modernidade urbanística, mas quem nelas trabalhou é absolutamente ignorado nesse processo da construção da identidade/imagem propriamente dita. E exemplos como esse não faltam na literatura e na observação da sociedade contemporânea.

Para Bhabha (2007), assim as minorias fazem parte não apenas da história de uma nação, como também devem ser abarcadas em seu presente. Para tal, ele propõe uma dual relação entre o “pedagógico” e o “performático” na construção nacional. O “pedagógico” nessa relação se encarregaria de contar a história da nação, enaltecendo o passado construído por um povo homogêneo (não raro baseado em estereótipos criados para seus interesses) e narrado como a história nacional. Essa própria História leva o povo-nação a ser o povo homogêneo que o representa, tornando a sua cara, sua imagem. Por outro lado, o “performático” daria conta das ações e produtos culturais do presente que são construídos por grupos heterogêneos compostos pela maioria e por minorias marginalizadas, que fazem o povo-como-um-da-nação.

Claro está que um grande abismo reside entre esses dois elementos trazidos por Bhabha, e muitos também são os agentes que forçam em sentidos opostos, medindo poderes na sociedade para que esse sistema engrene. Ora, a história de um país traz a narrativa heroica de seu povo, não raro genuinamente puro, mesmo que essa ideia cause graça em qualquer cientista social, ou quando há algum tipo de agente distinto daquele que compõe o ‘povo nacional’ esse é sempre subjugado pelo segundo. Entretanto, poucas, ou quiçá nenhuma, sociedade hoje pode dar-se ao efeito de dizer que é pura, sem mesclas ou sem intervenção de outros externos, daí entra em cena o elemento performático, que considera as diferenças e os diferentes dentro de um povo. Sem embargo, esses sujeitos diferentes ainda têm seu lugar pouco prestigiado na história, ou quando isso ocorre essa história é levada para longe do cotidiano atual, não raro se lhes ocorre lembrar do outro em momentos-chave como claramente se vê nas campanhas eleitorais nos Estados Unidos e a relação dos candidatos/partidos com os imigrantes latinos sobretudo. Quer dizer, não há referência gratuita ao outro nos momentos oficiais de um país, mesmo que esse outro esteja lá, sempre lá.

No Brasil, a necessidade de rotulação é latente: um descendente de avô ou bisavô oriental, seja qualquer país do extremo oriente, vai ser sempre o ‘japa’ ou o ‘japonês’, sobre ele todo o tipo de estereótipo e imaginário recai: muito trabalhador, muito inteligente, muito rigoroso com a família, gente calada... e quando se vê uma dessas pessoas faceiramente sambando em uma quadra de escola de samba isso

chama atenção: 'olha o japa sambando!'. E outros exemplos podem ser dados, o neto de libanês que vai ser sempre o turco pão duro e comerciante... entre outros para mencionar alguns pré-conceitos estabelecidos da primeira fase da imigração dos sírios-libaneses, a fase dos mascates.

Esses exemplos servem para reforçar a ideia de que o migrante, o outro, o diferente é um agente estranho na sociedade brasileira, e isso não tem relação com tolerância, cabe ressaltar, mas pode-se a partir dessa reflexão inicial asseverar como a imigração é ainda assunto imaturo na sociedade brasileira. Mas que com o andar dos acontecimentos sociais/econômicos no país e na região do Mercosul, essa realidade tende a mudar, essas discussões devem maturar. O Brasil está paulatinamente deixando de ser um país de emigrados para ser um país de imigrantes com suas diásporas. Com isso novas questões devem ser postas à mesa de discussão na sociedade local, entre elas as diferenças culturais que serão mais e mais latentes e tornam-se performáticas.

Nessa performance, se originam diferenças culturais e de identidades. Hall (2003) aposta que atualmente se está numa situação na qual o processo da globalização mostra uma tendência à homogeneização cultural, enquanto se observa igualmente um forte movimento de elevação da diferença, advindo das minorias, que desejam ser vistas como diferentes. Isso seria, para o autor, o paradoxo contemporâneo. "O eixo vertical do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças locais as quais o globo-vertical é obrigado a considerar" (HALL, 2003, p. 57). Mas para o autor, no contexto global, a luta entre o local e o global não está amplamente definida, pois não se trataria de uma forma binária de diferença entre o que é igual e o que é diferente, mas de um momento de diferenças e semelhanças.

Hall (2003) explica que, neste sentido, o localismo dos imigrantes não seria um passado residual, mas sim algo emergente, como uma sombra que acompanharia a globalização, alguma coisa que retorna para transformar-se em seus estabelecimentos culturais. O local, do qual Bhabha falou, assim, não é estável, pois resiste apenas ao fluxo homogeneizante do universalismo de forma distinta. Tal localismo provisório emergiria em muitos locais, especialmente com a migração que

“trouxe as margens para o centro, o particular multicultural disseminado para o centro da metrópole ocidental” (HALL, 2003, p. 59).

A partir dessa acepção de Hall, pode-se opinar que as grandes metrópoles do mundo ocidental, repletas de trabalhadores imigrantes, são lugares que se pode dizer ‘lugar-mundo’: com a particular característica de ter aspectos culturais de muitos lugares do mundo dentro de si. Essas características podem ser diversas: uma forma de organização do comércio, templos, serviços de alimentação e entretenimento, a língua falada e escrita, e tantos outros aspectos que conferem particularidades às grandes cidades como Londres, Nova Iorque, Berlim, Paris, Barcelona, Frankfurt, São Paulo, e tantas outras. Mas cabe salientar que essas características não são exclusividade de grandes cidades, mas sim de qualquer uma que tenha atrativos suficientes para captar trabalhadores imigrantes, aí se classifica Foz do Iguaçu, e até mesmo Mainz (Alemanha), onde a pesquisadora passou alguns meses de intercâmbio científico.

Essa compósita de características estrangeiras demonstram dois aspectos em uma cidade: ali há luta pela identidade de grupos específicos; bem como há identidade cultural e de lugar em constante construção.

1.3 A identidade cultural do migrante

A identidade cultural é um conceito amplamente debatido. Essa amplitude não se dá de forma injustificada, porque não se trata apenas de uma discussão acadêmica, mas também de um questionamento social sobre a auto compreensão de uma sociedade multi-cultural e sua capacidade de lidar com o que é diferente. Mas já a ideia da identidade cultural não é única, ao contrário: varia bastante. Contudo, antes de entrar nas reflexões sobre a identidade cultural propriamente dita, há que se aclarar que o termo frequentemente é confundido ou utilizado como sinônimo de cultura. Para Denys Cuche (2002), existe de fato um elo entre ambos os conceitos:

a cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que

não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. [...]. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (CUCHE, 2002 p.176).

Ou seja, a cultura é inerente a qualquer grupo, pois é caracterizada pelo seu modo de vida (CLAVAL, 2007), ela existe sem que nela se pense ou se a programe. Sem embargo, um grupo só se dá conta de sua cultura quando ele entra em contato com o outro, quando há confronto ou comparação entre dois, ou mais modos de vida ou de ver a vida. Aí pode ocorrer a construção da identidade cultural, que existe para dizer ao outro de onde um grupo vem, quem é. Os mecanismos de manutenção ou até mesmo as variações da identidade sempre podem promover alterações na cultura, que *per se* é mutante em termos sociais.

Para Zugueib (2005), a identidade cultural oferece ao sujeito significações históricas e sociais que lhe servem como referências e orientações acerca dos valores e modelos que encorajam a produção de sentidos, comportamentos e das representações na sua etnicidade. “Assim obtendo contornos de sua diferença, o sujeito pode se projetar e se situar a partir desses sistemas, que, articulando-se à sua cadeia significativa e à lógica de seu funcionamento mental, vão moldar seu laço inter psíquico na sociedade da qual ele faz parte” (ZUGUEIB, 2005, p.09). Nestes moldes, o processo identificatório é sempre uma construção psicossocial, cujo resultado – o sentimento de identificação – será uma inacabada representação subjetiva nos ensaios realizados pela pessoa para se auto conceber.

As diferenças entre cultura e identidade cultural, então, se justificam no fato de que a identidade se mostra em contextos de diferença, ou seja: se dá conta da identidade, conscientiza sobre a marca cultural da diferença, em contato com outro por meio de imagens vinculadas sobre o eu e o outro. Ao passo que a cultura independe desse contexto de diferença e consciência, esta faz parte das ações no cotidiano de um grupo. No mundo pós-moderno, seguindo Cuche (2002), a identidade está na moda, devido à “[...] exaltação da diferença que surgiu nos anos setenta e que levou tendências ideológicas muito diversas e até opostas a fazer apologia da sociedade multicultural [...]” (CUCHE, 2002, p. 175).

Por exemplo, Cuche (2002, p. 176) explica que nos Estados Unidos, no âmbito das ciências sociais, o conceito de identidade cultural surge nos anos de 1950 como um “instrumento adequado para analisar os problemas de integração dos imigrantes”. Nessas abordagens dos anos 50 os autores ainda seguiam uma ideia que concebia a identidade cultural como imutável e determinante da conduta dos indivíduos. Esta imagem de uma identidade fixa permeia ainda a abordagem de Paul Claval (2007, p. 181), mas este autor já ressalta que os sentimentos de identidade têm consequências contraditórias: “eles favorecem, através de sentimento de territorialidade, a emergência de espaços culturalmente homogêneos, e, ao mesmo tempo, permitem aos indivíduos ou aos grupos manterem suas especificidades quando estão misturados entre si”. Manter a identidade não impede, assim, a relação entre os diferentes, mas sim introduz limites ou fronteiras que coíbem a aceitação do que julgue ameaça aos seus valores centrais. Esse tipo de relação pode ser verificado entre imigrantes e locais ou mesmo entre outros imigrantes: há constantemente uma delimitação de fronteiras entre o eu e o outro, e claro, aí também ocorrem conflitos, debates, lutas e negociações pelo o que é aceitável e o que é rechaçável para o convívio dentro do eu que venha do outro. Além disso, também há a negociação constante sobre que parte do eu se pode flexibilizar, mostrar, debater e qual parte se deve recolher e proteger do olhar e da presença ameaçadora da mescla que vem do outro.

Woodward (2007, p.21) analisa o processo da imigração de forma diferente, quando focaliza não no contraditório, mas no processual e opina que a imigração “produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”. A autora constata a dispersão de movimentos migratórios na atualidade, que produziria identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares de formas diferentes. Os sujeitos migrantes, não raro à margem da sociedade hospedeira, assumem hoje sua marginalização com forte reafirmação de suas identidades de origem, sobretudo por estarem em contato com o outro. Há que se concordar com a autora, mas não sem concluir que essa identidade plural se dá à base de conflito dentro do grupo homogêneo, sobretudo no contexto das relações inter geracionais, bem como negociação de conflito interno: Quem sou eu? Até onde posso ir em relação do outro? No que estou me transformando em termos de sujeito social/cultural? O que devo preservar? O que

faz parte de mim como constituinte do meu eu particular e o que eu posso descartar?

A identidade cultural se forma principalmente em elementos diferenciados. Assim, Claval (2007) destaca três componentes, que são básicos no entendimento da modernidade e concorrem para a formação das identidades culturais, a saber: a vontade de se conformar aos usos de um grupo; a ideia de uma origem comum; e a construção da pessoa baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida ao redor dos valores centrais da cultura.

Para Cucho (2002), a questão da identidade cultural leva em um primeiro momento à problemática mais ampla, ligada a identidade social, da qual ela é um dos componentes. Na psicologia social, a identidade “é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo” (CUCHO, 2002, p. 177). Neste momento, a identidade exprime as diferentes interações entre indivíduo e seu meio. Cucho (2002, p.117) explana ainda que a ideia de identidade social está caracterizada assim “pelo conjunto de vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc.”. Assim, ele crê que a identidade possibilita que o indivíduo se aloque e interaja em um sistema social e seja alocado socialmente.

Contudo, Cucho (2002) alerta que a identidade social não trata especificamente de indivíduos, mas sim de um grupo, o que corresponderia à sua definição social, sua imagem. Forma-se, assim, a faceta cultural inclusiva e excludente da identidade social, e ao mesmo tempo a identificação cultural de seus membros, excluindo os membros de outros grupos. É com isso dizer: quem é de dentro e quem é de fora, mas sempre numa relação de mão dupla, no mesmo momento em que um grupo exclui é excluído. Assim, para Cucho (2002, p.117), “a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural”, e a diferença sempre relacionada com a visibilidade: só se percebe o diferente quando este está à mostra.

O processo da distinção passa pela imagem (é não necessariamente pelas interações em si), que são marcados em intensidades diferenciadas. Woodward (2007, p.10) adverte que algumas das diferenças são assim mais decisivas do que

outras. Em muitos casos, as intensidades se exprimem por meio de símbolos, por exemplo, nas marcas usadas na linguagem, no hábito, na atitude, assim que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”

Neste sentido, pode-se falar, no caso dos imigrantes, de grupos que de um lado se diferenciam por suas características culturais, nos quais ganham sua forma em imagens, mas que são também do outro lado encravados na sociedade pelos processos da integração social, e até pelos processos de individualização no espaço.

Cuche (2002), neste sentido, diferencia alguns modelos teóricos culturais. Alerta que para uma abordagem culturalista, a ênfase da identidade cultural não deveria ser colocada apenas sobre a cultura, mas nos seus modelos culturais. Isso se dá em razão de que o indivíduo interioriza os “modelos culturais que lhe são impostos até o ponto de se identificar com seu grupo de origem” (CUCHE, 2002, p. 179). Nesta concepção, a identidade é preexistente ao indivíduo de forma que “toda identidade cultural é vista como consubstancial com uma cultura particular” (CUCHE, 2002, p. 179).

Outra compreensão considera que a identidade etno-cultural é primordial para a identificação individual, pois a vinculação ao grupo étnico seria a primeira e mais fundamental das vinculações sociais. No grupo étnico se dão os vínculos determinantes, com bases sólidas em uma genealogia comum, e estas são interligadas com as emoções e solidariedades mais profundas, e logo estruturantes. Sob este viés, a identidade cultural passa a ser vista como uma “propriedade essencial inerente ao grupo porque é transmitida por ele no seu interior, sem referências aos outros grupos. A identificação é automática, pois tudo está definido desde seu começo” (CUCHE, 2002, p. 180).

As duas teorias, para Cuche (2002), se reencontram na concepção objetivista da identidade cultural, quando a definição da identidade cultural e a identificação primordial com ela se fazem a partir de critérios determinantes, postos como objetivos, tais como a origem comum, a língua, e religião e outros.

Além destas teorias objetivistas, Cuche (2002) relata também as teorias subjetivistas. Estas preconizam que a identidade cultural não deve ser reduzida à sua dimensão atributiva, não sendo uma identidade recebida definitivamente. Segundo o autor, para este grupo, “o importante são então as representações que os indivíduos *fazem* da realidade social e de suas divisões” (CUCHE, 2002, p. 181 com grifo nosso). Nesse sentido, a identidade étnica nada mais seria que um “sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau” (CUCHE, 2002, p.181), em forma de processo. A questão que se oferece com os subjetivistas é que, segundo o autor, estes levam a identidade a uma mera questão de escolha individual arbitrária. Entretanto, ao ver desta pesquisa, essa abordagem parece meritosa quando considera o caráter mutável da identidade; e o arbitrário não se confunde com aleatório.

Contudo, ainda ao ver desta pesquisa, abraçar exclusivamente as abordagens objetivistas ou subjetivistas seria colocar-se em um impasse, porque descontextualiza os elementos da situação específica.

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior dos contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais (CUCHE, 2002, p. 182).

Assim, o próprio sujeito e sua concepção tornam-se importantes na compreensão do imigrante. Para Hall (2006), a reflexão sobre identidade cultural se desenrola ao longo do tempo sob as formas de subjetivação, na medida de três concepções de identidade: a) sujeito do Iluminismo; b) sujeito sociológico; e c) sujeito pós-moderno.

- O sujeito do Iluminismo era baseado numa concepção de pessoa humana como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia” (HALL, 2006, p. 10). Esse sujeito

permanecia essencialmente o mesmo ao longo da sua existência. Tal concepção era muito individualista, pois coloca o sujeito ao centro de tudo, como se o indivíduo tivesse o poder total. Mas não se pode concordar com essa assertiva no momento atual, onde as forças de blocos econômicos e a globalização, juntamente com o poder da comunicação assumem esse papel.

- O sujeito sociológico era um reflexo da crescente complexidade, cientifização do mundo moderno e a consciência de que “este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11 com grifos do autor). A identidade seria construída ali na influência mútua entre o eu e a sociedade. Ou seja, o sujeito ainda contaria com um núcleo ou essência interior que seria o seu eu real, mas este viria a ser formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006).
- Para o sujeito pós-moderno, a identidade se torna em uma celebração móvel, pois se transforma continuamente em relação aos sistemas culturais que cercam esse sujeito. Essa identidade, segundo Hall (2006, p. 13) é definida historicamente.

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Ao compreender as distintas acepções e evoluções do pensamento sobre identidade cultural dos dois diferentes autores, a reflexão avança sobre o terreno da construção da identidade.

1.4 A construção da identidade cultural migrante

No que diz respeito à construção da identidade, segundo Cuche (2002), passa pela relação entre grupos diferentes. Com apoio em Barth, o relevante não seria inventariar as marcas culturais distintivas, mas sim determinar aquelas que são utilizadas pelo grupo “para afirmar e manter uma distinção cultural” (CUCHE, 2002, p. 182). A identidade, assim sendo, é percebida no contexto de diferença entre grupos sociais distintos entre si. Nesse processo, a identidade seria construída e reconstruída a todo o momento reunindo o construto e a construção: objeto e processo. Isso quer dizer que se faz relevante observar, em estudos como esse que aqui se apresenta, o que é distintivo segundo o próprio grupo, e não de acordo com o pesquisador ou outro observador.

Este processo-fato acontece dentro de esquemas de poder, e assim a identidade é relacionada ao poder de um grupo, ao poder que este tem de impor e demonstrar suas características. Seria reducionista, portanto, definir cada identidade como pura, e não levar em conta o caráter heterogêneo que gere as relações entre os grupos. Ainda mais, o conceito de uma identidade pura impede, seguindo o autor a compreensão das identidades mistas, frequentes em todas as sociedades.

A pretensa ‘dupla identidade’ dos jovens de origem imigrante está ligada, na realidade, a uma identidade mista. Ao contrário do que afirmam certas análises, estes jovens não têm duas identidades opostas entre as quais eles se sentiriam divididos, o que explicaria sua perturbação de identidade e sua instabilidade psicológica e/ou social. Esta representação nitidamente desqualificante vem da incapacidade de pensar o misto cultural. Ela é explicada também pelo medo obsessivo de uma dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional (CUCHE, 2002, p. 193 com grifo do autor).

Hall (2006) aponta o caráter político da construção da identidade quando relata que a identidade cultural passa pela cultura nacional moderna de forma indissociável, pois ela seria uma das principais fontes de identidade cultural: quando um sujeito usa como qualificador sua nacionalidade e se coloca, por exemplo, como galês, brasileiro ou indiano, como se houvesse uma única marca identitária dessas nacionalidades, desconsidera as pluralidades dentro desses qualificadores. Mesmo assim aceita a pluralidade do conceito, tratando o conceito apenas de forma

metafórica. Consequentemente, as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação, e assim ser inglês significa em razão de como a inglesidade é representada (como um conjunto de significados) um ato metafórico, e não naturalizado.

Tal conceito de nação ultrapassa a entidade política, porque a considera como elemento que produz sentidos. Dessa forma, a nação ganha outro significado posto que as pessoas não apenas são cidadãs de uma nação, mas também “participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica esse poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (HALL, 2006, p. 49).

Desta maneira, o conceito da nação é também baseado num grupo étnico, mas numa auto referência, e não numa relação, como é no caso do imigrante. Hall (2006, p. 50) diz que a cultura nacional é composta não apenas por instituições culturais como também de símbolos e representações, sendo “uma cultura nacional um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Assim, as culturas nacionais produzem seu próprio sentido, gerando identificações e construindo identidades. Conforme Anderson (2008), esta comunidade é uma comunidade imaginada. Hall (2006) diferencia cinco pilares nesta construção da comunidade:

- A narrativa da nação

tal como é contada e recontada nas histórias e na literatura nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido a nação. Como membros de tal comunidade imaginada, nos vemos no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após a nossa morte”. (HALL, 2006, p. 52)

- A ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade:

A identidade nacional é representada como primordial – está lá, na verdadeira natureza das coisas, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser acordada de sua longa, persistente e misteriosa sonolência,

para reassumir sua inquebrantável existência. Os elementos essenciais de caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento unificado e contínuo, imutável ao longo de todas as mudanças, eterno (HALL, 2006, p. 53).

- A invenção da tradição referindo-se a um

passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas”....“entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas [...] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (segundo Hobsbawm 2006, p. 10)

- O mito fundacional:

uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo real, mas de um tempo mítico (HALL, 2006, pp. 54-55).

- A ideia de um povo ou *folk* puro,

nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo primordial que persiste ou que exercita o poder (HALL, 2006, pp. 55-56).

Tal ideia de uma nação como comunidade local foi apenas construída na modernidade e baseia-se em uma ferramenta política que considera a população sendo baseada num pertencimento genético, sendo nato nessa comunidade (*natio*) que, por sinal, na sua definição não consiste de nenhum elemento biológico. Esta naturalização permite desconsiderar como os seus membros são diferentes em termos de classe, gênero ou raça, para buscar unificar todos em uma identidade cultural.

Mas isso anularia (possivelmente) as diferenças. Por isso, Hall (2006, p. 62 com grifo nosso) propõe outra forma de pensar a cultura nacional falando de um “dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas

são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural”. Neste sentido, para ele as nações modernas são todas culturalmente híbridas e diferenciadas nas suas imagens.

as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para costurar as diferenças numa única identidade (HALL, 2006, p. 65).

Trata-se, no todo, de uma história de imagens identitárias em disputa, de uma investigação do posicionamento do imigrante neste contexto. Aqui a construção da identidade cultural ou social pressupõe que o indivíduo se identifica com as imagens identitárias. Por isso, procura-se entender agora, como um indivíduo estabelece sua vivência de forma identitária na sociedade receptora.

Para Silva (2007, p. 74), a identidade “é simplesmente aquilo que se é (...). A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um fato autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente”. Entretanto, a diferença é como a identidade, mas relacionada ao outro: aquilo que ele é.

Ambas, identidade e diferença, simplesmente existem e estão em uma relação de estreita dependência e oriundas dos contextos sociais e culturais. Segue o autor: “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” (SILVA, 2007, p. 81). Eles “estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (SILVA, 2007, p. 81). Nesse processo de marcação de identidade e diferença reside o processo de inclusão e exclusão.

Martins (2007) explica que haveria quatro vias não excludentes para se trabalhar com a construção da identidade, sempre dependendo do posicionamento

individual do imigrante, e não mais tanto da sua cultura grupal: identidade por assimilação ou apropriação; identidade por contraste; identidade por rejeição; e identidade por diferença.

- A identidade por assimilação ou apropriação, segundo Martins (2007, p. 40) também pode ser chamada de aculturação e “corresponde ao processo de submissão do sujeito a outro ou a uma comunidade, ou de uma comunidade a outra, em que se funde”. Isso pode ocorrer em processos históricos, “na medida em que a projeção do enraizamento temporal, no passado, procura tecer uma identidade que se aproprie dos elementos originários do espaço, do meio e do tempo respectivos a cada indivíduo ou grupo” (MARTINS, 2007, p. 40).
- A identidade por contraste se elabora em um processo de diferenciação do outro por meio de reforço sistemático dos elementos que lhe sejam incomuns. O efeito disto é que os traços de determinada cultura são realçados quando se distinguem dos traços das outras, que podem ser dominantes.
- A identidade por rejeição representa uma forte agudização dos processos conflituosos “em suas crises de crescimento, não apenas o indivíduo, mas também grupos sociais, comunidades imigradas ou transplantadas etc., podem tender a buscar suas identidades por combate àquelas que se encontrem porventura imersas” (Martins 2007, p. 41).
- Finalmente, a identidade por diferença é a afirmação do indivíduo (e grupos) na contemporaneidade do pensamento e pela cultura produzida pelos próprios homens mediante constituição de diferença. “A consciência da diferença, necessariamente decorrente da contemplação do outro, pode derivar para a assimilação, para o contraste, para a rejeição. No entanto fiel ao processo decisório é a consciência da diferença. Ou das diferenças (...).” (Martins 2007, p.43).

Mostra-se que, mesmo havendo uma identidade cultural, a apropriação dela passa por um processo bastante diferenciado e individualizado. De modo que a questão não residiria em saber o que é ser libanês, mas sim como se construiu a

identidade libanesa no contexto brasileiro e na particularidade fronteiriça de Foz do Iguaçu e o que significa recorrer a esta, por exemplo, em forma da publicação de suas imagens. Concorde-se, com Cuche (2002, p.202), neste sentido quando diz “a única questão pertinente é ‘como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?’”.

Neste contexto deve-se ressaltar que existe uma diferença entre a imagem da identidade e a vivência do imigrante. Enquanto tradicionalmente se entende a cultura como um conjunto de saberes (conhecimentos) e fazeres (ações) que um grupo utilize para dar significado ao seu cotidiano, o confronto com o outro separa estas duas dimensões, deixando a imagem do grupo atuar em outro lugar do que a sua realização. Enquanto o grupo vive em isolamento, não percebe suas características culturais marcantes na sua naturalização, mas estas viriam à tona ao contato com características diferentes das suas, deixando surgir a identidade cultural como uma imagem deslocada da atuação.

A condição pós-moderna é, assim, definida por uma multiplicidade de imagens que dispõem de certa liberdade na sua construção, gerando identidades fragmentadas que não são mais ligadas as condicionantes sociais expressos nas ações das pessoas. Desta maneira, também a nação vira imagem, ao lado de outras, como gênero, etnia e classe, por exemplo, sendo todas consideradas um construto social e coletivo cuja resultante será a representação. Sem embargo esse construto é aberto e mutante, e altera-se com o passar no tempo e no espaço do grupo. Desta maneira, também o pertencimento que se funda nessa imagem é provisório e passageiro.

Em razão desse pertencimento, a identidade cultural é bastante debatida, somada à fragmentação. Hoje é possível que um sujeito possa pertencer a diferentes grupos identitários ao mesmo tempo. Isto se observa em muitos campos sociais, por exemplo, na adesão a grupos religiosos, no direcionamento sexual, social ou de trabalho, na nação ou na etnia. Mas ao contrário do século XIX e XX, quando estas identificações tinham um caráter fortemente exclusivo e fatual, hoje se permite ao sujeito, entre limites, uma escolha de identidades múltiplas, fragmentadas, plurais devido ao caráter mais imaginário dessas identidades. Dessa forma surge a questão (sem a intenção nesse momento de gerar respostas, mas sim

reflexões) de como um grupo ou um indivíduo com certa identidade cultural assumida decide mostrar (ou não) sua identidade por meio de uma marca identificatória. Procura-se, assim entender o mapa das imagens e os processos de identificação com eles.

Cabe aclarar que a terra natal é fixa na cabeça dos imigrantes, ela é cristalizada em uma imagem que não avançou no tempo como a imagem real, é um imaginário construído a base de lembranças engessadoras. Na prática essa imagem é bem mais cambiante. No caso dos libaneses isso não é diferente, por isso, o que vai se apresentar no próximo capítulo é uma descrição do Líbano baseada em algumas fontes disponíveis. Essa descrição pode ser muito diferente do Líbano Ausente rememorado pelos imigrantes, ou ainda por outros sujeitos. Isso se deve ao fato de as fontes, inclusive oficiais, sobre o Líbano serem escassas ou mesmo conflitantes e a construção do discurso histórico e geográfico do país é em certa medida um posicionamento político.

2. O Líbano Ausente

É a Canaã bíblica, terra do leite e do mel, cantada por poetas e viajantes. Esse país, porém carrega em seu pequeno território todas as seculares paixões e contradições da humanidade. Em poucos dias, a terra generosa, plena de vida, com seus olivais, vinhedos e rebanhos de carneiros, pode se transformar em areia sangrenta onde a fúria dos combatentes parece não querer deixar pedra sobre pedra. (YAZBEK; ABRAHÃO, 2001, p.13)

O Líbano é o país de referência para a diáspora pesquisada nessa tese. A República Libanesa é um pequeno país montanhoso situado no Oriente Médio. Faz fronteira a sul com Israel, a norte e a oeste com a Síria, sendo banhado a oeste pelo Mar Mediterrâneo. A sua capital, e maior cidade (800 mil habitantes), é Beirute. A sua dimensão fronteiriça terrestre: total: 454 km; suas franjas de fronteiras: Israel 79 km, Síria 375 km e litoral: 12 km; os extremos de altitude: ponto mais baixo: Mar Mediterrâneo 0m e o ponto mais elevado: Qurnat as Sawd'a 3.088m.

A República Libanesa, segundo a Embaixada do Líbano no Brasil (s/d) tem uma área geográfica de 10.452 km², da qual se estima que de área verde sejam 1.360 km². Ainda de acordo com a mesma fonte, a população foi estimada em 2005 em 3,6 milhões de habitantes, dos quais 60% vivem no meio urbano. O país conta com 14 milhões de emigrantes (dentre os quais cerca de 7 milhões estão no Brasil) (EMBAIXADA DO LÍBANO NO BRASIL, s/d).

Escrever sobre o Líbano não é tarefa simples, o país remonta uma antiga história, marcada por repetidas ocupações e lutas pela convivência de diferentes grupos, tendo como importante marco a guerra civil principiada em 1975.

Nos dias de hoje, o Estado Libanês mostra uma grande fragilidade devido a sua diversidade confessional, um dos fatos que faz com que tantos de seus moradores saiam para tentar a vida para além das suas fronteiras. Conflitos que ocorrem em seus vizinhos, desde os anos 1920 atingem o país de forma determinante: não sendo o Estado Libanês forte o suficiente para sustentar-se política e economicamente sozinho por suas próprias pernas, é natural que se

estime que os problemas de seus provedores também sejam seus problemas mais cedo ou mais tarde. Tendo a Guerra Civil (1975-1991) como um dos marcos históricos da organização social, política, econômica e geográfica do país, ela configura também a sociologia do país, forçando a formação de enormes redes de migração.

para melhor compreender melhor o país e o contexto histórico-social que leva os emigrados a buscarem Foz do Iguaçu como destino de diáspora, são dados e fatos relacionados à institucionalização política da emigração naquele país, fragilidades econômicas, dados estatísticos relativos aos índices de desenvolvimento humano, bem como descrições de suas principais cidades.

O Líbano, embora seja um país pequeno não pode ser considerado breve: compreendê-lo demanda tempo e dedicação. Tempo por ter uma longa e intrincada história e dedicação por ter fontes confiáveis escassas para a pesquisa, e aqui se incluem algumas fontes oficiais. Mas isso não impediu a contextualização e entendimento do que interessa a essa tese: o que foi/é o Líbano dos emigrados.

2.1 O Líbano antes da Guerra Civil de 1975

O Líbano antigo (século II) já era habitado por diferentes grupos, um dos mais antigos foi o dos cristãos maronitas, que segundo Pino (1989, p.46), se consideravam descendentes dos comerciantes fenícios, “um termo genérico que englobava os povos cananeus, amorritas e arameus da antiguidade”. Segundo o mesmo autor, diminutos grupos de missionários, desde o século II, seguidores de São Pedro, se estabeleceram no Líbano, mas a conversão daqueles povos ao cristianismo somente fora maciça a partir do século V, e conseqüentemente neste período se dá a formação da comunidade maronita libanesa. Esta comunidade fora perseguida por ter sido considerada herética por Bizâncio. Em sua fuga achou refúgio na Síria mesmo nos tempos do então incipiente crescimento do Islã na região (PINO, 1989).

Maronitas e muçulmanos conviveram em relativa paz, entre a Síria e o Líbano, até o século VIII, a partir deste período os califas abássidas começaram a enviar para o Líbano tropas para submeter os cristãos, que foram obrigados a marchar para o norte daquelas terras (PINO, 1989). O autor ainda explica que no século X se produziu uma grande cisão entre os muçulmanos: xiitas, sunitas, alauítas e drusos, sendo que essas duas últimas também se refugiaram nas montanhas libanesas. No século XI quando as Cruzadas chegaram ao Oriente Médio, os maronitas se uniram a estas, e desceram as montanhas rumo às cidades portuárias (PINO, 1989).

A divisão populacional e confessional que apresentava o Líbano até a sua independência (1945) se deu desde 1297, quando os mamelucos (do Império Otomano) invadiram a área e submeteram todas as tribos ali presentes, dispersando assim os povos que ali viviam: os alauítas foram expulsos para o norte da Síria; os xiitas foram para o Bekaa e o Hermel e os drusos se dividiram em dois grupos: um que ficou no Gharb e no Chouf (ambos no sudoeste do Líbano) e outro que foi para Houran na Síria. (PINO, 1989). Hourani (2005) salienta que os líderes no Líbano e norte da Palestina foram ajustados ao sistema de províncias otomanas e mantiveram o sistema de proprietários de terras feudais, mas foram reordenados para a hierarquia de coletores de impostos ao governo; da mesma forma, as famílias feudais mantinham seus exércitos particulares que serviam tanto para si como para o governo otomano.

Durante o império otomano, os maronitas se uniram aos drusos e comandaram o Líbano entre 1517 e 1697, período em que a região passa a receber muita influência européia por meio de tratados, ocultos ao sultão otomano, assinados com os Médicis de Florença (PINO, 1989). Neste período chegam ao Líbano padres jesuítas que ali estabelecem escolas e também estabeleceram escolas maronitas em Roma. (PINO, 1989).

Hourani (2005, p.53) ao tratar das divisões étnicas durante o período otomano, fala que essas não eram reconhecidas por este governo ou por nenhum Estado Islâmico, contudo “[...] havia uma certa divisão de funções entre as diversas línguas e, portanto, em alguma medida entre os grupos lingüísticos. O turco era a

língua do governo e do exército, o árabe, da erudição e da lei, o persa, a língua das letras refinadas”.

Pino (1989) expõe que em 1831 o Império Otomano é derrotado pelos egípcios na região do Líbano e Síria, conflito o qual também se envolveram a Inglaterra e a França, por meio do Egito. Segundo ele, em 1858, sob influência da Revolução Francesa camponeses do Líbano se levantaram contra os palácios feudais, mas esta rebelião mais tarde se tornaria um confronto confessional entre cristãos e xiitas de um lado e sunitas e drusos de outro na qual os otomanos aproveitam a ocasião e se aproximam novamente dos sunitas. A França coloca em jogo seus interesses e intervém com tropas: ao fim do conflito em 1860, a França e os otomanos decidem reorganizar politicamente a convivência no Líbano, escolhendo como governador da unidade autônoma um cristão otomano. Na ocasião 89% dos libaneses eram cristãos (PINO, 1989). A partir de 1903, os Estados Unidos passam a intervir e sugerem que junto ao governador cristão haja também um parlamento com doze membros dos quais quatro seriam maronitas, três drusos, dois greco-ortodoxos, um greco-católico, outro sunita e outro xiita (PINO, 1989).

Esta aproximação da Europa com as províncias otomanas do Levante é explicada por Hourani (2005) a partir dos consulados europeus em terras otomanas, sendo cada um deles considerado um centro de influência cristã, e ao redor dele se compunham grupos de súditos otomanos protegidos por europeus: “cristãos otomanos ou judeus a quem eram dados alguns dos privilégios do status de estrangeiro. A proteção europeia se estendia, além dos indivíduos, para comunidades inteiras” (HOURANI, 2005, p. 59). O mesmo autor segue explicando que desde o século XVI, as Capitulações tinham dado à França o direito de proteger os católicos europeus bem como as suas capelas e capelães no território otomano, e com isso os franceses tinham aos poucos transformado esse direito numa proteção amplificada aos católicos otomanos e das missões europeias que trabalhavam entre eles, sendo a maior e mais importante comunidade protegida pela França a dos maronitas.

Hourani (2005) trata ainda de aclarar que sob proteção da França foram desenvolvidas muitas escolas católicas em todos os lugares onde havia grupos católicos, particularmente no Líbano e em Aleppo na Síria. O mesmo pode-se dizer

que em Roma se criaram faculdades para formar um clero católico educado, tais como as faculdades Maronita e Grega, e a faculdade da Congregação de Propaganda de Fide (HOURANI, 2005). O autor segue explicando que isso proporcionou um clero católico muito educado no Líbano e na Síria, com forte influência europeia como se pode estimar. A recíproca também é verdadeira: alguns padres árabes ficaram na Europa para ensinar árabe e cultura árabe em prestigiadas universidades tais como Sorbonne na França. (HOURANI, 2005). Na medida em que outras comunidades cristãs iam surgindo, também iam sendo protegidas pela França, Áustria (em menor escala) ou ainda Rússia ou Grécia (no caso de ortodoxos). (HOURANI, 2005)

A respeito do término do império otomano, Lewis (1996, p.294) explica que “durante mais de um século, até a fragmentação final, o império otomano empenhou-se em guerra quase ininterrupta contra inimigos internos e externos”. O Irã, ou Pérsia, foi um desses debatedores contra os otomanos, pois disputava a supremacia turca no Oriente Médio muçulmano. O conflito entre persas e os otomanos deu-se no período de 1821-3, e o desfecho favoreceu a intervenção europeia. (LEWIS, 1996)

Do princípio do século XIX, explica Lewis (1996), data a luta pelo nacionalismo árabe culminando na briga pela independência de algumas das províncias otomanas, como no caso do Líbano onde os governantes (cristãos e drusos) lograram criar um principado autônomo nas montanhas que antecedeu à criação da República do Grande Líbano. “Nesse principado, e em áreas contíguas ainda sob domínio otomano, ocorreu, a partir de meados do século XIX, o início de uma renascença cultural e econômica árabe” (LEWIS, 1996 p.295).

Considerando a aproximação europeia na região, Pino (1989) assevera que quando o império otomano entra na primeira guerra mundial, abolem o estado autônomo do Líbano e ocupam novamente a região. Mas com o acordo de Sykes-Picot, mediante o qual, franceses e britânicos repartiam entre si as zonas de interesse no Oriente Médio, depois da guerra, o Líbano passa a ser de influência francesa e sem ser independente, em 1919 – Neste ato também se unificam as terras designadas por Grande Líbano: Monte Líbano e Bekaa, e sob regime de governança confessional. (PINO, 1989).

Detalhando o acordo de Sykes-Picot, Lewis (1996) afiança que a região então conhecida como Síria, ou Levante, foi dividida da seguinte forma: o norte para a França, o sul (Palestina) à Grã-Bretanha. Ambas redividiram ainda mais seus territórios: os franceses fracionaram em duas partes o que lhes coube (Líbano e Síria) e os britânicos idem (Transjordânia e Palestina). O autor salienta que o Líbano não era uma criação inovadora, ele já existia com profundas raízes e sólida tradição de autonomia relativa. O que os franceses fizeram foi, ao criar o Líbano ou Grande Líbano como era chamado, adicionar às montanhas do Monte Líbano alguns distritos vizinhos, congregando cristãos, muçulmanos sunitas, xiitas e drusos no mesmo território, próximo de ser um estado independente.

Sobre o Líbano independente e sua divisão política-confessional, Hourani (2001, p. 427) afirma que foram incluídas três regiões diferentes em termos populacionais de governança:

a região do Monte Líbano, com uma população cristã maronita no norte e drusa e cristã no norte e no sul, as cidades litorâneas de população mista, muçulmana e cristã, e certas áreas rurais a leste e ao sul do Monte Líbano, onde a população era basicamente muçulmana xiita.

A primeira dessas regiões carregava uma herança de governança separada sob seus próprios senhores; e a segunda e terceira tinham sido partes integrantes do império otomano. As três partes foram incorporadas para compor a nação libanesa durante o mandatário francês. (HOURANI, 2001). Pino (1989) acrescenta que foi com base o censo de 1925 que se estabeleceu o Pacto Nacional Libanês, de caráter confessional que é levado até o fim da guerra civil em 1991.

Lewis (1996) diz que o fim da II Guerra Mundial não trouxe paz para o mundo todo, o Oriente Médio se tornou buliçoso com as independências de alguns estados. A França fora obrigada a partir do Levante e com isso legou à Síria e ao Líbano independência e soberania em 1945.

Deste período, 1945, até 1975, o Líbano viveu em paz relativa, lutando internamente para manter o caráter confessional do Estado, e a supremacia governamental dos maronitas sobre todos os outros grupos. Contudo, no período

que antecedeu a 1975 as tensões internas eram demasiadas para a fragilidade do Estado, e a Guerra Civil estalou.

Mostra-se que o Líbano não é apenas um Estado em movimento, mas também permite (ou requer) a sua população uma elevada mobilidade e convivência multicultural. Wenger e Denney (1990) entendem que as diferenças entre cristãos e muçulmanos foi uma razão decisiva para a guerra civil. O balanço entre muçulmanos e cristãos sempre fora delicado por compreender também o poder do país nesta questão. O mosaico étnico permite tais posições:

- comunidades muçulmanas: os xiitas se concentravam no Sul, no Bekaa, na fronteira com a Síria e em Beirute, é o maior grupo do Líbano com 1/3 da população, mas antes da guerra estava apartado do acesso aos recursos materiais e política.

- Sunitas: um numeroso grupo que se espalha por todo o país e se concentra em Beirute, Tripoli e Sidon. Historicamente dividiu o poder com os cristãos maronitas.

- Druzos: compõem 6% da população e estão concentrados no Shouf (montanhas).

- comunidades cristãs: maronitas são o grupo mais expressivo, contando com um quarto da população e concentrados no Monte Líbano. Em termos numéricos são seguidos pelos gregos ortodoxos; católicos gregos e armênios. Eles têm dominado o país econômica e politicamente, graças à proteção ocidental.

Em razão de um grande fosso entre cristãos e muçulmanos, pobres e ricos e fragilidade do governo aliada ao crescimento rápido da população muçulmana (superando a cristã e contestando o pacto nacional), eclode a primeira guerra civil libanesa em 1958, um conflito de alguns meses, no qual não houve vencidos ou vencedores. Os ranços deste conflito somados à participação do Líbano na questão Palestina/Israel leva o país a uma segunda guerra civil uma década e meia depois (HOURANI, 2001).

Falar de uma diáspora libanesa, nesta situação cultural e política deve levar em consideração que a imagem do Líbano homogeniza a situação multi-étnica e de

fragmentação cultural e até mesmo social. Essas divergências sociais se mostraram claramente na eclosão da Guerra Civil de 1975.

2.2 A guerra civil libanesa de 1975-91

A guerra civil libanesa foi um complexo conflito que se levou a cabo de 1975 até 1991, dizimando quase dez por cento da população local, e embora tenha sido conhecida pela história como guerra civil, em muitos momentos ao longo deste período o Líbano sofreu influência bélica de outros países, tais como Israel, Síria e da então criada Organização para Libertação da Palestina (OLP) com base no próprio Líbano. Compreender este conflito não é fácil, pois ele é permeado por sutilezas e nuances que foram levadas e trazidas por diferentes interesses internos e externos ao país. Entretanto, entender o que foi esta guerra, como iniciou, como finalizou e ao que levou, é também compreender o que é o Líbano hoje e quiçá inclusive compreender um pouco sobre o que são hoje os conflitos que envolvem além do Líbano a Síria, Israel, a Palestina e a Jordânia. Esta fase do texto é largamente baseada na obra do jornalista espanhol Domingo Del Pino (1989).

Como explicado anteriormente, desde 1958 o Líbano possuía questões internas não resolvidas, e deste ano datam os prenúncios da guerra civil de 1975. Para Pino (1989) é necessário antes de tudo entender que um estado confessional misto no Oriente Médio é impossível. A região é definida pelo autor como sendo por excelência de minorias artificiais subjugadas e subdivididas pelo expansionismo europeu. Exemplifica os três países multiconfessionais do Oriente Médio e como falharam no convívio: Israel (expulsando constantemente os palestinos desde 1947); Chipre (criando uma linha imaginária – linha verde – para separar os turco-ciprotas dos gregos-ciprotas); e o Líbano (que além de ser dividido por muitas minorias encarou uma das mais sangrentas guerras civis da região). Mas o autor adverte que não é possível rapidamente concluir sobre o tema de maneira leviana, e com isso convida ao aprofundamento do caso libanês a fim de entender que as distinções do devir histórico não são por si só as causas dos choques humanos: há que se compreender a fundo as causas e, sobretudo os interesses.

Cristãos e muçulmanos, para simplificar uma complicada arquitetura social de dezenove grupos religiosos, viveram no Líbano e em sua desproporcional capital, que concentrava sozinha mais de 40% da população, num arranjo relativamente tranqüilo. Mas sob a aparente concórdia, propiciada pela bonança econômica, a própria Beirute estava dividida em bairros organizados por crenças religiosas, da mesma maneira que o interior do país. (PINO, 1989 p. 18)

Em detalhes Pino (1989, p.18) menciona:

os maronitas vivem em Beirute Oriental nas zonas altas da capital, que se ligam com o interior cristão do Kesrouan, Metn, Cedros e Monte Líbano, como se devessem permanentemente estar preparados para fugir rumo ao refúgio seguro da montanha. Nos bairros de Ashrafieh, De Kuaneh, Sin el Fil e Ain Rumaneh, concentrava-se a mais importante parcela da população cristã da capital.

Segue Pino (1989, p.18) tratando dos muçulmanos e outras minorias:

Os muçulmanos sunitas evoluíram tradicionalmente em torno de dois pólos de atração do sunismo libanês, um em Trípoli, ao norte, com o senhor feudal Rachid Karame como chefe, e outro em Beirute, burguês e comercial, patrocinado por alguns chefões como Saeb Salam, Abdallah Jafi, os Hakim e os Mashunk. Na capital os sunitas preferiam se agrupar nos bairros de Basta e Mussaytbe, enquanto os xiitas, numerosos no interior, mas minoritários em Beirute, viviam em Shia, os armênios em Burj Hamud, e os estrangeiros habitualmente no bairro de Rauche.

Os marginalizados libaneses, palestinos, refugiados turcos, operários sírios temporários e imigrantes curdos concentravam-se no que o bispo greco-ortodoxo de Beirute, monsenhor Gregoire Haddad, chamou de 'impressionante cinturão de miséria', formado pelos campos de refugiados de Nabaa, Karantina, Dbaye, Chatila, Sabra, Tal Zaatar, Jisr el Bacha, Bir Hassan e outros.

No interior a segregação confessional não era diferente: "Os cristãos eram maioria no Monte Líbano, os drusos no Chuf e Aley, e os muçulmanos xiitas, [...], no Sul. As outras comunidades minoritárias se inseriam nas seitas mais afins, constituindo verdadeiros bolsões humanos" (PINO, 1989 p.19).

Pino (1989) atribui essa divisão confessional geográfica ao sistema institucional, não apenas por meio do Pacto de 1943, com o qual o Líbano apresentou-se como país independente, mas também desde a primeira constituição do país, imposta pela França em 1926, ou quiçá ainda antes, quando no final do

século XIX os turcos dividiram o Monte Líbano em dois *caïmacans* – ou principados confessionais: um druso e um maronita. Pino (1989) ainda afirma que não apenas a questão constitucional ou espacial contribuiu para divisão das comunidades (o pacto confessional – conhecido como Pacto Nacional – de 1943, dado com base no censo populacional, dizia que o presidente da república seria sempre maronita, o chefe do governo sunita, a presidência do parlamento xiita, a vice-presidência da câmara um greco-ortodoxo, e assim sucessivamente, até a guerra civil eclodir em 1975. Os cristãos sempre se negaram a discutir o Pacto. Até 1975 não havia ocorrido outro censo populacional) mas também os diferentes sistemas escolares: nas escolas cristãs era ensinado o respeito ao passado fenício e à Bíblia, nas muçulmanas aprendia-se o Alcorão e as conquistas árabe-islâmicas. No terreno do direito público, segue o autor, permaneciam em vigência as regulamentações confessionais impostas pelos otomanos; no privado alguns se regiam pelo código napoleônico reformado, outros pela charia. Com a ausência de casamentos mistos, a paternidade, a herança, a família, a mulher, o casamento, o passado, o presente eram interpretados de maneira diversa: a mescla interconfessional era nula (PINO, 1989).

Devido a essas questões, iniciou-se depois da guerra árabe-israelense (dos Seis Dias), em 1967, a gestação de um segundo conflito, na ocasião, tanto o poder político como econômico estavam nas mãos de meia dúzia de clãs e o parlamento mais parecia um clube social. Neste período findava o mandato presidencial de Fuad Chehab, quando Israel anunciou que iria desviar as águas do rio Jordão para colocar em prática um plano de irrigação (o Jordão nasce nas montanhas Libanesas e Sírias e divide a Jordânia da Cisjordânia). A Liga Árabe reagiu imediatamente contra a intenção de Israel e pediu aos três países (Líbano, Síria e Jordânia) que desviassem os afluentes do Rio impedindo a execução dos planos de Israel (PINO, 1989). Entretanto, o governo libanês não quis empreender uma ação que lhe rendesse represália, mas o Egito e a Síria se ofereceram para enviar tropas ao Líbano se necessário fosse: proposta rechaçada pelo presidente Chehab, que solicitou em troca auxílio financeiro para equipar seu próprio exército (PINO, 1989).

O novo presidente do Líbano, Charles Helou, em fins do mesmo ano, foi participar de uma conferência de cúpula árabe no Cairo e se viu forçado a aceitar a

integração de suas forças sob um comando árabe unificado que incluía Egito, Síria e Jordânia. Nesta mesma conferência criou-se a Organização para Libertação da Palestina (OLP). Sobre a OLP, Helou aceitou sua criação, mas negou com veemência que ela operasse a partir do Líbano (PINO, 1989).

Pino (1989) assevera que desde a independência do Líbano, em 1943, os mesmos nomes se repetiam no parlamento, e que essas personagens desejavam manter-se no poder apenas para melhorar os trâmites de seus negócios privados. Sobre isso, pesa a ajuda financeira que cada grupo recebia de outros países, costurando assim acordos que também beneficiavam aos estrangeiros. Outras questões são trazidas pelo autor nos momentos que antecederam a guerra civil: a economia ocidental que em parte patrocinava a bonança vivida no país se via em declínio em 1974, em grande parte pela crise do petróleo. Inflação, greve e recessão passaram a ser vocábulos cotidianos no Líbano levando a conflitos sociais que se estenderam por todo o território nacional. Mas a elite libanesa se negava a aceitar que a pobreza do país adviesse de libaneses, dizia que eram os pobres sírios, curdos e palestinos. Clãs divergiam entre si na política. A divisão política-confessional passa a ser questionada, a supremacia cristã é posta a prova a todo o momento pelos muçulmanos, instaura-se outra polaridade (em certa medida influenciada pela Síria): fenicismo *versus* arabismo. Cabe ainda trazer à tona a presença palestina, que atraía cada vez mais ataques israelenses, omissão dos Estados árabes e desgosto a muitos libaneses. A crise pré-guerra estava armada. (PINO, 1989).

Para Wenger e Denney (1990) podem-se elencar alguns fatores que levaram ao conflito:

- os cristãos eram superestimados em sua representatividade política e os xiitas estavam em posição contrária a essa, inclusive eram muito pobres;
- uma distribuição de poder não equitativa entre os grupos religiosos;
- a questão da identidade: O Líbano como país árabe deveria ser considerado muçulmano como solicitavam os xiitas e como tal receber ajuda do bloco árabe?

- O conflito palestino: que levou a muitos refugiados ao território libanês e lá organizar a OLP;
- interesses externos: marcadamente Síria e Israel; e
- religião: a guerra deve ser encarada mais do que uma questão religiosa propriamente dita, mas sim de lealdade e territorialidade.

A complexa situação política em que vivia o país e a ausência de lideranças capazes de dialogarem entre si e com os seus permitiram que o conflito fosse inevitável, com mortos para todos os envolvidos. Contudo, a guerra civil libanesa não pode ser encarada como um evento civil propriamente dito ao longo de todo tempo, pois contou com influência e ataques de outros países. Mas, a título de explanação e compreensão inicial, apresentam-se os momentos derradeiros do prélio.

Essa situação de guerra repercutia em todas as localidades da diáspora, principalmente aumentando a emigração de cristãos, mas também em localidades específicas de xiitas e palestinos, grupos relativamente marginalizados no interior do Líbano.

2.2.1 A guerra civil é uma realidade a partir de 1975

Na ótica de Del Pino (1989) desde 1971 o Líbano foi o país mais castigado por Israel, sendo que em 1972 este fez sua primeira invasão de peso. Após intervenção da Organização das Nações Unidas, Israel se retira, mas deixa diversas obras de facilitação de entrada: postos de observação na fronteira, estradas niveladas, entre outros. Mas o fato é que Israel nunca se retirou completamente do Sul do Líbano, sempre alternando entre ações severas e frágeis (PINO, 1989). De modo que a partir de 1972, diante da indiferença de Beirute às incursões israelenses, a população do Sul do Líbano passa a organizar-se militarmente.

Em abril de 1973, segue Pino (1989), três importantes líderes palestinos da *Al Fatah* foram assassinados em Beirute por Israel, os palestinos enfrentaram o exército libanês acusando-o de anuência ao feito (PINO, 1989). O conflito rendeu

interferência da Liga Árabe, fechamento das fronteiras com a Síria, disparos de campos de refugiados contra Beirute em numerosos choques que duraram semanas. O autor é categórico em dizer que os problemas palestinos tiveram uma flagrante incidência na crise libanesa e na eclosão da guerra civil, particularmente após a guerra árabe-israelense de 1973. Posteriormente, em princípios de 1975, um grupo revoltoso de pescadores de Sidon (fortemente armados com apoio dos palestinos) enfrentou o exército libanês contra o monopólio da pesca no Sul concedido pelo governo a uma companhia norte-americana. Na carona da rebelião, os palestinos atacaram as praias do norte de Israel; a população não aceitou a entrada de pessoas de fora do sul do país; e velhas mazelas foram trazidas à tona tais como: a oposição dos plantadores de tabaco ao monopólio exercido pelo Regie dês Tabacs, a exposição de civis aos constantes ataques israelenses e a ausência de serviços públicos na região. O conflito mostrou aos cristãos que exerciam o poder no país que algo precisaria mudar rapidamente se quisessem que o Líbano coexistisse como nação, pois a população muçulmana do Sul estava fortemente armada, descontente e disposta a lutar. Esquerda e direita; muçulmanos e cristãos se atacavam mutuamente sobre a responsabilidade e omissão da questão do Sul e a ingerência dos palestinos no pleito. A crise confessional era latente, era preciso reformar o sistema, mas até quando pudesse protelar essa reforma, as lideranças o fariam. (PINO, 1989).

Em 13 de abril de 1975, durante a inauguração de uma igreja em um bairro cristão, a morte de um líder miliciano falangista (cristão) e a ocasional passagem de um ônibus de palestinos pelo local – que fora metralhado –, em represália os palestinos dinamitaram estabelecimentos de cristãos, foi o estopim para o início da segunda guerra civil libanesa. Este conflito armado entre cristãos e palestinos durou 72 horas e deixou 300 mortos. Não houve cessar fogo respeitado desde então, as milícias saíam às ruas, e os franco-atiradores passaram a ser uma figura cotidiana nas ruas para os civis. (PINO, 1989).

A partir daí a opinião pública do Líbano se divide entre aqueles que compreendem que a presença dos palestinos leva a represálias de Israel e os que compreendem que as represálias de Israel se devem aos planos expansionistas do país vizinho em chegar até o rio Litani. As duas situações (presença palestina e os

planos expansionistas israelenses) levaram o Líbano a perder o controle sobre a amplitude do seu território nacional, fato que aquecia ainda mais os debates dentro e fora da esfera pública institucionalizada.

Pino (1989) salienta que o Pacto Nacional de 1943 passa a ser discutido novamente, mas não revisto, o que leva a conflitos entre muçulmanos e cristãos também, além dos já ocorridos entre cristãos e palestinos. O autor continua dizendo que, entretanto, egípcios e israelenses sentam-se a discutir um acordo de separação de forças no Sinai, deixando palestinos e sírios descontentes e com sentimento de traição contra os egípcios (não recuperariam o Golan). As reações palestinas extrapolariam as fronteiras do Oriente Médio e passariam a atuar na Europa (com atentados terroristas), provocando por consequência ondas de violência no Líbano e levando a Síria a intervir abertamente com suas tropas dentro do território libanês. Com as incursões do exército sírio, a violência miliciana nas principais cidades do país, as ondas de violência provocadas pelos palestinos, o Líbano passou a ser ingovernável, e a guerra tomava contornos cada vez mais atroz pela sua violência, particularmente contra civis (PINO, 1989).

Em paralelo à ingovernabilidade do país (os líderes na presidência e parlamento – cristãos e muçulmanos – além de tudo divergiam em ações militares principalmente no que tange a ataques aos campos de refugiados palestinos), os líderes religiosos passam a discutir as causas do conflito e o Pacto Nacional de 1943. A Síria interpretou esta discussão como uma possível divisão do país em dois territórios e disse não admitir isso. Israel ao seu turno entendeu a declaração síria como ameaça de invasão ao país vizinho e disse que não iria assistir à divisão libanesa e à invasão síria de braços cruzados. As intenções dos dois vizinhos do Líbano em aproveitar-se da sua fragilidade e invadi-lo eram evidentes e com o desenrolar dos fatos mostrou-se ser apenas uma questão de tempo.

Em 1976 a intervenção militar síria iniciou, e em 1978 e em 1982 Israel invade o Líbano, ambos com a intenção declarada de desarmar a Revolução palestina, mas na prática isso não se verificava, pois tanto palestinos como libaneses, civis e milicianos eram vítimas de ataques de ambos os exércitos dos países vizinhos (PINO, 1989), porque em 1978 Israel invade o Líbano, entra em Beirute e toma parte do Sul do país, da mesma forma que na quinta guerra palestino-israelense de 1982.

“No Líbano, Deus guerreou contra Yahve e a Falange contra todos” (PINO, 1989 p. 118). Mas o conflito não parou por aí, segundo o mesmo autor: “A partir de 1977 combateram sírios contra palestinos e progressistas, palestinos e progressistas contra cristãos, progressistas entre si, cristãos entre si, sírios contra cristãos e finalmente israelenses contra todos”. (PINO, 1989 p. 118). Foi o período mais dramático do conflito.

À guisa de resumo, Wenger e Danney (1990) apontam os seguintes fatos como os mais marcantes do conflito:

- Início da Guerra (1975-1976): ocorre uma série de incidentes envolvendo o governo libanês;
- Intervenção Síria (1976): culminando com ataques entre sírios e cristãos;
- Guerra entre Israel e Palestinos (1978-81): Israel invade o Líbano, e chega até Beirute, matando civis palestinos e libaneses com a intenção de atacar a OLP;
- Resistência Libanesa à invasão israelense (1982-1985): Líbano reage à invasão israelense e à intervenção dos fuzileiros navais americanos. A embaixada americana é atacada em Beirute em 1983;
- Guerra nos campos de refugiados (1985-1988); e
- Crise presidencial (1988).

Com tantos mortos, batalhas, atores envolvidos, interesses em jogo e após mais de dez anos de conflito, já não se pode dizer se houve algum vitorioso, mas certamente o povo libanês foi o maior perdedor. Um elevado número de mortos de todos as facções envolvidas, a presença permanente síria e israelense no país e uma situação política e social em frangalhos é o quadro que se apresentava do país quando a guerra começa a se amainar. Mas ainda havia muita diferença interna a ser sanada, os refugiados a serem controlados e os vizinhos a se retirarem: o caminho para o fim completo da guerra era ainda longo em 1988.

Assim, viver na diáspora libanesa significa também assistir a ausência de uma guerra exterior, mas viver essa mesma guerra por meio da família envolvida no país

ausente. Configura-se assim um sentimento árabe e nacional , e até libanês, devido as intervenções indiretas e diretas dos europeus, Israel e Síria. De modo que a identidade libanesa representa uma âncora imaginária específica frente a um país em plena fragmentação. Desta forma, se inverte a ideia de Hall de que o pós-colonialismo se constrói com identidades fragmentadas como imagens de convivência em diversidade, mas aqui surge uma imagem homogênea sem correspondência na realidade vivida fragmentada para promover a des-colonização.

2.2.2 A Guerra esgota-se paulatinamente

O país cansado da guerra busca acordos para seu fim. Na cidade de Taif na Arábia Saudita, reuniram-se os membros sobreviventes do Parlamento libanês para discutir as possibilidades de término do conflito, isto se deu em 1989. Zeheddine (2006, p.2) explica que o acordo redimensionou o Pacto Nacional: “Chefe de Estado (Cristão Maronita) e o Chefe de Governo (Muçulmano Sunita), além de estabelecer o mesmo número de representantes no parlamento para cristãos e muçulmanos (64 cadeiras para cristãos e 64 cadeiras para muçulmanos)”, além disso, segue o autor, o acordo tratou da presença síria em solo libanês e o desarmamento das milícias armadas libanesas, marcadamente o Hezbollah³.

Costa (2006) salienta que o acordo de Taif levou xiitas e drusos ao descontentamento, pois apenas os sunitas foram favorecidos com fatias de poder, a isso se soma o esperado descontentamento cristão que não queria abrir mão do poder: o acordo não garantia imediatamente o fim dos conflitos, fato que levou a Síria a bombardear a sede do governo libanês, o Palácio de Babda, em 1990 deixando os últimos resistentes pedirem asilo à França.

Costa (2006) salienta alguns importantes pontos do acordo de Taif: a) a reafirmação da identidade árabe no Líbano; b) o restabelecimento da soberania do país; c) democracia parlamentarista; d) economia baseada na liberdade de mercado

³ “O Hizballah, grupo armado fundado em 1982 no Líbano, com o intuito de expulsar a presença Israelense do território libanês, teve como maiores patrocinadores ideológicos e materiais o Irã e a Síria. Também nos acordos de Taif fora resolvido que o Hizballah deveria ser desarmado assim que Israel se retirasse do sul do território libanês, pois era a única milícia que continuava ativa após o término da guerra civil (com o objetivo de pressionar Israel).” (ZAHEDDINE, 2006, p. 02).

Nota da autora: A grafia de Hizballah no ocidente também se dá, e mais comumente, por Hezbollah.

e direito à propriedade privada; e, e) promessa de gradual abolição do sistema sectarista. Há que se mencionar que até a presente data alguns desses pontos levantados por Costa ainda são controversos no Líbano, tais como: a soberania do país, sempre frágil, sempre a mercê dos movimentos políticos dos vizinhos; a democracia; e principalmente o sistema sectarista, que é quase parte da identidade política libanesa.

Mas a retirada dos exércitos estrangeiros do Líbano (salvaguardando a sua soberania, democracia e inclusive direito à propriedade privada – fazendo valer o acordo de Taif) foi um capítulo à parte na história do país. Zaheddine (2006, p. 3) explica que “a retirada israelense foi concluída no dia 24 de maio de 2000, encerrando 22 anos de ocupação da porção sul do país”. Mas o autor segue asseverando que a “maior parte do problema vivido pelo Líbano a partir de 2005 está ligada à recusa do governo sírio em desocupar o Líbano (o que ocorrerá somente com a Resolução do Conselho de Segurança da ONU, nº 1559, de 2 de setembro de 2004)” além da impossibilidade de desarmar o grupo Hezbollah. O acordo de Taif pode-se concluir, serviu de pontapé para o término da guerra civil libanesa, mas esteve por muito tempo longe de ser amplamente executado.

E no que diz respeito ao sectarismo, para Makdisi (1996) este seria ainda existente no governo libanês tanto em meados dos anos 1990, como nos dias de hoje. Ele diz que enquanto a nação luta para parecer moderna, inclusiva, estável e democrática, o sectarismo vigente insiste em deixar o governo exclusivista, não democrático e desorganizado. Na reconstrução do país no pós guerra civil, o sectarismo tem uma função específica, na ótica do autor: ser uma metamorfose de um passado indesejado. Ele expõe ainda que o sectarismo é ainda muito forte no Líbano, a despeito do desejo de muitos para que isso seja diferente. Inclusive por razões históricas, nas quais não se pode deixar de incluir a intensa influência dos países europeus nos assuntos internos do Líbano, com tendências pró-cristãs evidentes. Considerando isso, o autor ainda salienta que o sectarismo não é um problema do passado, mas sim do presente.

Em 2005, o então Primeiro ministro Rafik Hariri, que financiava em grande parte a reconstrução da destruída capital, é assassinado, com a provável intervenção do governo da Síria, o que causa protesto entre a população geral e

termina com a retirada completa das tropas da Síria. Desde já, o Líbano continua num clima político extremamente frágil, ainda mais fragilizado com os ataques de Israel, em 2006, contra o Hezbollah no Sul do país, na região do Bekaa e no Oeste e Sul de Beirute.

O breve relato destes eventos demonstra como a população libanesa, e o seu próprio país vivem numa sociedade religiosa e culturalmente dividida, o que dá à sua emigração para o Brasil um sentido específico, no qual embora possivelmente as divisões ou diferenciações religiosas ocorram, mas a violência a ela associada não é uma realidade na sociedade libanesa no Brasil.

A situação de fragmentação sociocultural tem seus reflexos na construção política do país. Como já se tratou, o Líbano é uma república parlamentarista fortemente influenciada pelas divisões confessionais. Possui assim, um regime democrático fundamentado na separação dos poderes executivo, legislativo e judiciário, mas também nas proporcionalidades religiosas. O parlamento se elege pelo sufrágio universal, com 128 deputados por 4 anos. Segundo a lei, os cargos de presidente da república, primeiro-ministro e porta-voz do parlamento devem ser ocupados respectivamente por um cristão maronita, por um muçulmano sunita e por um muçulmano xiita. O presidente da República nomeia o primeiro-ministro que, de sua parte, escolhe os membros do seu governo junto com o presidente e o parlamento, conforme a proporção religiosa.

O atual presidente do país é Michale Suleiman; o presidente do Conselho de Ministros: Fouad Simiora; o Primeiro Ministro Najib Mikati (indicado e apoiado amplamente pelo Hezbollah em janeiro de 2011); e o Vice Primeiro Ministro: Elias Murr. O Líbano dispõe ainda de 21 ministérios, entre eles o das Relações Exteriores e Emigrados.

2.3 A Diáspora Libanesa

A histórica fragilidade das instituições políticas no Líbano, que leva a uma igual fragilidade econômica, faz com que muitos libaneses se lancem à emigração. Isso não é fenômeno recente, mas desde o período Otomano isso já era prática: sair do país em busca de novas possibilidades de trabalho. O fluxo de emigrados no sentido externo-interno é constante e ao longo do tempo teve seus altos e baixos, mas sair do país é um fato comum. Essa emigração é tratada como diáspora, não apenas pelos números expressivos, mas também pelos vínculos que os emigrados possuem com o Líbano e a forma como se organizam nos lugares em que são recebidos. Esse texto não tratará de estimar numericamente com precisão quantos libaneses estão fora do seu país, isso seria uma aventura científica sem precedentes em razão da falta de dados estatísticos e das políticas para com os emigrados que o próprio país conta. Mas tratará de mostrar algumas características dessa diáspora, vista de dentro do Líbano, para que se possa compreender os contextos que levam os emigrados a saírem do Líbano para o mundo, inclusive Foz do Iguaçu.

Para Verdeil Faour e Velut (2007) apesar do diminuto território libanês, o país não deve ter suas análises reduzidas, pois as particularidades que giram em torno dele são inúmeras, e lhes parece impossível compreender o Líbano sem levar em consideração as relações de dependência que ele tem com os seus vizinhos e com o mundo, ao se considerar os fluxos de emigrantes, os quais se dispersaram pelo mediterrâneo desde muito cedo, e depois para o mundo.

Ao tratar da emigração como uma tradição libanesa, Tabar (2009) explica que ela se dá em razão de uma combinação entre política não democrática e economia frágil. O autor aponta alguns períodos nos quais se pode verificar ondas mais fortes de saídas de libaneses de seu país:

1ª. onda: A diáspora libanesa moderna começou no século XIX. Sob domínio otomano os libaneses, especialmente cristãos, passam a sair fugindo da opressão política. Mais tarde, uma guerra civil eclodiu entre drusos e cristãos. Isso só ajudou a intensificar o processo de migração de libaneses de todas as religiões. Nesse período, destaca-se uma emigração ainda desorganizada: a eleição do filho a emigrar nem sempre era fácil, pois a emigração era proibida pelos otomanos e as famílias eram grandes. Os emigrantes não tinham muita instrução formalizada (escolar) e eles embarcavam em qualquer barco, sem destino certo. Tabar (2009)

explica que nesse período eram sobretudo os maronitas que saíam do Líbano, e que muitos retornavam com o capital trazido de países estrangeiros e com isso puderam criar o sentido de classe média no país.

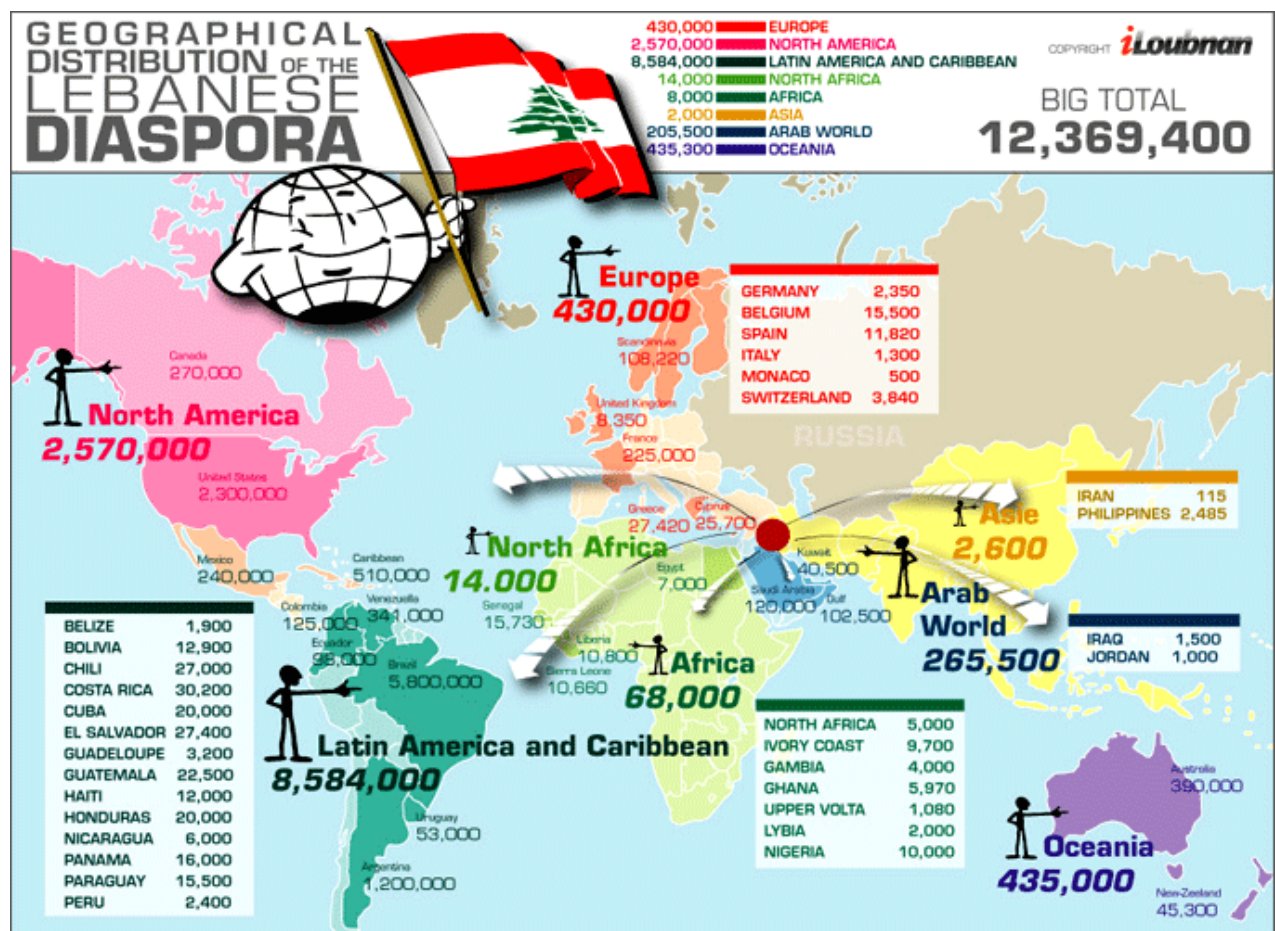
2ª. onda: Outra onda de migração densa aconteceu durante e depois da Primeira Guerra Mundial. Como a população sofreu intensa privação uma nova onda de imigrantes decidiu unir aos seus familiares ou amigos fora do país. Essa onda teria sido mais organizada, pois ouvindo os relatos de sucesso daqueles que já haviam ido, os jovens agora começavam a se organizar com destino certo. Desse período não foi frequente que os emigrados retornassem para viver no Líbano. A exceção de filhos nascidos no país estrangeiro que retornavam com suas mães para estudar no Líbano, e o pai continuava fora enviando dinheiro. Mas Tabar (2009) explica que após a segunda guerra mundial, durante as guerras árabes-israelense nos anos 1960, o fluxo de emigrantes libaneses aumentou significativamente, mas este seria um fluxo muito específico e orientado para os países do Golfo Pérsico, que demandavam trabalhadores nas atividades do petróleo.

3ª. onda: Essas migrações foram reforçadas pela guerra civil de 1975, quando centenas de milhares de libaneses deixaram o país. Nesse período destacam-se os jovens libaneses que eram enviados por seus pais para estudarem na Europa e Estados Unidos. Alguns retornam por poucos anos e outros jamais puderam viver no Líbano ocupado e com todos os problemas econômicos que isso implicava. Mas dessa leva não se pode ignorar os jovens que mais do que estudar, queriam vencer na vida, o que durante os quinze anos de guerra civil (e anos posteriores, durante a ocupação israelense e síria) não seria possível. Tabar (2009) enfatiza que durante a guerra civil libanesa todos os sistemas (saúde, educação, economia, transportes, comunicação) entraram em colapso, levando as pessoas à total desilusão no que dizia respeito ao crescimento e prosperidade material pessoal. O autor ainda salienta que libaneses de todas as religiões emigraram nesse período para diferentes países do mundo, com destaque para Canadá e Austrália, mas não apenas, também se orientavam para Estados Unidos, França, Alemanha e países do Golfo.

Tabar (2009) salienta que para o Brasil, houve emigração em todos os períodos mencionados. Brand (2008) assevera que é muito difícil estimar o número de libaneses emigrados. As fontes variam de 3 a 14 milhões, essa dificuldade tem

duas razões: a ausência de censo demográfico no país – o último foi realizado em 1932 – e a base da cidadania libanesa ser, como em muitos países árabes, pelo *jus sanguinis*, não importando onde a pessoa nasça ou resida, contanto que tenha pai libanês ela pode ter nacionalidade libanesa (e outras duas mais). Contudo, o sítio de internet Diáspora 961 (s/d), que trata da diáspora libanesa para o mundo, ilustra da seguinte forma:

Figura 1: Distribuição Geográfica da Diáspora Libanesa



Fonte: Diáspora 961 (s/d).

Brand (2008) explica que durante o império otomano a emigração era proibida, pois esse havia percebido o desfalque econômico inicial que a emigração provocava com a saída de elevado número de homens em idade produtiva. A maior parte desses emigrados eram cristão, que saíam ilegalmente sob proteção da França muitas vezes. Aos muçulmanos eram determinadas *fatwas*⁴ proibindo a

⁴ Da língua árabe e quer dizer pronunciamento legal sobre alguma questão relacionada ao Islam. Ele é emitido por um juiz religioso a pedido de qualquer pessoa a fim de elucidar questões sobre a religião.

emigração. Mas em um país de costa relativamente extensa (em proporção à sua extensão territorial) era difícil frear as embarcações marítimas: ou seja, as pessoas achavam maneiras ilegais de embarcar. Durante o mandato francês, quando ocorreu a segunda grande massa de libaneses emigrando, o fenômeno se enfraquece no que diz respeito à orientação para as Américas e Europa em função de dificuldades econômicas nesses países, e se direciona as colônias francesas da África. Para a mesma autora:

Após a independência, a emigração continuou de forma semelhante às acima descritas, em grande parte por razões econômicas. Foi a guerra civil, que começou em 1975, que desencadeou diversas novas tendências. A primeira envolveu a maior emigração da família. A segunda foi em direção a uma diversificação da situação econômica dos emigrantes. O terceiro foi o movimento mais amplo, emigração multi-sectária, transformando a política dos números e composição das comunidades no estrangeiro. (BRAND, 2008, p.137, com tradução nossa)

Ainda sobre o fenômeno da emigração libanesa, Khalaf (2003) aponta um estudo da Universidade de São José de Beirute durante o período entre 1975 e 2001, e nele revelam-se cada família libanesa tem ao menos um membro no exterior; a esmagadora maioria é de homens; mas quando elas emigram são mais jovens do que eles; e eles vão em busca de melhores condições de vida ao passo que elas querem se unir a família/marido.

Brand (2008) explica que dos casos por ela estudados o Líbano é o que tem maior comunidade espalhada pelo globo e com mais antigo tempo. Os fluxos do Líbano alteraram rota e religião, e hoje uma grande parcela de sua população está fixada nas Américas, África e países do Golfo Pérsico. No Líbano, essas discussões também têm avançado no tempo. Nas discussões do Líbano sobre o assunto da i/emigração, e os termos utilizados para o fenômeno emigratório do país também têm mudado, segundo a autora: o termo comum para quem vive no exterior é *mughtarib* (expatriados), embora nos últimos anos passou-se a usar um termo similar a diáspora: *al-intishar*; também se usa a palavra *mutahaddir* que se refere a descendente nascido fora do Líbano; e finalmente ainda pode-se ouvir o termo *muhajir* (aquele que emigra ou foge).

Brand (2008) realça que diferente de muitos países, inclusive Tunísia e Marrocos (exemplos do mundo árabe), a emigração libanesa fora sempre empreendida de maneira independente, não sendo organizada ou subsidiada por nenhum governo ou contrato de trabalho. A relação que o libanês tem com seu país ao emigrar também merece realce segundo a autora. Marca-se a diferença do fluxo de libaneses no mundo, quando se sabe que os libaneses ainda mandam significativas remessas de valores, participam ativamente da vida política e cultural do país, visitam frequentemente o Líbano, e que líderes religiosos e políticos libaneses visitam as comunidades diaspóricas com relativa frequência.

Tratando dos laços dos libaneses emigrados com seu país, Hourani (2007) explica que os emigrados exercem forte influência cultural, política e econômica no Líbano: de forma individual ou coletiva, os libaneses criam e mantêm laços de solidariedade com o Líbano enquanto sua pátria. E isso se dá por meio de intenso contato e rede de informações com o país de origem, o que permite o envio de dinheiro bem como influência política e cultural. Pode-se supor a partir dessa assertiva da autora que o governo libanês não pode ignorar a massa de cidadãos que estão fora do país, mas que ainda assim exercem influência econômica e como consequência cultural, ou seja: a sociedade libanesa é muito influenciada e dependente dos emigrados. Ainda sobre o que menciona a autora, cabe discutir se os laços que os libaneses emigrados constroem são com seu país propriamente dito ou com suas famílias, posto que a identidade libanesa sempre fica em terceiro lugar para o libanês, estando a religiosa e a familiar antes dessa.

Hourani (2007) explica que em termos econômicos, a ligação dos libaneses com seu país se dá não apenas pelo envio de dinheiro propriamente dito, mas também pela abertura de comércio e indústrias no Líbano a partir de dinheiro recebido em país estrangeiro bem como visitas turísticas e filantropia. As redes familiares ainda seriam para os libaneses residentes, segundo a autora, um elo vital entre esses e os novos emigrantes: eles recepcionam e ajudam novos emigrados a partir de contato familiar, em primeiro lugar. Os emigrados libaneses são os primeiros no mundo em envio de dinheiro para o país de origem, em 2005 foram enviados 4,9 bilhões de dólares. Esse dinheiro no mais das vezes é utilizado em benfeitorias às casas das famílias; educação e saúde de familiares; uma parte das

remessas vai para a poupança; e uma parte menor vai para investimento gerador de emprego nos setores de varejo e serviços. As remessas representam 22% do rendimento médio das famílias libanesas e 88% de suas economias. A autora apresenta uma tabela relevante para compreender claramente do que fala:

Tipos de redes dos libaneses emigrados com sua terra natal				
Economia e Finanças	Política	Social	Cultural	Religiosa
Divisas advindas do turismo Bônus do Governo Negócios variados Investimentos em imóveis Melhoria dos imóveis	<i>Lobby</i> Sucursais no exterior dos partidos políticos Grupos de advogados Organizações de direitos humanos Testimonies Políticas midiáticas Lançamento de candidatos	Idéias e valores sociais Associações de bairros e vilarejos Associação de famílias Organizações desenvolvimentistas Projetos filantrópicos Organizações de caridade Suporte na área de saúde Suporte educacional Infra-estrutura dos vilarejos Auxílio às governanças municipais Sítios de internet de vilarejos	Turismo Cultural Festivais culturais Intercâmbios musicais Intercâmbios educacionais Criação de sítios de internet Blogs e outros tipos de discussão pela internet Mídia impressa Mídia visual Televisão por satélite Exposições artísticas Teatro Torneios esportivos	Construção de edificações religiosas Peregrinações religiosas Material impresso Material visual Programas de televisão via satélite Cerimônias religiosas Jejuns religiosos Sítios de internet de cunho religioso
Fonte: Guita Hourani, 2007, s/p. com tradução nossa.				

A partir da tabela pode-se aferir que se engana quem pensa que o libanês por ter tradição na emigração está desconectado do seu país e família, solto, ou que dera as costas a eles (país e família que ficou). Ao contrário: a impressão que se tem é que ainda que a vida seja construída fora das fronteiras libanesas, ou que nunca mais se retorne ao país de origem, o libanês não perde de vista o que considera obrigação para com sua família e vilarejo. Influencia, investe, visita, doa, faz todo o necessário para manter seus vínculos com o país, por meio da família. Não dá as costas, ao contrário: busca melhorar as condições de vida dos que ficaram.

A importância dos emigrados para o Líbano, segundo Brand (2008), também residiria nas frágeis e limitadas política e economias do país, que o torna dependente dos emigrados para manter o confessionalismo do Estado e seu PIB. E

nesses termos, os emigrantes libaneses têm sido apontados como atores de destaque pela luta da identidade nacional e política do Líbano, muito mais do que em casos como Marrocos e Tunísia (que a autora também examina), inclusive pelo seu número ser mais expressivo do que nos dois países africanos. Aqui cabe o trocadilho comumente utilizado sobre o Líbano, que este seria um pássaro de duas asas, sem uma delas não pode voar, e cada uma representa sua população: fixa e emigrada.

Verdeil Faour e Velut (2007) vão explicar que a rede libanesa diplomática, dada a pequena dimensão do país, é particularmente extensa, em partes isso se dá em razão de o país não possuir relações diplomáticas com seus vizinhos, Síria e Israel – por razões muito diferentes, é verdade. Israel está em guerra com o Líbano, e todas as informações com o inimigo ‘está sujeito a processo por traição’. Até a retirada maio 2005, as relações sírio-libanesa eram mais no campo do patrocínio do que a relação entre estados iguais. Outrossim, a rede diplomática do Líbano se dá muito em torno dos consulados honorários, que é normalmente exercido pelo país por libaneses binacionais de residência da sua família, ou representante dos interesses do país implementação de suas famílias, ou representante os interesses do país e realizando determinadas funções do estado civil, e isto tem um custo mínimo para o Estado libanês. Ora, sendo o Líbano um país de tradicional rede diaspórica não de espantar que nesse sistema de consulado honorário a rede seja igualmente extensa.

Cabe reforçar no caráter frágil do país a função da lealdade. A fragilidade política que depende de um censo realizado há 80 anos e que conta com a atitude dos seus emigrados para que registrem seus filhos como libaneses, mesmo que esses jovens nunca tenham pisado no Líbano. Manter o equilíbrio político e econômico de um país com base em lealdade e atitude é sem dúvida algo difícil de compreender quando não se vive essa realidade. Mas esse manutenção não se dá de maneira desinteressada ou cega, existem mecanismos governamentais e não governamentais para isso. Assim, a lealdade e visibilidade configuram as redes familiares e dos clãs e permitem a amplitude dos campos de atuação dos libaneses, além das fronteiras do Estado nacional.

2.4 Entidades libanesas relacionadas aos Emigrados

Antes de compreender o aparato oficial e extraoficial que é usado no Líbano para controlar os emigrados é necessário aclarar que esse país não é o único a fazê-lo. Em muitos países em maior ou menor escala tratam de manter contato com os seus cidadãos que estão fora. Mas particularmente no caso libanês, apesar de a questão confessional sempre ter sido latente, sobretudo depois da guerra civil dos anos 1970, e principalmente pelo necessário equilíbrio para manter o Pacto Nacional vigente, nem sempre o Estado Libanês levou em consideração os emigrados ou organizou entidades de controle sobre eles. Para Verdeil, Faour e Velut (2007) o governo libanês considera a diáspora como um ativo e um grupo potencial de poupança mobilizada no Líbano. Ele criou um departamento (que nem sempre é autônomo) para os emigrantes.

Para ilustrar o supramencionado, cabe dizer que o Pacto Nacional de 1943 não incluía os libaneses expatriados, e tomava em consideração o censo de 1932. Apenas a partir de 1945 passa a haver interesse por parte do Estado Libanês em como as relações com os emigrados deveriam ser estruturadas. Isso porque no recém-independente país, deveria haver de alguma forma uma obrigatoriedade de emigrados investirem no Líbano, já que a massa no exterior desfalcava a mão-de-obra local.

Brand (2008) explica que o controle de fronteiras em todas as suas formas (para estrangeiros e locais) tem sido a ferramenta mais utilizada por um Estado para assegurar sua soberania. Contudo a autora pensa que o controle de soberania deve estar alinhado às políticas de e/imigração, de modo que esta deva se estender nas duas mãos: às pessoas que entram e às que saem.

A autora segue a reflexão tratando dos consulados e embaixadas, que por definição seriam a extensão territorial de um país dentro do outro, que entre outras coisas auxilia expatriados com diversos serviços. E como extensões diretas de ministérios de relações internacionais, via de regra, consulados e embaixadas têm variado bastante sua atuação, inclusive em muitos casos recrutando pessoas para trabalharem fora do país. E com isso a autora (se) questiona: por que os países

estão estruturando instituições destinadas a terem um papel ativo na vida de cidadãos emigrados? Esses seriam indicativos de mudanças nos contornos da nação/soberania? São questões as quais a autora convida a refletir.

Fica claro nessa perspectiva que um dos motivos pelos quais os países se interessam pelos emigrantes seria o impacto no PIB nacional por meio de envio de dinheiro, como demonstra claramente o caso libanês. Mas no Líbano não apenas esse é o motivo pelo qual o governo se interessa pelo emigrante, mas também o interesse em manter a proporção populacional religiosa que deve equilibrar o sistema organizacional e político do país, ou seja, muito interessa ao governo libanês que emigrantes das levas dos anos 1920 e 1930, para o continente americano, e seus filhos busquem sua naturalização libanesa, pois esse grupo era majoritariamente cristão. Brand (2008, p.21, com grifo da autora e tradução nossa) concorda quando explica que: “comunidades de libaneses no exterior têm sido, desde o mandato francês (1921-46), parte integrante do cálculo numérico que produziu e manteve no país o sistema político, ‘confessionário’ [...]”. Emigrar ou retornar ao Líbano é sempre uma decisão que está condicionada às condições políticas e econômicas internas do país para manter a sua estrutura.

Nesse sentido, a mesma autora segue explicando que quando foi pensada a organização de uma entidade que tratasse dos libaneses emigrados esse seria o embrião da União Libanesa Cultural Mundial (WLCU sigla em inglês). Ela ainda diz que em uma segunda reunião para tratar do tema estabeleceu-se uma constituição para a entidade e um conselho. Esta seria uma organização não governamental, apolítica, não confessional e não relacionada a organizações de trabalho: serviria para incluir expatriados libaneses, assim como residentes libaneses que passaram pelo menos cinco anos no exterior e, em seguida, retornaram. Segue Brand (2008, p.156).

Os objetivos foram: reforçar os laços de lealdade e respeito entre os seus membros e as pessoas dos países em que residiam, e participar no desenvolvimento desses países; reforçar os laços entre seus membros e que vivem no Líbano, para construir relações entre os seus membros no mercado nacional e no nível internacional, para incentivar a participação dos seus membros em atividade econômica, social, cultural e turística no Líbano, para reforçar laços culturais, econômicos e financeiros entre os países de acolhimento e Líbano, e difundir o patrimônio cultural libanês em todo o mundo.

Brand (2008) é uma das poucas referências que se tem sobre a WLCU, por isso esse seu texto é aqui usado exaustivamente. Nele a autora afirma que, em 30 anos, a WLCU realizaram muitos eventos em diferentes países do mundo e criaram 150 sedes nacionais, mas, contudo, apenas 14 destas sedes são ativas, entre elas o Brasil. Existe uma queixa da entidade sobre o pouco interesse do governo libanês em mantê-la financeiramente, bem como dos expatriados que são associados. A autora ainda comenta que a entidade sofre com as diferenças religiosas e políticas de seus membros, diferenças essas que foram acentuadas durante e depois da guerra civil. Outro fator que concorreria para a fragilização da entidade seria a atuação da diplomacia libanesa que está mais interessada em questões consulares propriamente ditas e políticas, deixando os expatriados em segundo plano.

O governo libanês ao seu turno, a fim de definir as relações entre os libaneses emigrados e os residentes, criou o Ministério dos Emigrantes (ME), e com isso mantém vivo os interesses do Estado sobre os expatriados, criando laços e conclamando essas pessoas para que façam parte da reconstrução do país após a guerra civil.

O Ministério dos Emigrantes foi criado pelo Decreto 4859, Lei 213, do dia 2 de abril de 1993, que define como seu objetivo o desenvolvimento da relação do Líbano com os emigrantes libaneses do mundo a fim de fortalecer os laços entre estes e o seu país de origem. Para um contato prático, o Ministério começou a organizar "Campos da Juventude dos Emigrantes Libaneses" no Líbano, onde os emigrantes do mundo inteiro se encontram e passam a conhecer melhor o Líbano, sua história, tradições, cultura. Estes encontros, bem como vários congressos de clubes e entidades libanesas no mundo, jornalistas, etc., culminou recentemente com a formação de um Conselho Internacional Libanês de Relações entre os Libaneses e seus Descendentes.

Brand (2008) acredita que em uma região na qual a lealdade é quase mais importante que o território, a família ou a religião, o desenvolvimento da soberania estatal sempre será complicado. Isso se deve pela necessidade de consideração dos laços tribais da construção do Estado. Criar um sentido nacional no Líbano tem sido uma preocupação nos últimos anos, de modo que se possa criar marcadores de

identidade nacional, subnacionais ou comunitários. Isso lhe é particularmente difícil, com tantos emigrados e separações religiosas e políticas dentro do país, a autora cita três símbolos nacionais que seriam não confessionais: o araq (bebida alcoólica com sabor de anis), o tabule (salada de salsa e trigo) e o Dabkeh (uma dança folclórica). Mas para lá dos rótulos culturais, mesmo nesses exemplos citados pela autora cabe muita discussão, pois certamente os muçulmanos observantes não vão querer se ver relacionados a um rótulo que envolve álcool.

Brand (2008) ainda segue dizendo que o Líbano representaria um caso no qual a fraca capacidade do Estado em garantir sua soberania e sua instabilidade interna fez com que a situação dos expatriados fosse mal gerida, ainda que com a criação de um ministério para tal assunto. Inclusive segundo ela haveria uma não compreensão do que o acolhimento aos expatriados poderia significar para as necessidades do país em geral.

Tradicionalmente, soberania é aplicada à população que se refere à lealdade ou fidelidade das pessoas que residem dentro de uma área territorialmente delimitada. [...] a extensão atual do movimento humano, além das fronteiras dos estados de origem constitui um longo desafio para o aceite da noção de soberania exercida sobre uma população localizada dentro de uma única e reconhecida unidade territorial. Não são apenas os números crescentes, mas o desenvolvimento no domínio dos transportes e de comunicação que tornaram muito mais fácil um fluxo contínuo de pessoas, bens, mensagens e imagens em todo e entre os estados. Como resultado, a linha entre a casa e o exterior, tanto em termos culturais e políticos, assim também como a forma e natureza dos limites da comunidade nacional passa a ser mais tênue. (BRAND, 2008 p.219 com tradução nossa)

Com essas particularidades da fragilidade do Estado, não é de admirar que o libanês tradicionalmente não tenha o seu país como marcador de identidade número um, mas sim a família, a religião e o vilarejo: esses não se lhe tiram, ou melhor, viver essa identidade não depende de guerras, ocupações ou partilhas ou até mesmo a emigração. Mesmo assim, a virtualidade do ser libanês permite ao Estado, como relata, Brand (2008) conclui que o aparecimento de instituições relacionadas com expatriados, com suas histórias diferentes e funções idem, pode ser um indicador do grau de soberania estatal ou como manifestações de resistência em face dos desafios econômicos e políticos do Estado: através destas instituições, estados demonstram sua robustez pela tentativa de renegociar o seu papel, assim,

remodelando e redefinindo suas reivindicações sobre os grupos de cidadãos (e mesmo seus descendentes) que vivem além de seus limites territoriais a emigração.

No caso do Líbano, ela segue, vê-se novamente a importância da soberania pós-independência, reforçando exigências nas tentativas iniciais para chegar às comunidades da diáspora já estabelecidas. A diferença neste caso é que, dada a composição confessional da diáspora e o papel que a confissão passou a desempenhar nas políticas internas, as tentativas por parte do Estado libanês em estender seu papel incluindo seus emigrantes e seus descendentes mais plenamente na vida política da comunidade também esbarraram nas diferenças confessionais.

Assim, a fórmula inicialmente concebida para garantir a independência do Líbano, o Pacto Nacional, efetivamente lançou as bases para o Estado soberano e os esforços do Líbano podem ser vistos, em parte, como iniciativas para mobilizar os recursos do emigrante, mas eles foram levados por um segmento específico da economia e da elite política que estava ansioso para integrar os emigrados mais plenamente em equilíbrio de poder interno para sua própria vantagem, e não ao partido do país como um todo.

Diferente de outros Estados que fazem grandes esforços para manter o contato com suas comunidades emigradas, o que também é um exercício de soberania, ou uma tentativa, o Estado libanês depende, neste sentido, da emigração para quase para manter a sua soberania. Entretanto, o Líbano dessa forma, desvia a lealdade nacional quase inexistente, da área da lealdade para com as famílias que investem em seus vilarejos: destarte, isso não é um ato de lealdade primária ao país, mas sim à família (e conseqüentemente à religião e ao vilarejo). Isso reforça o tripé identitário libanês: família, religião, vilarejo.

2.5 O Líbano atual

A diversidade histórica do Líbano se relacionada em grande parte também à estrutura geográfica, principalmente às diferenças paisagísticas e demográfico-

culturais. Existe uma enorme variedade de fatores no pequeno espaço do Líbano, assim compreender migrantes libaneses não pode-se restringir a este termo genérico, mas deve referir-se em cada caso às condições específicas dos imigrantes em Foz do Iguaçu que se organizam lá e convivem assim entre si e com outros grupos. A descrição física do Líbano que aqui se apresenta foi baseada no sitio de internet Mongabay (s/d; s/p – com tradução nossa) e a inserção dos dados demográficos e divisões religiosas no espaço foram feitas com base em análises de mapas contidos no sitio de internet Free Republic (s/d – com tradução nossa). Para melhor compreensão, veja mapa A (Mapa do Líbano), onde aparecem as principais cidades, rodovias, ferrovias e rios do país.

Figura 2 - Mapa do Líbano



Fonte: VERDEIL, E; FAOUR, G; VELUT, S. 2007, p. XIV.

A geografia física do Líbano é fortemente influenciada pelos sistemas naturais que se estendem para fora do país através de rios, planícies e montanhas. Como qualquer país montanhoso, sua geografia física é complexa e suas formas de terreno, clima, solos e vegetação diferem marcadamente em curtas distâncias. Há

também mudanças abruptas em outros elementos do ambiente, tais como solos diferenciados. Como o território libanês é bastante pequeno, especialmente se comparado com o Brasil, os aspectos geográficos valem destaque também em termos climáticos: a sua variedade paisagística é acompanhada de variedade climática e de relevo. Lá se pode em poucos minutos de viagem sair dos balneários para as estações de esqui. Um pouco mais adiante são vales verdejantes e férteis avizinando elevadas montanhas e floresta de cedros. O clima do Líbano é do tipo mediterrâneo moderado, com verões quentes e secos e invernos frios e chuvosos. A pluviosidade é maior nas áreas montanhosas e no Vale do Bekaa do que na costa. Nas montanhas do Monte-Líbano cai neve que permanece nos cumes até ao começo do verão. O rio Litani é o único grande rio do Sudoeste Asiático que não cruza uma fronteira internacional (LÍBANO VIVO, s/d)

A principal característica da topografia do Líbano é a alternância da planície e planalto que corre paralelo, geralmente com uma orientação no sentido norte-sul. Há quatro dessas tiras longitudinais entre o Mar Mediterrâneo e a Síria: a faixa costeira (ou a planície marítima), Líbano ocidental, o planalto central e leste do Líbano.

A faixa costeira, extremamente estreita, se estende ao longo da costa do Mediterrâneo oriental. Encurralados entre o mar e a montanha, o *sahil*, como é chamado no Líbano (a região costeira), é maior no norte, perto da cidade de Trípoli, onde tem 6,5 km de largura. A poucos quilômetros ao sul da cidade de Juniye conta com cerca de 1,5 km em toda a planície é sucedido por montes que se erguem abruptamente para 750 metros dentro de 6,5 km do mar. No mais das vezes, a costa é abrupta e rochosa. A linha de costa é regular, sem estuário profundo, abismo ou porto natural. A planície marítima é especialmente produtiva de frutas e legumes. No entorno de Trípoli a população é composta por Católicos Gregos e Maronitas. Ao norte desta cidade se situa uma área predominantemente de Muçulmanos Sunitas. Do sul de Trípoli até Beirute se concentram Maronitas. Mais ao sul, em Sidon existem dois grupos fortes: Muçulmanos Sunitas e Drusos, nos arredores da mesma cidade os Muçulmanos permanecem, mas compartilham o espaço com Católicos Gregos.

A faixa ocidental, a segunda maior região, é a do Monte Líbano, Líbano ou apropriada antes de 1920. Desde a época romana, o termo Monte Líbano englobava

esta área. Antilibanos (Anti-Líbano) foi usado para designar a Cordilheira Oriental. O Monte Líbano, maior, mais robusto e mais imponente de toda a gama de montanhas e planaltos que começa com as montanhas *Amanus* ou *Nur* no norte da Síria e termina com o imponente maciço do Sinai. A estrutura de montanha constitui a primeira barreira para a comunicação entre o Mediterrâneo e o interior leste do Líbano. A serra é uma unidade com limites claramente definidos naturais em todos os quatro lados. No Norte, é separada das Montanhas Nusayriyah da Síria pelo campo de Nahr al Kabir (rio grande), ao sul é circundado pelo rio Al Qasimiyah, dando-lhe um comprimento de 169 km. Sua largura varia de cerca de 56,5 km perto de Trípoli para 9,5 km no extremo sul. Nasce a sudeste de Trípoli, aonde Al Qurnat como Sawda (canto do negro) chega a 3.360 metros. Dos outros picos que se elevam a leste de Beirute, Sannin Jabal (2.695 metros) é o mais elevado. *Ahl al Jabal* (povo da montanha), ou simplesmente *jabaliyyun*, tradicionalmente se refere aos habitantes do Líbano ocidental. Perto do fim sul do Líbano rumo Montanhas fora para o oeste para formar as Montanhas Chouf. A região do Monte Líbano tem uma composição populacional bastante ampla, até mesmo em razão de sua extensão territorial. Na região do Chouf existe uma concentração grande de Drusos, e em menor escala Católicos Gregos e Maronitas. E essa relação populacional se estende em maior ou menor escala por todo o Monte Líbano, com ocorrências de grupos de Muçulmanos Xiitas e Sunitas.

A terceira região geográfica é o Vale do Bekka. Este planalto central, entre o Monte Líbano e o Anti-Líbano tem cerca de 177 quilômetros de comprimento e 9,6 a 16 quilômetros de largura e tem uma altitude média de 762 metros. Sua seção central se espalha mais do que suas duas extremidades. Geologicamente, o Bekka é a parte medial de uma depressão que se estende para norte até a curva oeste do rio Orontes, na Síria, à Jordânia e ao sul através Al Arabá ao Al Aqabah, o braço oriental do Mar Vermelho. O Bekka é a principal área agrícola do país e serviu como um celeiro da Síria no período Romano. Bekka Sul é composto demograficamente por Gregos Ortodoxos e Maronitas; o Bekka Central e Norte são de predominância de Muçulmanos Xiitas com áreas mistas de Gregos Ortodoxos e Maronitas; e o Bekka Leste tem total predominância de Muçulmanos Sunitas. Bekka é o plural árabe de *buqaah*, ou seja, um local com água parada.

Emergentes de uma base ao sul de Homs em Síria, a cordilheira oriental, ou Anti-Líbano, é quase igual em comprimento e altura ao Monte Líbano. Esta quarta região geográfica cai rapidamente do monte Hermon ao Planalto Hawran, de onde continua até a Jordânia ao sul do Mar Morto. O desfiladeiro Barada divide Anti-Líbano. Na parte norte são poucas aldeias nas encostas ocidentais, mas no trecho sul, com o Monte Hermon (286 metros), nas encostas ocidentais têm muitas aldeias. Anti-Líbano é mais árido, principalmente em sua parte norte, do Monte Líbano e, portanto, menos produtivos e menos povoados. No entorno de Monte Hermon e em todo o sul do Líbano, nas proximidades da cidade de Tiro a totalidade dos moradores é de Muçulmanos Xiitas com uma leve presença de Maronitas. Entre o Monte Líbano e o Bekka o grupo de Muçulmanos Sunitas é predominante, mas não exclusivo, pois existem áreas mistas de Drusos, Gregos Ortodoxos e Maronitas.

Em termos econômicos, explicam Verdeil Faour e Velut (2007) com exportações e produção modestas, quase tudo o que é consumido no Líbano é importado. As exportações representam aproximadamente de 10 a 20 por cento das importações, levando ao déficit comercial importante e a dívida pública e privada em níveis recordes. O país importa principalmente da União Europeia bens de consumo como automóveis e eletroeletrônicos, e a China passa a ser um novo parceiro nessa onda de importações. Com uma agricultura pouco produtiva para suprir as necessidades internas, os alimentos também são largamente vindos de fora, principalmente. Os derivados de petróleo vêm dos países da região. As suas exportações são orientadas principalmente para Síria, Iraque, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita tendo como principais produtos as pérolas, metais e pedras preciosas, bem como produtos agroindustriais. Com essa condição econômica, é de se esperar que o endividamento do Estado Libanês seja expressivo, mas ele tem recebido importantes ajudas internacionais, sobretudo de países da própria região com destaque para Jordânia e Djibuti. Os autores colocam que no que tange às remessas de dinheiro por emigrados, o Líbano ocupava em 2004 o sétimo lugar no mundo, mas em termos de impacto no PIB dos países de origem desses emigrados, o Líbano salta para a terceira colocação. (Verdeil, Faour e Velut 2007).

Como já se tratou na descrição regional, a população do Líbano é composta por diversos grupos étnicos e religiosos: muçulmano (xiitas e sunitas), cristãos

(maronitas, ortodoxos gregos, melquitas Greco-católicos, cristãos armênios, cristãos assírios e coptas) e outras, incluindo as seitas alauíta e drusa (vide mapa B: Distribuição dos Grupos Confessionais do Líbano). No total o Estado reconhece a existência de dezoito comunidades religiosas. 59,7% dos libaneses são muçulmano e 39% cristãos (divididos por entre os grupos enunciados). No tocante à estrutura etária 66% da população tem entre 15 e 64 anos. A população distribui-se principalmente pelas cidades do litoral (32% em Beirute e na sua periferia) e 20% na província do Líbano Norte. (LÍBANO VIVO, s/d) Mas cabe aclarar que qualquer dado oficial sobre a população do Líbano deve ser observado com atenção, pois é este tipo de informação que mantém o equilíbrio político libanês no que tange ao Pacto Nacional, e todos os dados tratam de estimativas, posto que a atividade censitária não faz parte das ações do governo libanês.

Yazbek e Abrahão (2001) asseveram que este seria o único país do mundo composto apenas por minorias, que vive em precário equilíbrio e separado pela intolerância, na qual cada comunidade estaria fechada em seus próprios costumes. Aqui cabe tratar desta dita precariedade, após compreender a longa história libanesa, cheia de invasões, possessões, aviltamento de soberania, união e reunião de terras e povos ao sabor dos interesses externos e tantas outras questões que fizeram do Líbano o país que se conhece hoje. Por isso, há que se questionar sobre esta dita precariedade de convivência, pois ao fim e ao cabo o libanês nunca esteve sozinho em seu país para gerir seus problemas e diferenças.

Mas não apenas desde o ponto de vista da geografia física o Líbano é diverso, sob uma bandeira (na qual o cedro repousa absoluto) e um gentílico está o libanês. À primeira vista ou a uma vista menos treinada para detalhes este parece um povo que comparte o espaço entre duas religiões cristianismo e islamismo. Contudo, ao ajustar as lentes desta visão vêm à tona outras nuances mais finas, que tal como o território fragmentado em diferentes ondulações de relevo e solo também diferentes culturas compõem o mosaico demográfico que é o Líbano. Os dois grandes grupos religiosos (cristãos e muçulmanos) dão espaço aos drusos e, claro, garantem espaço às suas mais diferentes seções internas.

Não bastasse ser este um país de profundas divisões religiosas, ainda os libaneses compartilham o espaço com refugiados palestinos e com um número bastante considerável de familiares estrangeiros de emigrados retornados. Há

relatos de tantas diferenças internas no país que é possível identificar a qual família pertence uma pessoa pelo seu sotaque: em que pese que não se fale aqui de identificar de que lugar vem uma pessoa (região ou ainda cidade), mas sim sua família, seu clã. O livro de culinária libanesa de Ramzi Choueiri (2002) apresenta mais do que 560 receitas de pratos libaneses, os quais ele atribui como típicos de cada vilarejo ou mesmo família que visitou em todo o país. São muitas diferenças no comer, falar e comportar-se em diferentes situações, que compõem o povo libanês ou porque não dizer os povos libaneses. Isso tudo é resultado de um país que sempre sofreu ocupação física e política, que tem como algo normal enviar os jovens para emigrar e que onde, sobretudo, habitam tensões em todas as suas franjas de fronteiras.

Analisando a questão do desenvolvimento social libanês, Verdeil Faour e Velut (2007, p. 91) explicam que:

Durante os últimos trinta anos, a guerra no Líbano representou uma grande transformação territorial, particularmente mediante movimentos de população. O abandono de algumas áreas, destruição de áreas de moradia e polarização confessional, às vezes irreparáveis degradação do meio ambiente por meio de aterros e invasões na costa são as principais consequências. No entanto, além da própria natureza súbita desses movimentos espaciais, uma nova geografia do Líbano está ocorrendo. Em suas formas espaciais em larga escala como na nova organização regional que atrai, em especial o desenvolvimento costeiro e atividades dos homens, tem muitas semelhanças com outros países submetidos a um forte crescimento e onde o Estado controla a pouco de desenvolvimento.

Para Verdeil, Faour e Velut (2007, p. 91) esse período pós-guerra promove novas dinâmicas sociais, nas quais a mobilidade interior é apontada como um elemento-chave, no qual o planejamento regional se torna essencial. “Mas este movimento confirma também uma urbanização primária, paradoxalmente, nascida durante a guerra. A densificação rural como a expansão urbana de áreas naturais e agrícolas, é a consequência mais clara disso.” Para os autores, também na área ambiental, uma intervenção tardia, parcial e tímida do Estado faz pouco para reverter a situação e os danos só pioram.

Pode-se de dizer que a guerra civil libanesa é um divisor de águas no que diz respeito às transformações territoriais no país, não apenas pela intensificação dos fluxos diaspóricos no sentido dentro para fora, como também a intensa mobilidade

interna das pessoas em busca de regiões menos belicosas para se instalar. Isso levou a uma mescla maior das regiões no que diz respeito às religiões, já não existem áreas de domínio exclusivo desta ou daquela confissão, também levou a uma urbanização rápida das zonas rurais, bem como a uma explosão demográfica na capital e nas outras cidades litorâneas. A ausência de um planejamento nacional e, sobretudo urbano adequado faz com os impactos ambientais dessas transformações sejam alarmantes, e muitas vezes irreversíveis, tais como a degradação do litoral e das florestas no interior.

Em concordância com isso, Verdeil Faour e Velut (2007, p. 134) asseveram que:

A sociedade libanesa sai da guerra civil empobrecida e enfraquecida. As esperanças e as decepções com o período de reconstrução, no que diz respeito ao setor econômico, ainda agrava a situação. A análise em termos de padrões de vida, medido pela renda, pelo acesso aos serviços urbanos e equipamentos, expõe a polarização da sociedade em detrimento das classes médias. Essas desigualdades também têm um forte componente territorial, entre zonas urbanas e rurais para as zonas costeiras e montanhosas.

Os mesmos autores trazem dados importantes a respeito da dinâmica demográfica libanesa, apesar da falta de estatísticas confiáveis, tais como:

- diminuição do número de filhos por mulher: em 1960 a média era de 6, em 2005 passa para 2; e
- melhores condições de higiene diminuem os níveis de mortalidade infantil.

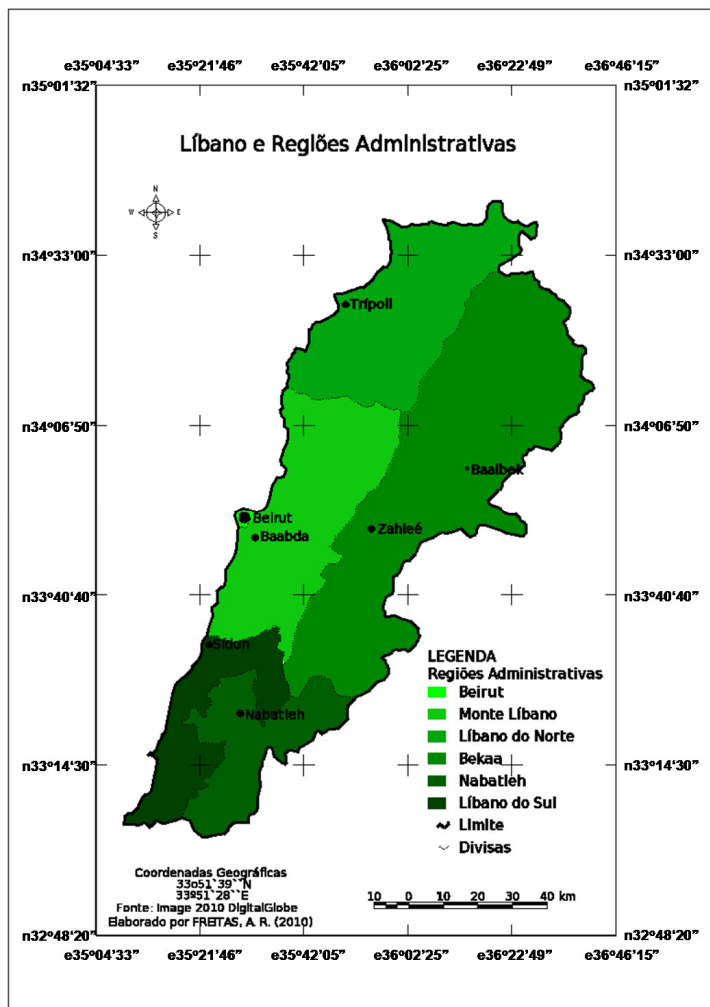
Esses dados mostram que houve, desde a década de 60, uma alteração na pirâmide etária do país e a sua base passa a ser mais estreita, ou seja, há um envelhecimento da população.

A densidade populacional do Líbano é elevada em cidades como Trípoli e Zahle, onde pode chegar a mais 23.012 habitantes por quilômetro quadrado. A concentração populacional está muito incidente no litoral do país. A questão rural *versus* urbano no Líbano é um destaque importante, pois nela se apresenta um grande contraste social: o rural pobre e com altas taxas de fecundidade e o urbano menos pobre com uma menor taxa de fecundidade.

2.6 Divisão administrativa do Líbano

A divisão administrativa do Líbano se dá por províncias (*mohafazts*), em número de seis: Beirute (capital), Monte Líbano (capital Baabda), Norte do Líbano (capital Trípoli), Sul do Líbano (capital Saída), Nabatieh (capital Nabatieh) e Bekaa (capital Zahle). Veja mapa B (Líbano e Regiões Administrativas):

Figura 3 – Líbano e Regiões Administrativas



Beirute: é o *mohafazts* que compreende a sede do poder, os ministérios e o parlamento. Aproximadamente 50% da população libanesa vive ou trabalha nesta *mohafazts*, em torno de um milhão e meio de pessoas; compreendidos entre a cidade de Beirute e seus subúrbios. Por esta razão, a região é o centro político,

administrativo, acadêmico, econômico e cultural do país. (LOCALIBAN, 2009. Tradução nossa)

Para Choueiri (2002, p.10) Beirute não é apenas a *mohafazts* e uma capital, mas sim o coração do Líbano “ela reúne todos os outros distritos, contém todos os sofrimentos e carrega todas as esperanças”. A Câmara de Comércio Brasil – Líbano (s/d) menciona que a cidade é digna de uma visita: habitada depois da alta antiguidade, cidade real durante o II milênio a.C., nas épocas romana e bizantina ela se distinguiu por sua célebre Escola de Direito, cujos professores e juristas colaboraram na elaboração do código Justiniano. Hoje Beirute conta com quase um milhão de habitantes e permanece o pólo cultural e comercial do país, seus edifícios antigos e modernos apresentam surpreendente contraste (CÂMARA DE COMÉRCIO BRASIL – LÍBANO).

Monte Líbano: é uma extensa *mohafazts* com um elevado número de cidades costeiras. Cujas principais cidades seriam: Aaley, Baabda (a capital), Chouf, Byblos, Kesrouane e Matn. (LOCALIBAN, s/d. tradução nossa).

Baabda, de acordo com Choueiri (2002) está situado entre Beirute e três outros departamentos: Metn Norte, Monte Kneisse e Zahlé. Em Baabda, que se localiza há aproximadamente 9 quilômetros de Beirute, se encontra a sede do governo Libanês, o Palácio do Serralho.

Norte do Líbano: Esta *mohafazts* comporta seis importantes cidades: Batroun; Bcharreh; Koura; Mnie-Dannye; Trípoli (ou Trablous, a capital); e Zgharta. A população estimada da *mohafazts* é de 760 mil habitantes. (LOCALIBAN, s/d com tradução nossa).

Trípoli se situa a 85 km ao norte de Beirute e é um grande centro comercial e industrial do Líbano-Norte, sendo ainda a segunda cidade do Líbano. A cidade foi fundada no século IX e conserva uma centena de monumentos cruzados, mamelucos e otomanos que faz de Trípoli um verdadeiro museu ao ar livre.

A moderna Trípoli, com aproximadamente 500.000 habitantes, se divide em duas partes: Al-Mina, que compreende a zona do porto, recobre a cidade antiga e a cidade de Trípoli que compreende a cidade medieval, construída aos pés do Castelo, com seus monumentos históricos. É em volta deste núcleo que a cidade moderna se desenvolve com suas diversas atividades comerciais, bancárias e lazer. Trípoli é circundada pela cadeia montanhosa de Kornet as Sauda, segundo Choueiri

(2002), nesta cidade se encontram muitos vestígios do período dos mamelucos, árabes e cruzados.

Sul do Líbano: *mohafazts* composta por três cidades: Jzine, Saída e Tyr (ou Sur). Esta província tem uma população estimada em 400 mil habitantes. (LOCALIBAN, s/d tradução nossa).

Saída (ou Sidon – nome antigo da cidade), localizada a 45 quilômetros de Beirute, tem uma estreita relação com o mar, de acordo com Choueiri (2002), mas também se dedica largamente à produção de frutas. O que marca à primeira vista é o Castelo do Mar, uma fortaleza do século XII que observa as margens a partir de uma pequena ilha na entrada norte do porto. O Localiban (s/d e com tradução nossa) menciona que a cidade está localizada a 45 km ao sul de Beirute e teria uma população estimada em 69 mil habitantes.

Nabatieh: são quatro as principais cidades desta *mohafazts*, a saber: Bent Jbayl; Hasbaya; Marjaayoun; e Nabatieh (a capital). A sua população estimada é de 221 mil habitantes. (LOCALIBAN, s/d. tradução nossa).

Sobre Nabatieh, o Localiban (s/d, com tradução nossa) menciona que a cidade dista 75 km de Beirute e tem aproximadamente 15900 habitantes.

Bekaa: é uma das maiores *mohafazts* do país, e é composta por três cidades/regiões principais: Bekaa Oeste (uma região que compreende diferentes vilarejos); Rachaya e Zahlé (a capital). Estima-se que a *mohafazts* tenha 471 mil habitantes.

Zahlé dista a 55 km de Beirute e é a capital do Vale do Bekaa, pitoresca cidade nomeada de “A noiva do Líbano”. Construída em volta das margens do rio Bardauni, ela é reputada por seu arak (bebida alcoólica nacional) e por seu *mezze* (versão libanesa de entradas de refeições). Estima-se que a cidade tenha uma população de 38 mil habitantes. Foi fundada há mais de 300 anos na região onde os vestígios históricos e pré-históricos datam de vários milhares de anos. No início do século XVIII uma primeira instalação de emigrantes provenientes de Bekaa, do Monte Líbano e do Hauran, se desenvolveram a beira do Bardawni. A nova cidade é dividida em três partes, cada uma com seu governador. No século XIX ela tornou-se o primeiro estado autônomo da região com suas próprias bandeiras e hino. Ela foi queimada em 1771 e 1791, depois novamente incendiada e saqueada em 1860. A ferrovia a qual ela foi ligada em 1885 fez crescer sua importância comercial e a cidade tornou-se porta interior da Bekaa e da Síria, assim como centro principal de

comércio para a agricultura e mercadorias entre Beirute e Damasco, sem contar suas relações com Mossoul e Bagdá. Zahlé continua sempre a ter um papel importante na vida do país (CÂMARA DE COMÉRCIO BRASIL-LÍBANO, s/d).

Outra cidade importante do Líbano é Baalbek (no Bekaa): distante 85 km de Beirute e com aproximados 85 mil habitantes. (LOCALIBAN, s/d com tradução nossa). Nesta cidade se encontra um dos sítios históricos mais grandiosos do mundo, do período romano: a acrópole, como são designados o grupo dos templos romanos de Baalbek, compreende o Templo de Júpiter, do qual somente seis colunas subsistem das 54 que contavam na fundação, cada uma medindo 33 metros de altura e 3,50 metros de diâmetro; o Templo de Baco, com suas esplêndidas colunas e muros cinzelados, tudo bem conservado; e o Templo de Vênus, com seu original traço circular. Nesta antiga cidade que se realiza todos os verões o famoso Festival internacional Baalbek.

A breve descrição acima explica como o país é fragmentado não apenas por meio de sua população, mas também pelo grande número de paisagens diferenciadas, com cada região apresentando suas especificidades. Destarte, o Líbano deve ser entendido como um país detentor de expressiva história e patrimônio cultural, contudo, no que diz respeito à maturidade política ainda tem um longo caminho a percorrer. Essa imaturidade leva o país a ter problemas diversos, tais como: economia, paz relativa, fronteiras e soberania em constante discussão pelos seus vizinhos. Uma das consequências disso é o estrangulamento das perspectivas de vida próspera pelos seus moradores, o que leva à maciça e histórica emigração.

Apesar dessas características, o Líbano é a mãe 'carinhosa' desses emigrados, é para onde acorrem nos verões, é de onde nunca são rechaçados ou diferenciados, é onde suas filhas e filhos podem levar suas juventudes em segurança, sem receios de que haja corrupção nos costumes e tradições. É onde a língua é falada com seus muito particulares sotaques e as religiões têm seus espaços sem olhares curiosos externos. O Líbano é o lugar onde esses milhares de emigrantes se encontram com outros familiares e consigo mesmos.

3. Foz do Iguaçu e o Líbano Presente

Trata-se (A Lenda das Cataratas⁵) da história de dois jovens que abandonam sua tribo, fugindo do destino – sagrado e coletivo - a eles designado, em busca da realização amorosa e em direção ao “El-Dorado”.(...). Porém, o itinerário seguido pelos jovens Naipi e Tarobá, abandonando a tribo em busca desse amor, ficou suspenso no tempo. Trata-se de um itinerário sem qualquer expectativa de retorno. Será justamente a imposição do tempo cronológico e linear e de um espaço bem demarcado que irá se sobrepor a essa lenda através da história da cidade, com a presença de imigrantes e descendentes?. (MACHADO E SILVA, 2008, pp 365-366)

Foz do Iguaçu é uma cidade fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, no extremo Oeste do estado do Paraná, 637 km distante de da capital paranaense Curitiba. Fica perto da Floresta Nacional de Iguaçu e do Lago de Itaipu numa região de clima de transição do subtropical para o tropical.

A cidade tem 250.980 habitantes, segundo o último censo do IBGE (BRASIL, 2010) que apresentam grande sua diversidade cultural: mais do que 80 nacionalidades de imigrantes moram lá, entre eles grandes contingentes do Líbano, da China, do Paraguai e da Argentina (FOZ DO IGUAÇU, s/d). Fernandes (2007) menciona que nas Américas, apenas Nova Iorque e São Paulo teriam tal ou maior expressividade multiétnica.

Caminhando pelas ruas da cidade não é surpresa deparar-se com pessoas de diferentes nacionalidades, como japoneses, chineses, coreanos, franceses, bolivianos, chilenos, árabes, marroquinos, portugueses, indianos, ingleses, israelenses e tantas outras, além dos vizinhos da Argentina e do Paraguai. Assim, a

⁵ A Lenda das Cataratas é bastante presente na cidade, ora contada para os turistas ora mencionada nas cartilhas escolares da cidade. Ainda as personagens da Lenda emprestam seus nomes a diferentes logradouros e estabelecimentos. A analogia que Machado e Silva faz entre o desapego dos apaixonados Tarobá e Naipi à terra e ao destino é pertinente: desde a Lenda que explicaria a origem do Cânion do Iguaçu (e as quedas d'água) até os dias de hoje Foz do Iguaçu é explicada e vista pelos fluxos.

cidade recebe um ar cosmopolita, e os seus moradores desenvolvem uma identidade que ultrapassa os costumeiros padrões nacionais. Por isso, Machado e Silva (2008, p. 364) menciona, com certa razão, que Foz construiu uma particularidade ao longo da sua história abrigando tantos diferentes grupos de imigrantes: “Daí, talvez, mais uma das razões que explicam a expressão nativa, constantemente reiterada, de que ‘Foz é uma cidade atípica’, principalmente quando se discute algum problema sobre a vida e o convívio cotidiano na cidade.”

Mas a autora também relata que, quando se compartilha o uso do espaço por diferentes grupos, é difícil reconhecer uma única identidade para a cidade, e com isso há um esforço em usar essa dificuldade como um apelo à convivência de alteridade: “é o apelo público e oficial da Prefeitura Municipal, dirigido aos moradores para participarem da vida cívica, jurídica e legal da cidade, através do emblema ‘Foz é de todos nós’ (MACHADO E SILVA, pp. 364-365). E há que se concordar que em Foz, as identidades são múltiplas, e isso lhe confere sem dúvida nenhuma uma cor local muito especial.

A autora compara esta situação com a descrita por Sayad sobre os argelinos na França, onde o imigrante é não pertencente, mas pertence ao mesmo tempo ao conjunto nacional. Em Foz do Iguaçu no que tange ao poder oficial o imigrante teria outra condição: ele é um cidadão que pertence pelo menos à cidade, que faz parte dela e vice-versa.

Apesar de Foz ter uma história urbana, Roseira (2006) aponta que seu acelerado crescimento populacional acontecia apenas em função da construção da Usina de Itaipu, asseverando que inclusive as correntes migratórias para lá orientadas foram ocasionadas pelas oportunidades criadas pela tal construção. Machado e Silva (2008), entretanto, procura as principais razões da migração à cidade na sua localização fronteiriça, mencionando que grande número dos imigrantes vinha em função do comércio. Isto vale principalmente para os migrantes de origem árabe (libaneses, palestinos, sírios, jordanianos), bem como asiáticos (chineses, coreanos e, em número bem menor, indianos), além de portugueses. A autora menciona ainda que a cidade fora principalmente escolhida para morar, muito embora as oportunidades de trabalho (comércio) se encontrassem mais na vizinha Cidade do Leste. Apesar de essa percepção da autora ser compactuada por muitas

peessoas na cidade de Foz, eventualmente um olhar mais apurado poderia revelar dados distintos: os descendentes de imigrantes, que mesmo sendo brasileiros natos continuam sendo rotulados pelos não descendentes de imigrantes como estrangeiros, tal como: o árabe, o turco, o chinês, o coreano e assim por diante, já ocupam outros postos na cadeia econômica da fronteira, muitas vezes abandonando o comércio na vizinha Cidade do Leste e se instalando em diversas profissões em Foz mesmo.

Esta situação multicultural remodelou a paisagem urbana de Foz e, assim, o seu cotidiano é marcado visivelmente pelo multiculturalismo: “além dos espaços sociais dos grupos da comunidade árabe, há, na cidade, um templo budista, igrejas evangélicas e católicas, clubes específicos e associações atuantes – dos portugueses, dos japoneses, dos coreanos, dos italianos e outras menores, como a associação franco-brasileira” (MACHADO E SILVA, 2008, p.368). À parte dos templos e outros espaços edificadas, a comunidade árabe, por exemplo, ainda promove, esporadicamente, atos de reconhecimento e visibilidade que são as manifestações políticas pela causa da Palestina e festividades religiosas; isso sem mencionar as duas escolas árabes, o cemitério e os inúmeros restaurantes árabes na cidade de Foz do Iguaçu.

Com base nesta experiência visual, Montenegro e Béliveau (2006) compreendem Foz do Iguaçu a partir do imaginário do diverso. Assim, seus próprios habitantes a consideram uma cidade aberta ao outro, hospitaleira aos imigrantes e turistas. Os iguaçuenses e o próprio poder público, segundo as autoras, creem que a diversidade seria um valor e uma riqueza. O imaginário de convivência entre os diferentes grupos é tão forte, de acordo com as autoras, que descrevem o discurso muito ouvido na cidade de que ali, tanto árabes como judeus convivem em harmonia; mas as autoras são perspicazes ao observarem que praticamente não existem judeus na cidade. Por isso, antes de cair na ingenuidade, Montenegro e Béliveau (2006) atentam para o fato de que a diversidade na cidade seria mais um espaço compartilhado etnicamente do que um espaço unificado entre os diferentes, remetendo mais à tolerância do que à integração.

Ao seu turno, Fernandes (2007, s/p) explica que

O respeito (...) parece mesmo ser mola-mestra da sociedade multifacetada de Foz. Se não há a aproximação que se imagina cabível em um pedaço do Brasil assim, não há também registros nos últimos anos de incidentes graves envolvendo membros de uma etnia perante outra. A escola árabe que funciona ao lado da Mesquita corrobora isso. Nem todos os 300 alunos têm ascendentes no Oriente Médio e, entre eles, há a estratificação entre sunitas e xiitas, além de uma razoável influência das marcas-símbolo das economias americana e europeia. Estar no pátio do colégio durante o intervalo é ter a oportunidade de observar meninas de 10 anos de burca e tênis americano, além da lata de Coca-Cola na mão. (...). Em outra parte da cidade, assistir a uma missa na Paróquia São João é ver fiéis, lado a lado, nascidos no Paraguai, Bolívia, Itália ou Alemanha e de ouvidos atentos à pregação de sotaque indonésio do padre Wili.

Assim, pode-se falar de uma interculturalidade vivida dentro dos grupos étnicos, mas para Fernandes (2007) não existe integração entre os diferentes grupos iguaçuenses, existe respeito. A integração não ocorre em razão de a convivência entre os grupos ser muito superficial. Uma possível explicação para a convivência superficial entre grupos distintos pode se dar pela luta pela sobrevivência de costumes, ideologias, e outros elementos relacionados à cultura de origem deles. Mas também essa tese não trata de lidar com essas questões abraçando todos os diferentes grupos, mas se concentra especificamente no libanês, e para isso haverá explicações posteriormente, na análise de dados. Aqui apenas cabe mencionar, na voz de outros autores, que se vive em tranquilidade entre os diferentes grupos na cidade e que a integração é ainda em baixa medida.

Arruda (2007, p. 44) explica que “quanto maior for o contato com grupos que possuam hábitos, religião, percepções diferentes das suas, maior a tendência dos diferentes segmentos se reafirmarem como um grupo de pessoas que tenham características semelhantes.” E com isso, pode-se imaginar que esse grupos que vão se arranjando promover de certa forma relações entre os semelhantes, entre o que se chama de ‘nós’ e não com o ‘outro’. A autora ainda comenta que além das questões particulares dos imigrantes na região da tríplice fronteira, devem-se considerar os moradores dos e países transitando por lá, marcando ainda mais esta relação. Ou seja: há movimento, incessante de estrangeiros, de ‘outros’ na cidade de Foz, quer sejam de moradores, quer sejam de turistas.

Nesse caso, vale mencionar que a base da economia da cidade está claramente em atividades interculturais, por exemplo, no turismo. Isto não apenas

por causa das várias atrações mundialmente reconhecidas como as Cataratas de Iguaçu, o Lago de Itaipu, ou a Floresta Nacional, que incrementam um turismo regional de comércio e serviços, mas também pelo seu ar ‘internacional’. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), em 2006 e 2007, Foz do Iguaçu foi considerada no Brasil no segmento lazer o 2º destino mais visitado por turistas estrangeiros, atrás apenas do Rio de Janeiro.

A região de Foz do Iguaçu sempre tem sido uma região de encontros. Assim, já em épocas arqueológicas 6.000 anos atrás, vestígios testemunham a passagem de pessoas, assim, que vários grupos humanos sucederam-se ao longo dos séculos na região. Contudo, em se tratando de ocupação territorial do local, Cury (2010) menciona que esta se deu nos idos dos Tratados de Tordesilhas e de Madri, marcadamente por indígenas Guarani. O mesmo autor menciona que no final do século XIX iniciaram o povoamento da cidade por não indígenas, levados para lá para a exploração econômica da erva-mate, mas esses habitantes não eram brasileiros, mas sim paraguaios, argentinos e europeus.

O site de internet da prefeitura municipal de Foz do Iguaçu, conta com outros detalhes essa história da ocupação territorial da cidade e a formação da vila militar que daria origem ao município. Em 1881, foi fundado o atual povoamento quando chegaram à região o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manuel Gonzáles, e pouco depois os irmãos Goycochéa que dali tomaram posse. Começaram, junto com indígenas e outros migrantes, explorar a erva-mate na região. Relata-se que como outro elemento da história dita oficial, a formação da Vila Militar que daria origem ao município, quando oito anos após foi enviando uma expedição do governo republicano brasileiro para sondar a instalação de uma colônia Militar na fronteira, marcando assim o início de uma ocupação efetiva pelo Estado brasileiro na região. Para estes fins, chegou em julho outra expedição do Engenheiro e Tenente José Joaquim Firmino no local, fazendo um levantamento dos moradores de então: foram identificadas 324 pessoas, em sua maioria paraguaios e argentinos, além de espanhóis e ingleses. Quase todos se dedicaram à extração da erva-mate e da madeira exportando seus produtos via o rio Paraná para a Argentina. Por isso, quando em 22 de novembro do mesmo ano, o Tenente Antonio Batista da

Costa Júnior e o Sargento José Maria de Brito fundaram a Colônia Militar, eles tentaram fixar e controlar o povoamento sob controle brasileiro, sustentando esta tentativa com a distribuição de terrenos a colonos brasileiros interessados (FOZ DO IGUAÇU, s/d).

Mas não se obteve sucesso na empreitada, e no ano de 1897, a Agência Fiscal chefiada pelo Capitão Lindolfo Siqueira Bastos registrou apenas a existência de 13 casas e alguns ranchos de palha no local. Entretanto, nos primeiros anos do século XX, a população de Foz do Iguaçu chegou a aproximadamente 2.000 pessoas e o vilarejo dispunha de uma hospedaria, quatro mercearias, um rústico quartel militar, mesa de rendas e estação telegráfica, engenhos de açúcar e cachaça, além de muita agricultura de subsistência dos seus moradores. Em 1910, a Colônia Militar já passou à condição de Vila Iguassu, sendo então um distrito do enorme município de Guarapuava. Em 1912, o Ministro da Guerra emancipou a Colônia, tornando-a um povoamento civil e o entregou aos cuidados do governo do Paraná que criou então a Coletoria Estadual da Vila. Em 14 de março de 1914, pela Lei 1383, foi criado o Município de Vila Iguaçu, instalado efetivamente no dia 10 de junho do mesmo ano com a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng, e da primeira Câmara de Vereadores. O município passou a denominar-se, a partir de 1918, "Foz do Iguaçu" (FOZ DO IGUAÇU, s/d)

Geograficamente, o antigo povoamento foi apenas acessível pelo rio Paraná, e por algumas trilhas, uma estrada foi construída em 1920. Esta interligava Foz do Iguaçu diretamente a Curitiba, mas ainda estava em condição precária não sendo assim verdadeiramente uma conexão direta. Só na segunda metade da década de 50, quando se iniciou o asfaltamento dela sendo completado apenas em 1969 (FOZ DO IGUAÇU, s/d). Mas em 1965, a inauguração da Ponte Internacional da Amizade (Brasil-Paraguai) permitiu que o desenvolvimento da região acelerou-se, intensificando principalmente seu comércio com a cidade paraguaia de Porto Presidente Strossner (atual Cidade do Leste), e a parte norte da Argentina. A construção da Hidroelétrica de Itaipu (Brasil-Paraguai), iniciada na década de 70, causou outro impacto em toda a região aumentando mais uma vez consideravelmente o contingente populacional de Foz do Iguaçu. Assim, em 1960, o município contava apenas com 28.080 habitantes, em 1970 já com 33.970, e em

1980, o número saltou para 136.320 habitantes registrando um crescimento de 385% desde 1960 (FOZ DO IGUAÇU, s/d).

Para Cury (2010) outro marco importante para a formatação atual da cidade e seu desenvolvimento foi a criação do Parque Nacional do Iguaçu, em 1939. Contudo, seus efeitos foram sentidos apenas posteriormente.

De acordo com Catta (1994), a configuração histórico-social de Foz do Iguaçu se diferenciava pouco até o início da década de setenta das demais cidades fronteiriças brasileiras. Contudo, o autor comenta que dois acontecimentos marcaram a cidade, ambos ligados a questão da interculturalidade, davam um diferencial: primeiro, no final do século XIX, quando o extrativismo da erva-mate e, posteriormente, da madeira, traziam muitos argentinos, com mão-de-obra guarani, para a região e destinando basicamente ao mercado do Rio da Prata e Chile; e segundo, quando por volta da década de trinta, uma grande quantidade de colonizadores sulistas chegou principalmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, entre eles muitos colonos com fortes influências alemães e italianos. Apesar de pequena na época, a cidade comportava, assim, já uma rede de atividades interculturais, além de comerciais – isto provavelmente em função do seu afastamento dos centros do país, em favor de uma importância regional. Estabeleceu-se uma população específica. Já na primeira fase, os militares do Batalhão de Fronteira tornaram-se personagens relevantes na vida da fronteira, em vista do seu caráter assistencialista, controlador e repressivo. Funcionários públicos ligados à Alfândega, à Casa de Rendas, à Prefeitura Municipal, aumentaram em número e ganhos à medida que se expande a cidade. Trabalhadores das embarcações que cruzaram os rios Paraná e Iguaçu em direção aos países vizinhos permitiram ligações comerciais, apesar de sua pequena intensidade. Nos anos 1950, ainda, chegavam já as primeiras pessoas ligadas ao turismo às Cataratas que gradativamente atraía uma parcela de turistas cada vez maior. O entendimento de Catta à ocupação territorial de Foz do Iguaçu ganha novas variáveis e complexidades: segundo sua interpretação a cidade era controlada pelos militares de forma repressora, mas essa repressão não foi suficiente para barrar o número de pessoas vindas de fora para se instalar na cidade; outro dado que o autor expõe é a variedade de atividades econômicas que vão se abrindo na localidade: eram

funcionários públicos, agentes de turismo e diferentes atividades comerciais internacionais incitadas pela situação fronteiriça e fluvial. E ainda não havia dado início a construção da Usina Hidroelétrica de Itaipu, marco dado por muitos estudiosos como um dos principais do desenvolvimento da cidade.

Cabe mencionar que no início dos anos 1950 já se instalam em Foz duas famílias libanesas, segundo fonte oral fornecida a Marcelle Ghieh, as famílias que se dizem serem as primeiras a chegarem foram as de Youssef Hassan El Nissr e a de Ibrahim Barakat. Não há documentos que comprovem esses fatos, o passaporte do senhor Youssef tem entrada no Brasil em 1951, e consta que logo depois disso ele se dirigiu para Foz do Iguaçu. A filha dele, Florida Hassan El Nissr é a primeira descendente de libaneses registrada em cartório na cidade, nascida em 20 de julho de 1957.

Quando tem início a instalação da Usina de Itaipu, a partir de 1973, todo o processo de ocupação, colonização e montagem da estrutura urbana de Foz do Iguaçu muda (CATTA, 1994). A construção da Usina demanda a contratação de um imenso contingente de trabalhadores, que no seu apogeu, em 1978, atinge a 30.263 pessoas, das quais pouco mais de vinte mil são brasileiros, e os demais paraguaios. Este acontecimento contribui para um enorme incremento da população de Foz do Iguaçu que passou de aproximadamente 30.000 habitantes em 1973 para 185.000, segundo o censo do IBGE de 1992. Como os brasileiros vêm de todas as partes do Brasil, forma-se, já e além dos paraguaios, na cidade um caleidoscópio sociocultural que afeta diretamente os antigos moradores, bem como altera radicalmente o seu cotidiano (CATTA, 1994).

As transformações estruturais na cidade também atraem agora também uma elite que para ali se transfere tendo o apoio de sua congênere anteriormente ali estabelecidas. Eles atuam diretamente na empresa binacional de Itaipu, como também no incrementado poder público local. Essas alterações profundas de ordem econômica e social se processam no cotidiano das pessoas comuns, no curto espaço de quinze anos. Além de uma nova ordem espacial, eles passam a conviver com novas leis e normas de conduta, impostas pela presença da maior hidrelétrica do mundo e seus agregados (CATTA, 1994)

Um dos elementos marcantes na paisagem urbana é, neste momento, o fato que a Usina organiza espacialmente a cidade com a construção de vilas diferenciadas para cada nível de trabalhador, com toda a infra-estrutura possível (clubes de lazer, hospitais e postos de saúde, escolas, etc. em cada uma delas). Assim, se molda o comportamento de seus habitantes, com a garantia de segurança aos seus trabalhadores. Seu patrimônio é protegido por uma polícia própria, a qual passa a controlar rigidamente toda a área de sua influência criando uma área específica, quase uma cidade dentro da cidade (CATTA, 1994).

Hoje, a cidade conta com uma atividade comercial e de serviços que oscila muito ao longo dos governos presidenciais e estaduais, pois desenvolveu uma relação de dependência primária e secundária com o comércio em Cidade do Leste, para a qual montou uma rede de atividades específicas para compristas, tais como hotéis, transporte, restaurantes, laranjas⁶, casas de câmbio e outras. Este comércio tem clara dependência com a cotação do dólar frente ao real, posto que as mercadorias são comercializadas em dólares apesar da moeda paraguaia ser o guarani; e com o nível de repressão imposto pelo governo federal por meio da Receita Federal do Brasil e Polícia Federal às pessoas e mercadorias que entram no país. Outra dependência econômica que a cidade tem é no setor de serviços, seccionada em dois setores específicos, e que se cruzam.

Um é o de turismo, sustentado por hotéis, restaurantes, transportadoras emissivas e receptivas, comércio específico, guias de turismo, e outros segmentos que possibilitam o turismo de lazer e de eventos que são os principais motivadores a viagens para a cidade. Isso mencionando apenas empreendimentos e atividades diretamente relacionadas com o turismo, sem dizer as indiretas como supermercados, serviços de gráfica, e combustíveis, etc.

O outro é o comércio em duas regiões distintas da cidade como a Vila Portes e o Centro da cidade que tem como um dos principais consumidores paraguaios e argentinos em busca de bens de vestuário principalmente. Essas duas atividades do setor de serviços estão sempre a mercê das oscilações cambiais do real, peso

⁶ Se diz 'laranja' para a pessoa que passa mercadoria para outra pela Ponte da Amizade.

argentino, dólar e guarani, bem como das (in)estabilidades da atividade turística no mundo, Brasil e Mercosul.

Tida como cidade estratégica para a formação do território e soberania nacional até os dias de hoje, Foz do Iguaçu sente as alterações e pressões cambiais, políticas e ideológicas do país tal como uma grande cidade, mas muitas vezes carece de intervenção séria dos poderes municipal, estadual e federal: interessa a todos eles, mas cada um deixa para o outro fazer o que todos deveriam. Isso se vê refletido claramente em quesitos como segurança, transporte público, infraestrutura de acesso, saúde e outros.

A partir de 1994 com a estabilização da economia no país e a força cambial do real frente ao dólar⁷, o comércio em Cidade do Leste passou por um grande crescimento, fervilhando de compristas de todas as partes do Brasil e de comerciantes vindos, sobretudo do Líbano e Taiwan (e este movimento de compristas era fortemente sentido também na cidade brasileira: demanda por serviços de hospedagem, alimentação, transporte e seus desdobramentos; bem como o incremento do fluxo de imigrantes comerciantes na cidade paraguaia refletiu-se em Foz do Iguaçu na medida em que muitos deles viviam no lado brasileiro da fronteira e estimulavam o setor imobiliário, saúde, transporte, alimentação, educacional e tantos outros que são ofertados a moradores com poder de compra de uma cidade). As estimativas da comunidade árabe no período eram de que entre Foz do Iguaçu e Cidade do Leste haveria em torno de 35 mil árabes (entre imigrantes e descendentes).

Em 1997-1998 o governo federal do Brasil decide aplicar maior rigidez sobre os estrangeiros residentes no país para posteriormente anistiá-los; este fora um momento em que muitos libaneses moradores de Foz do Iguaçu foram viver em Cidade do Leste ou arriscaram a trazer suas famílias do Líbano para viver na cidade. Houve certa comoção, pois a fiscalização de pessoas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai foi intensa como nunca antes vista, até mesmo dentro da cidade de Foz a fiscalização era vista.

⁷ Cabe recordar que no início do Plano Real, a moeda brasileira valia mais do que a americana.

Com as altas do dólar frente ao real nos anos seguintes; atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos (e toda a repressão aos árabes e muçulmanos no mundo todo); saída de Israel de quase todo o Sul do Líbano; a repressão à entrada de mercadorias advindas do Paraguai para o Brasil; forte crise na Argentina (2002); e outros fatores sociais, o grupo libanês de Foz do Iguaçu sem dúvida encolheu em termos quantitativos, mas continua qualitativamente, visivelmente forte.

Hoje a comunidade estima que o número de árabes, entre descendentes e imigrantes, não ultrapasse os 15 mil quase todos morando em Foz do Iguaçu mesmo. Apesar do encolhimento, esse número ainda representaria mais de 5% da população local. Há quem diga que já não existem libaneses forasteiros em Foz do Iguaçu (aqueles que são explicados como apenas desejosos por ganhar muito dinheiro e voltar para o Líbano), mas sim afirmam que os que suportaram a todas as adversidades estão na cidade para ficar (ora porque já são nascidos no Brasil, ora porque têm seus filhos e familiares na cidade, ou por outros motivos que esta pesquisa pode revelar), fortalecer suas raízes.

Precisar o número exato de imigrantes libaneses radicados em Foz do Iguaçu é muito difícil. A polícia federal tem algumas estimativas imprecisas: apenas pode-se precisar a entrada de imigrantes/turistas por Foz do Iguaçu, quando muitos entram por São Paulo, Rio de Janeiro, Chuí e etc.; muitos que entram como turistas acabam com o tempo obtendo nacionalidade brasileira; outros tantos, de Foz do Iguaçu seguiram rumo a outras cidades do Paraná ou mesmo São Paulo. Há ainda a dificuldade de precisar os descendentes, pois sendo brasileiros natos a polícia federal não os trata com diferença de outros brasileiros, são brasileiros e pronto.

Ao contrário da Polícia Federal, as lideranças da comunidade têm as suas estimativas, considerando os fiéis nas mesquitas e as crianças matriculadas em escolas árabe-brasileiras. Entende-se que com este critério étnico, os números são diferentes, contudo, não mais confiáveis do que o dos órgãos oficiais.

Por isso, esta pesquisa não vai se ocupar de responder a esta questão em termos numéricos. Ocupar-se-á da visibilidade, da identidade e outros aspectos dos libaneses e da libanesidade em Foz do Iguaçu, deixando assim os números em

posição de menor destaque, privilegiando os construtos sociais e culturais que estes sujeitos empreenderam na cidade.

3.1 Como se formou o Líbano Presente: a imigração libanesa para Foz do Iguaçu

Não existem estudos sistematizando o fluxo migratório libanês orientado para Foz do Iguaçu, contudo, com base nas pesquisas realizadas pela autora e outros colegas estudiosos do tema, pode-se iniciar uma sistematização em termos históricos dos períodos de migração e os respectivos contextos libaneses e iguaçuenses.

A primeira fase da imigração para Foz do Iguaçu do Líbano se instala pouco depois da independência do país, baseado no seu Pacto Nacional de 1943. Ela perdura até o início da Guerra Civil Libanesa (1975). Gattaz (2007) explica que em termos econômicos, o período de 1950 e 1960, o país destacou-se em relação ao resto do Oriente Médio nas atividades bancárias, gerando fluxos financeiros para os países do Golfo produtores de petróleo, quando a cidade de Beirute passou a ser considerada o centro econômico do Oriente Médio, além disso, o país era um centro cultural importante na região. O autor ainda faz menção à agricultura relevante para a economia, o que permitia às famílias do interior viver com relativo conforto. Mas esse conforto e bonança não eram compartilhados por todos os libaneses, o Bekaa e o Sul do Líbano (notadamente de população muçulmana) foram regiões que ficaram à margem desse movimento. Além de as tensões políticas fruto da relação conflituosa entre israelenses e palestinos faz com que os libaneses anteviessem conflitos imediatos e muito perto deles. Tal situação propiciava a emigração.

É nesse ambiente que alguns poucos libaneses muçulmanos do Bekaa saem do Líbano para o Brasil, e chegam até Foz do Iguaçu. Entre eles, como já dito, os primeiros foram Youssef Hassan El Nissr e Ibrahim Barakat. Estima-se que eles chegaram à cidade como mascates e perceberam que ali poderiam ter sucesso no comércio da cidade, que começa a se organizar urbanisticamente.

A Guerra Civil (1975-1991) e o consequente estrangulamento das possibilidades de trabalho no Líbano é o estopim para a segunda leva de imigrantes para a cidade. Durante o conflito, Gattaz (2007) menciona que aproximadamente

950.000 pessoas deixaram o Líbano, com destinos diversos, principalmente América e Austrália, Foz do Iguaçu é apontada como um destino possível para esses jovens muçulmanos emigrados. A cidade lhes parecia próspera em função das possibilidades de comércio em Cidade do Leste, a construção da Ponte da Amizade dava o ponto de confirmação disso. Além do mais, o núcleo urbano de Foz do Iguaçu passava por uma importante e flagrante transformação e crescimento com a construção da Usina de Itaipu (1975 – 1982).

Depois da Guerra Civil Libanesa, a reconstrução do país se dá de forma lenta e incerta. A comunidade libanesa de Foz do Iguaçu já é expressiva, e o aqui Brasil tentando se reorganizar democrática e economicamente prepara o Plano Real visando à estabilidade de uma moeda. Isso se dá em 1994, e a moeda brasileira, o real, passa a ter uma cotação muito forte frente ao dólar. Essa situação levou a uma explosão no comércio das cidades fronteiriças do Paraguai com o Brasil. Os brasileiros tinham moeda forte em mãos e disposição para comprar mercadorias que eram escassas no Brasil e abundantes no comércio de cidades paraguaias como Salto Del Guairá (fronteira com Guaíra, Pr e Mundo Novo, MS), Pedro Juan Caballero (fronteira com Ponta Porã, MS) e Cidade do Leste, tais como: bebidas, eletrônicos, brinquedos, cosméticos, informática e jogos além de roupas, oriundas da China e Miami. Neste período, marcadamente em Cidade do Leste, muitos shoppings e lojas de rua foram abertos, e claro, muitos comerciantes chegaram principalmente do Líbano e Taiwan para trabalharem no varejo ou na importação direta desses bens.

Após esse período, o Brasil passou por diferentes crises econômicas, e a cotação do real oscilou muito, bem como diferentes níveis de repressão ao contrabando e ao descaminho de mercadorias vindas do sentido Paraguai-Brasil ocorreram. Todos esses foram motivos para também o número de imigrantes libaneses oscilar em Foz do Iguaçu. Paralelamente a isso, o Líbano passou por um período importante de reconstrução, principalmente na capital; retirada de tropas estrangeiras; violência; protestos; e posicionamento político do Hezbollah o que fez com que o Sul do Líbano fosse olhado com maior atenção pelo governo central. Criando um novo ambiente de *boom* dentro do país. Mostra-se com esses contextos libaneses e brasileiros pautou-se o fluxo incessante de libaneses para Foz do Iguaçu. Uma verdadeira diáspora.

Assim, em 60 anos de diáspora orientada para Foz, a comunidade libanesa fez com que dispusesse de uma estrutura social completa – com entidades representativas, espaços religiosos e gastronômicos, e com um patrimônio arquitetônico específico. Entre este patrimônio encontram-se a mesquita, o *husseiniey*⁸, a igreja, as escolas, e o clube. Concomitantemente à construção do patrimônio arquitetônico, a visibilidade da comunidade se expressa pela gastronomia que pode ser desfrutada nos diversos restaurantes, doçarias, açougues e padarias espalhados principalmente pelo centro da cidade, Vila Portes e Jardim Central. Ainda, em eventos específicos podem se ver danças folclóricas, tais como o *dapke*⁹. As próprias pessoas aparecem no dia-a-dia com suas roupas e comportamentos peculiares nas ruas da cidade, conversando, vendo televisão nos estabelecimentos com canais árabes como o Al Jazeera, LBC, Al Manar, ART e outros, ouvindo música das mais clássicas cantoras como Fairuz até o pop Amir Diab, enfim, marcando a presença árabe e principalmente libanesa, é hoje absolutamente comum, mas extrapola a própria cidade.

Na região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina existem aproximadamente dezesseis instituições árabes, sendo doze na cidade de Foz do Iguaçu: Associação Árabe Palestina Brasil de Foz do Iguaçu; Associação Beneficente Árabe Brasil; Associação Cultural Sírio Brasileira; Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu; Lar dos Drusos Brasileiros; Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu; Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu; Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu, Grupo Escoteiro Libano-Brasil; Sociedade das Damas Árabes, e Clube União Árabe. Além disso, agora a cidade conta com uma agência de notícias especializada em mundo árabe e na comunidade árabe local, chamada A Fronteira/Al Hudud.

Essas diversas instituições formaram-se sob interesses diversos dentro da comunidade árabe, ao longo do tempo. Hoje, a grande maioria delas atende não somente aos árabes que imigraram para Foz do Iguaçu e a seus descendentes já nascidos no Brasil, como também à comunidade não árabe, especialmente em ações de beneficência. Elas são de cunho cultural, religioso, recreativo, educacional, beneficente e representativa de comércio e mantêm escolas, asilos, a mesquita, e

⁸ Local de celebração xiita.

⁹ Dança folclórica libanesa.

clubes de lazer. Ao longo do desenvolvimento dessas entidades, seus organizadores não perderam de vista um dos seus principais focos: o bem-estar da comunidade árabe em Foz do Iguaçu, em diversos âmbitos como preservação do idioma, da cultura, da religião, salvaguardando alguns valores e tradições.

Entre as associações árabes de Foz do Iguaçu destacam-se pela sua atuação: Centro Cultural Beneficente Islâmico, Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu e Clube União Árabe. Os dados acerca dessas instituições que ora se apresentam foram extraídos na íntegra de Cardozo, 2004. Uma breve descrição destas instituições étnicas permite compreender um pouco melhor, como funciona o cenário dos libaneses na cidade.

O “Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu”, entidade mantenedora da Mesquita Omar Ibn Khatab, foi construído como um complexo mesquita-escola para preservar a religião muçulmana na cidade e ensinar a língua árabe e a religião islâmica às crianças, pois a comunidade, naquele período, acreditava que seria possível estabelecer um elo entre os membros da comunidade árabe e também manter um vínculo entre o Líbano presente e o Líbano ausente aproximando os membros da comunidade árabe entre si.

A escola “Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro”, cujo principal objetivo da sua criação, no início de 1990, era o de ensinar a religião islâmica e o idioma árabe para filhos de imigrantes, a fim de que não perdessem a ligação cultural com o país de origem dos pais, atende atualmente a mais de duzentos alunos, filhos de árabes e de não-árabes, que cursam da 1^a. a 8^a. séries do Ensino Fundamental. Em seu currículo são obrigatórias aulas de língua árabe e ensino religioso islâmico.

O “Clube União Árabe” é a agremiação social de origem árabe mais antiga do Estado do Paraná. Fundado em 1969, tem por objetivo unir as famílias árabes em uma mesma área de lazer e confraternização, de acordo com depoimento de seu presidente. Com o crescimento da comunidade árabe, uma nova e maior área foi construída no início dos anos de 1980, sempre com o mesmo objetivo: de unir as famílias árabes, a fim de não perder sua cultura, suas raízes. Hoje, o clube tem, aproximadamente quatrocentos frequentadores/sócios que se reúnem na sede do

clube para as diferentes atividades que o mesmo promove com a comunidade árabes e convidados não árabes. O clube, de acordo com seu presidente, não tem vínculo com religião e/ou com política: lá são todos iguais. É um local onde os mais jovens podem praticar o idioma árabe. Os pais se tranquilizam pelo fato de que seus filhos não perderão o vínculo com suas raízes árabes, posto que a instituição promove a cultura árabe em diversas atividades, tais como: almoços, colônias de férias, campeonatos esportivos e outros, além de manter sua estrutura física sempre em condições de uso. Por ser a mais antiga instituição árabe na cidade e não ter fins religiosos e/ou políticos, o clube é extremamente respeitado pela comunidade árabe e não árabe de Foz do Iguaçu, conforme palavras do presidente. Tornou-se parte da história do município e é ainda uma importante entidade representativa dessa comunidade pela sua credibilidade e seriedade.

Após nove anos de funcionamento, a “Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu” conta com alunos que se dividem entre educação infantil até a 8ª. série. Tem um projeto interdisciplinar diferenciado, isto é, além das disciplinas obrigatórias exigidas pelo Ministério de Educação e Cultura ainda são inseridas a língua árabe e a religião muçulmana. Aspectos da cultura árabe, especialmente libanesa, tais como valores, história, e geografia, que também são inseridos nas demais disciplinas.

Os libaneses em Foz do Iguaçu organizam-se numa estrutura social complexa, que conta não apenas com clubes recreativos, entidades religiosas e educacionais, mas também com diferentes elementos estruturantes para seu cotidiano, marcando fronteiras, territórios e reafirmando sua identidade. A seguir, mencionam-se alguns desses elementos. Tais foram extraídos de Cardozo, 2004 na íntegra.

As festividades de origem libanesa em Foz, são caracterizadas por motivações religiosas e cívicas, bem como podem ser caracterizadas como não excludentes, no sentido de abranger toda a comunidade sem exceção de gênero ou idade. Alguns exemplos podem ser mencionados: Eid ul Fiter (finalização do jejum do mês de Ramadã); Eid ul Adha (final da peregrinação Hajj); Nascimento do Profeta

Mohamad¹⁰; Nascimento de Saída¹¹ Fatma¹² (dia da mulher muçulmana)¹³; Independência do Líbano (22 de novembro); e Independência do Brasil (7 de setembro).

Tratando da música para o povo árabe e relacionando-a com o *mahjar*¹⁴ (Kemel (2000, p. 74) explica que ela “funcionaria como elemento integrador [...], é também ouvida em casa, por grande parte dos imigrantes e seus descendentes, tanto em reuniões sociais como em outras oportunidades.” A autora ainda comenta que os restaurantes especializados em gastronomia árabe também promoveriam a divulgação da música, e com essa criariam “um ambiente mais típico” (p. 74). Um dos grupos artísticos mais conhecidos em Foz do Iguaçu é o Grupo Oásis.

Um outro elemento da presença árabe em Foz do Iguaçu, agora menos efêmero, é a arquitetura. O arquiteto e filho de libaneses, Khaled Barakat (em entrevista concedida a autora em 2004), falando das arquiteturas árabe e islâmica e comparando-as com as edificações árabes em Foz do Iguaçu comenta a concepção do projeto e a construção de cada país muçulmano teria um grupo responsável de arquitetos e técnicos que lança premissas para novos projetos de mesquitas. Contudo, atender, ou não, às premissas seria uma decisão de cada comunidade. Para a construção de uma nova mesquita em Foz do Iguaçu, serão consultados grupos no Líbano. Os custos da obra serão supridos a partir de doativos da comunidade local, embora, em alguns países árabes e/ou muçulmanos, é comum as obras serem custeadas pelo governo da Arábia Saudita. Ele conclui que não há diferença se o arquiteto e/ou o engenheiro é árabe ou não, muçulmano, ou não, mas é imprescindível, todavia que ele tenha conhecimentos básicos de arquitetura islâmica para atender aos padrões obrigatórios: minaretes; cúpula; arcos; *mambar*¹⁵

¹⁰ Conhecida como Mawlid, a data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos. Wahabitas, por exemplo, rechaçam-na.

¹¹ Saída para mulher ou Said para homem, vem do árabe Senhor. Título dado aos descendentes do profeta Mohamad, especial destaque para os xiitas.

¹² Filha do profeta Mohamad com sua primeira esposa Khadija. Também é conhecida como Fatma Az Zahrá (a rosa).

¹³ A data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos, apenas os xiitas o fazem.

¹⁴ Do árabe Emigração.

¹⁵ Local de onde se profere as prédicas, comumente ocupado pelo sacerdote ou outro líder da comunidade.

à direita da *qibla*¹⁶ (sendo ambas obrigatórias) e a Lua crescente. A orientação para a cidade de Meca. O uso das cores verde, branca, azul, dourado é desejável, no caso de mesquitas. E para *hussieniyes*, não deve haver minaretes ou cúpulas, e a cor verde é predominante, embora não seja obrigatória, alerta o entrevistado. Para ambos, comenta ele, não deve haver elementos com seis pontas (hexágono).

A diferença entre uma mesquita e um *husseiniey*, segundo Khaled Barakat, seria que a primeira é um lugar de oração, e a segunda de reuniões (sociais, religiosas e culturais) de funerais, de casamentos, de celebrações e etc., podendo haver em seu interior um espaço para oração que deve sempre estar orientado para Meca. Ele comenta que não existem restrições quanto ao uso de materiais, porém, especialmente no Líbano, usa-se muito a pedra. Por essa razão, a mesquita Omar Ibn Khatab não tem o mesmo estilo das mesquitas daquele país, já que essa tem um estilo que atende aos critérios, mas conta com menos detalhes de decoração em seu interior.

Algumas das edificações que fortalecem na cidade o ar árabe por meio da arquitetura: Mesquita Omar Ibn Khatab; Sede da Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu (*husseiniey*); Clube União Árabe; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu; e Centro de Atividades Educacionais Árabe (Escola Árabe Brasileira).

A gastronomia árabe em Foz do Iguaçu também lhe confere à comunidade libanesa visibilidade. Tratando da gastronomia árabe no *mahjar* brasileiro, Kemel (2000, p.71-72) comenta que o

preparo e degustação atravessaram, praticamente incólume, quatro gerações. Nos encontros familiares ou nas festas da comunidade, a comida originária é imprescindível, mesmo que às vezes acompanhada por iguarias do cardápio ocidental.

O neto de libaneses, Dib Carneiro (2003) comenta que a folha da uva e a hortelã são dos ingredientes, os mais marcantes da gastronomia árabe, especialmente libanesa. A hortelã é utilizada não apenas no preparo dos pratos,

¹⁶ Do árabe Direção. Palavra usada, em termos islâmicos, para designar a direção para onde o fiel deve orientar seu corpo no momento da oração, a Kaaba na cidade de Meca – Arábia Saudita. Dentro das mesquitas, um elemento obrigatório, que muitas vezes é chamado de *qibla*, é o *mirhab*. Esse último trata-se de um elemento de adoro que claramente orienta os fiéis para a oração.

mas também para perfumar as pessoas e os ambientes. O autor ainda comenta que suas duas avós libanesas, a exemplo de outros imigrantes libaneses, trouxeram consigo, na viagem, mudas dessas plantas, que são quase um símbolo da cultura libanesa.

O apego do árabe aos seus pratos tradicionais pode ser observado ainda hoje nas cidades brasileiras onde sua presença é mais fortemente sentida. Outra demonstração dele pode ser constatada na introdução de alguns pratos tradicionais árabes no dia-a-dia do brasileiro: o quibe (*kibeh*) frito, assado e cru, a esfirra (*sfiha*) e o charuto (*malfuf u wuara aneb*), para citar apenas os mais conhecidos e consumidos, com variações não existentes no mundo árabe. São tão comuns ao paladar do brasileiro, que é como se estivesse presente na cozinha nacional desde sempre.

A respeito da gastronomia árabe em Foz do Iguaçu, cabe mencionar que ela seria muito semelhante àquela servida no Líbano, pois não faltariam, na cidade, ingredientes, e o preparo seriam exatamente o mesmo. Para muitos entrevistados, o brasileiro aprecia muito a comida árabe, sendo que alguns pratos já fazem parte da gastronomia nacional, tais como: quibe (especialmente o frito), *sfiha* (no Líbano não se faz *sfiha* fechada, e isso já seria uma variação brasileira, bem como uma variedade de recheios que se consome no país: doce, de calabresa, mussarela, e etc.); charuto, *tabule* e ainda cita o lanche beirute (lanche brasileiro, que deve ter sido criado por algum árabe no Brasil. Muitos pensam que é um prato típico árabe, mas é provavelmente uma resposta árabe aos sanduíches norte-americanos).

A exemplo de muitos países árabes, no qual o Líbano se encaixa, a gastronomia é um aspecto relevante para a vida das pessoas, quer seja pelo hábito de reunir-se à mesa ou dos homens frequentarem cafés. Essa característica se reproduz em Foz do Iguaçu entre os libaneses. Os estabelecimentos gastronômicos da cidade foram se dividem em restaurantes, lanchonetes, doce rias e mercados de produtos árabes. Aqui alguns exemplos: Lanchonete Casa da Sfiha; Lanchonete Casa da Esfiha Beirute; Açougue Árabe; Restaurante Líbano; Doceria Almanara; e Mercado Super Ghada. Em agosto de 2011 eram esses os que puderam ser listados.

Este cenário de visibilidade na cidade, bastante amplo em relação a outras etnias, permite a reconstrução de um Líbano Presente para fortalecer espaços que são fonte de identificação ou que propiciam as marcações identitárias. Mas o que é muito mais importante do que estas marcas, são as vivências cotidianas das pessoas migrantes na cidade, que se fazem perceber em uma cidade que se diz de todos (pelo número de grupos de imigrantes e migrantes que recebe). A necessidade de educar os filhos em escolas árabes, para que aprendam a língua e a religião; de comprar ingredientes que lhes propiciem a ‘autêntica comida libanesa’; de juntar-se a outros libaneses nas lanchonetes – árabes – para falar alto e claramente rememorando sua língua, ouvir sua música; celebrar à sua maneira as datas festivas; vestir-se como se vestem no Líbano (marcadamente as mulheres muçulmanas); escrever nos letreiros dos estabelecimentos comerciais em árabe e em português; e tantas outras manifestações de um grupo que a primeira vista se sente à vontade com o rótulo de árabe, turco ou mesmo libanês que lhe dá a comunidade iguaçuense.

Mas dentro da comunidade libanesa, na sua transnacionalidade, o grupo sabe exatamente o que significa esse rótulo que lhes dão e o rótulo que dão aos de fora, como dizem *brazile* ou *brazilíe*¹⁷. Isso significa que na diáspora sempre se vive precisamente na alteridade, quer dizer, todo membro da diáspora sabe o que é ser outro e o que é diferença. Quem está incluído e quem está excluído de seu grupo; e ainda em quais grupos podem ou não serem incluídos para além de sua comunidade de imigrantes, é uma preocupação geral.

Outro ponto relevante a ser levantado a partir dos estudos em campo sobre a imigração libanesa em Foz do Iguaçu é o confronto destes dados com a teoria. Explica-se: no mais das vezes, os autores estudados se reportam a grupos de imigrantes do terceiro para o primeiro mundo, que desempenham tarefas muitas vezes não desejadas pelos nativos, são sempre empregados e vivem em condições muito precárias. Com isso vivem em sentimento exílio e banzo. Contudo estas características sociais verificar-se-iam no grupo estudado? Questiona-se isso, pois se sabe mediante estudos anteriores que este grupo é apresenta contexto social e

¹⁷ Respectivamente: brasileiro e brasileira em língua árabe.

econômico distinto do apresentado à cima. E como se processaria o sentimento de abandono e nostalgia para estes?

4. A imigração e a (Re)Construção das Identidades

Vovó Sara, quando veio do Líbano, trouxe na bagagem essas sagradas folhas de sua culinária, de sua cultura, de seu universo libanês. 'Será que tem hortelã naquela América?', ela matutava antes de partir. 'O que vai ser dos meus tabules?' Resolveu trazer. Refrescariam seu hálito durante a longa viagem de navio. Perfumariam seu corpo. Hortelã era a sua identidade, seu RG, seu passaporte. 'Será que tem hortelã naquele Brasil? Allah permita que seja uma terra abençoada'. (CARNEIRO, DIB. 2003, p.12)

As questões a serem trabalhadas nesta pesquisa referem-se à transformação do emigrante ao imigrante, e assim a uma identidade de transição que forma o seu próprio espaço dentro da sociedade. Procura-se saber a forma como o sujeito lida com o que deixou em seu país de origem; como se adapta culturalmente ao país anfitrião, até mesmo como enxerga os nacionais desse país; como transmite a cultura originária aos filhos nascidos no país estrangeiro ou mesmo aos trazidos do país de origem; como a nova geração apreende a cultura transitória do migrante, e como ambas as gerações, a nova e a velha, constroem a(s) sua(s) identidade(s) em diálogo com o que se vive no presente e o que se deixou no passado. Para tal, parte-se da perspectiva e de autores relacionados aos Estudos Culturais (por exemplo, Kristeva 1994, Hall, 2003; 2006 e Bhabha 2007).

Esse capítulo será subdividido em seis eixos gerais para a análise das entrevistas com imigrantes e descendentes, a saber: identificação do entrevistado no qual constam relatos iniciais do período de imigração; motivação para emigrar; razões para ir para Foz do Iguaçu; entre outras; outra subdivisão diz respeito às redes de contato e vivência da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu, no qual se investigou a interação do entrevistado com outros membros da comunidade; a terceira subdivisão trata da constituição da identidade libanesa, *libanesidade*, na cidade estudada, quando se abordou questões atinentes aos marcos da identidade libanesa naquela cidade; o quarto eixo estruturante desse capítulo tem uma íntima relação com o anterior e averigua a transmissão e a recepção da identidade libanesa, para tal, questões como costumes, valores, língua e religião são

exploradas; a quinta subdivisão trata da visibilidade e da invisibilidade da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu, na qual se questiona a rotulação, o que se mostra e o que se reserva e como o entrevistado viu e vê esses assuntos; e o último eixo do capítulo vai abordar das redes familiares construídas na emigração com pontos relacionados à viagens ao Líbano e contato com parentes que vivem no Líbano e na diáspora também.

Os eixos não são fechados em si, e todos eles têm questões que se relacionam com outros eixos, com assuntos que se fundem, permitindo a construção do que seria a (re)construção da identidade libanesa em Foz do Iguaçu segundo os próprios libaneses (imigrantes e descendentes).

Cabe aclarar que as 32 entrevistas foram realizadas todas em Foz do Iguaçu ou Cidade do Leste, mas todos os entrevistados são moradores da primeira. A escolha se deu de forma aleatória, após indicações da própria comunidade – Os entrevistados eram indicados uns pelos outros. A coleta ocorreu durante o mês de agosto de 2011.

O número escolhido não permite uma avaliação quantitativa, mas procura-se entender, de que forma funcionam as estruturas coletivas visíveis e invisíveis dentro da comunidade. Por isso, não é tão relevante diferenciar a atitude de cada entrevistado, mas as entrevistas revelam, sempre de outra perspectiva, quais as estruturas que formam e transformam a comunidade em sua artificialidade, mas também identidade.

Foram entrevistados 32 sujeitos, que são identificados por nomes fictícios ao longo deste trabalho, entre homens, mulheres, imigrantes, descendentes, adolescentes, adultos, terceira idade, muçulmanos xiitas, sunitas e cristãos. As respostas, de maneira geral, surpreendem pela espontaneidade dos entrevistados, e uniformidade delas entre eles, o que fez que com a aplicação de mais entrevistas fosse inócua. Segue uma tabela com o perfil dos entrevistados:

Perfil dos entrevistados

Imigrantes						
Nome	Idade	Sexo	Religião	Ocupação	Cidade do Líbano de origem	Período de imigração para o Brasil
Anette	41	Feminino	Cristã Maronita	Relações públicas	Zahle	1981
Marília	73	Feminino	Cristã, de família sunita	Do lar	Beirute	1962
Jumanah	62	Feminino	Muçulmana sunita	Do lar	Lelah, Bekaa	1964
Hafiza	57	Feminino	Muçulmana sunita	Do lar	Balul, Bekaa	1967
Nadia	38	Feminino	Muçulmana xiita	Do lar	Tullin, Sul do Líbano	1992
Mahmoud	53	Masculino	Muçulmano sunita	Médico	Lelah, Bekaa	1964-1969; 1975-presente data
Yasser	60	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante	Lelah, Bekaa	1963
Abbas	52	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante	Lelah	1972
Descendentes						
Juliana	40	Feminino	Cristã de Família sunita	Funcionária pública	Beirute	-
Khadija	68	Feminino	Cristã, de família sunita	Do lar	Beirute	-
Helena	30	Feminino	Muçulmana sunita	Monitora de turismo	Lelah, Bekaa	-
Amani	40	Feminino	Muçulmana sunita	Advogada	Lelah, Bekaa	-
Yara	17	Feminino	Muçulmana sunita	Estudante	Chtura, Bekaa	-
Munira	44	Feminino	Muçulmana sunita	Do lar	Chtura, Bekaa	-
Halimah	19	Feminino	Muçulmana xiita	Estudante	Tallousa, Nabatiyeh	-
Josiane	28	Feminino	Muçulmana xiita	Funcionária pública	Dibbine, Nabatiyeh	-
Jessica	17	Feminino	Muçulmana xiita	Estudante	Kilia, Bekaa	-
Malak	17	Feminino	Muçulmana xiita	Estudante	Kilia, Bekaa	-
Angélica	26	Feminino	Muçulmana xiita	Relações internacionais	Kilia, Bekaa	-
Batul	19	Feminino	Muçulmana xiita	Estudante	Cabrica, Sul do Líbano	-
Yasmine	45	Masculino	Muçulmana sunita	Funcionária pública	Lelah, Bekaa	-
Youssef	31	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante – Paraguai	Qaraoum, Bekaa	-
Latif	24	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante –	Lelah, Bekaa	-

				Paraguai		
Najar	33	Masculino	Muçulmano sunita	Advogado	Lelah, Bekaa	-
Bilal	40	Masculino	Muçulmano sunita	Engenheiro	Lelah, Bekaa	-
Fawwaz	27	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante	Balul, Bekaa	-
Gamal	29	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante – Paraguai	Balul, Bekaa	-
Jawad	42	Masculino	Muçulmano sunita	Arquiteto	Balul, Bekaa	-
Karim	44	Masculino	Muçulmano sunita	Comerciante	Balul, Bekaa	-
Ronaldo	32	Masculino	Muçulmano xiita	Comerciante – Paraguai	Dibbine, Nabatiyeh	-
Bassan	28	Masculino	Muçulmano xiita	Comerciante – Paraguai	Kilia, Bekaa	-
Ahmad	31	Masculino	Muçulmano xiita	Cirurgião dentista	Kilia, Bekaa	-

Fonte: Autora.

4.1 Identificação geral e motivação para e/imigração

A situação financeira no Líbano era muito boa, não viemos em busca de dinheiro, tínhamos uma casa de dois andares, motoristas, empregadas sírias, e isso era raro. Até que a guerra começou. O meu pai trabalhava com revenda de carros Volvo. Em 77 (por conta da guerra) viemos para o Brasil tentar viver aqui, ficamos três anos e o meu pai ficou descontente com a inflação no Brasil. E voltamos para o Líbano. Quando os conflitos ficaram muito acirrados, nós viemos de novo. Eu me lembro claramente dos bombardeios, abrigos. Quando não havia muito bombardeio, todos dormiam em um dos banheiros da casa, que ficava bem no meio da planta, eram 6 pessoas. A casa de um tio abrigou-nos muitas vezes, e eram mais de 30 pessoas reunidas no abrigo. O toque de recolher era aconselhado pelos homens da cidade. Meu tio tinha um mini mercado na cidade, se tinha mercadoria todos tinham acesso, compartilhava-se muito. Nós tínhamos passaportes brasileiros, a minha mãe sempre achou que fosse bom nós termos esse documento (a mãe é brasileira); eu nunca tive passaporte libanês. Nós viemos sem nada. Durante o cerco a Zahle, saímos da lá e fomos para Beirute e de lá para Brasília. O meu pai mandou buscar dinheiros e joias na nossa casa. Então o meu pai mandou os filhos e a mãe para o Brasil e ele ficou para vender a casa. Mas antes de vender a casa, o meu pai pediu o que cada filho queria da casa, uma coisa para cada um. Meus irmãos pediram brinquedos, e eu pedi os livros da escola, (nesse momento, ela vai buscar os livros para mostrar para a pesquisadora, ambas choram). Eu tinha noção de que o Líbano tinha acabado para nós. Nós nos despedimos para sempre das tias, e saímos para o aeroporto sem olhar para trás, não queríamos ver aquela imagem de destruição e de ver a cidade tomada pelos muçulmanos que ocuparam os grandes hotéis e etc. (mais lágrimas). Três meses depois o meu pai chegou em Brasília. Até o meu pai chegar em Brasília não foi nada bom porque sempre tinham medo de que o pai morresse na guerra. A minha mãe ficou depressiva pela ausência do pai e pela vida que ficara no Líbano. Como filha mais velha, eu me sentia no dever de cuidar dos meus irmãos. Nós passávamos o dia todo com a minha avó brasileira que não falava árabe, apesar de haver morado lá, e ela odiava o Líbano. Aí quando o pai veio a vida ficou boa, tínhamos o nosso apartamento. O pai amava o Brasil e tudo era maravilhoso para ele. Em Brasília nós tínhamos contato com outros árabes, mas eles não falavam árabe. Éramos sócios do clube Monte Líbano na cidade e lá nos encontrávamos com outros descendentes. Quando chegamos em Foz, o meu pai não queria que ‘fôssemos libaneses’, pois ele tinha receio de como os libaneses eram vistos pelos iguaçuenses. Somente eu me integrei na comunidade libanesa, mas me casei com brasileiro. (Anette, 41 anos, cristã).

A imigração está intimamente interligada à negociação seja de valores, de cotidiano, de nacionalidade ou tantas outras imagens. Por isso imigrar sempre questiona e pode ser até violento desde esse ponto de vista: o ato faz romper, faz recriar, obriga a negociar: o que manter e o que abandonar. Cada imigrante traz

dentro de si, ou trouxe em algum momento, essas angústias. Não raro os filhos de imigrantes também atravessam por esses momentos de negociação

Osman (2006, p. 147) ao tratar da imigração comenta que “o mal da migração é a ruptura com a tradição, é a quebra do projeto familiar de preservação dos valores culturais, é o envolvimento com membros fora da comunidade, é a não preservação da identidade cultural.” Para ela, viver na migração é viver entre fronteiras, pois não se está nem cá e nem lá, não se experimenta o cotidiano amplamente. Sempre a imagem se mostra incompleta, tanto para com a cultura anfitriã como para com a cultura natal. Não se vivem plenamente as experiências comuns e cotidianas. “É necessário então negociar que lugar se ocupa nesse novo espaço, qual a identidade que será construída nesse jogo que é a migração” (OSMAN, 2006, p. 297).

Por essas reflexões iniciais essa análise inicia pela identificação geral do entrevistado: uma sondagem preliminar da imigração de cada um. Conhecer as razões da imigração, a motivação para dirigir-se a Foz do Iguaçu, tentar compreender o contexto no país de origem ao emigrar, etc. São questões que se colocam como importantes para dar o início desse estudo. E no caso dos descendentes, essa introdução identificatória é relevante para apurar seus contatos iniciais com o país de origem de seus pais, a identidade e a cultura libanesa.

A imigração por definição pressupõe provisoriedade, e isso se vê estampado muitas vezes no discurso de imigrantes quando se fala no retorno. Esse discurso não se verificou nos entrevistados, mas os contatos com o Líbano de forma intensa por parte deles mostram que o abandono ao país não se deu. Se houve em algum momento a intenção de provisório por parte dos entrevistados, seus descendentes e toda uma prole constituída em Foz do Iguaçu são uma prova indelével de raízes bem fixadas, mesmo que sejam raízes que não se esquecem de suas origens, raízes que comem feijão e quibe, que observam jejum e carnaval: raízes de imigrantes.

Sayad (1998, pp. 270-271) diz que o imigrante, assim como o emigrante, coloca-se em uma situação delicada ao longo do processo migratório. Este processo deixa de ser provisório e passa a ser permanente na sua provisoriedade: o sujeito deixa de ter o direito a ter direitos nacionais: o direito de “poder dar sentido e uma razão de ser às suas ações, às suas palavras à sua existência; é não ser habilitado,

não poder adquirir os meios para ter uma história, um passado e um futuro, e assim a possibilidade de dominar essa história”. Sem dúvida Sayad faz essas observações com base nos estudos realizados com argelinos na França, onde a situação legal de imigrantes é sempre mais delicada do que no Brasil: posto à circunstância contemporânea do fato, do discurso e da reflexão social que as massas de imigrantes provocam não apenas naquele país, mas praticamente em todos os países da Zona do Euro. Realidade muito diferente da do Brasil. Isso não quer dizer que eventualmente o imigrante no Brasil não tenha a carência de possibilidade de dar sentido à vida e ao passado, que não seja reprimido pelo Estado e pela sociedade, que não deseje ser parte política e cívica do país em que se encontra ou que deixou. O fato em que se há de concordar é que nem sempre o visto de permanência ou a obtenção de cidadania garantem de fato a aceitação, a integração ou a compreensão de mão dupla (imigrantes para com nacionais e nacionais para com imigrantes). O imigrante, mesmo quando alcança o status de cidadão, sempre cumpre o papel do outro. No caso estudado, será verificado que mesmo seus descendentes, nascidos no Brasil, vivem essa experiência constante de ser o outro, de ser o nós, de ser o nós-outro.

Geralmente, em primeira vista, para os imigrantes entrevistados, voltar a viver no Líbano é quase sempre uma questão que não se considera, pois para eles a vida está no Brasil, contudo visitas são frequentes, e levar os filhos para conhecer o país de origem é quase que uma obrigação social/familiar.

Entre os entrevistados, apenas Hafiza (57 anos) gostaria de voltar a viver no Líbano, pois ela não gosta de viver em Foz do Iguaçu. Por mais que quando viaja para o Líbano se sente estranha na cidade natal e acha tudo muito diferente e chegar ao Brasil novamente se sente aliviada, ela gostaria de viver lá. Aqui claramente se vê que o provisório fica de lado. Todos os entrevistados imigrante se declararam brasileiros naturalizados, alguns faziam questão de reforçar ideias relacionadas à brasilidade exacerbada como Jumanah (62 anos): “eu me considero brasileira, amo o Brasil e acho que esse é o país mais abençoado do mundo. Sou libanesa de nascença e brasileira de coração.” Ou ainda Yasser (60 anos) que se sente brasileiro e diz que já não tem nada de libanês.

Essas respostas devem ser analisadas com cautela. Em todos os casos de entrevista com imigrante, pode-se perceber que por mais que se sinta confortável no Brasil, tem necessidade de mostrar o Líbano a quem o visita, adornando sua casa, seu escritório com quadros, objetos de decoração, móveis; ou ainda oferecendo pequenas guloseimas ou chá árabes para o visitante, insistindo que a entrevistadora deve provar da hospitalidade libanesa. Houve a todo o momento um discurso duplo de que ao mesmo tempo em que se sente brasileiro, se é libanês. Ou seja: 'eu falo que sou brasileiro, mas mostro que sou libanês'. No escopo dessa pesquisa, deve-se considerar o que o entrevistado declara: eu me sinto brasileiro. Mas não se pode ignorar o que se vê: o Líbano está presente. E não se trata aqui de desqualificar ou descaracterizar o que o entrevistado declara, muito menos desacreditá-lo. Mas sim, trata-se de contrapor com base no que está além da fala e completar uma análise.

Na mão contrária da percepção dos imigrantes, muitos descendentes se colocam como libaneses e não como brasileiros e não foi raro encontrar algum entrevistado disposto a viver no Líbano, apesar da lealdade para com o Brasil. Halimah (19 anos) é um exemplo flagrante considera o árabe a língua dela e o Líbano o país dela:

eu amo morar no Líbano, eu nasci no Brasil, mas eu me encontro realmente lá. Aqui a vida é mais difícil para a mulher libanesa. (...) Lá tem o meu povo, as pessoas me consideram libanesa e eu me sinto igual a todos. Mesmo se eu amar um (noivo) 'daqui' vou fazer constar em nosso contrato de casamento que vamos viver no Líbano.

Mas Halimah não é a única, Munira (44) declarou que se fosse para ir morar no Líbano iria "para ontem", mesmo considerando o país precário em termos de possibilidade de consumo, iria viver lá. Ou ainda Yasmine (45 anos) que "sem sombra de dúvidas" iria viver no Líbano.

Outros têm o desejo de viver no Líbano quando forem mais velhos, querem morrer e ser enterrados lá, como é o caso de Batul (19 anos) que não quer morar lá, mas quer ser enterrada lá pois considera o Líbano como sendo o país dela, a moça não quer se casar lá, mas quer que seus filhos venham a conhecer o país. Fawwaz (27 anos) também considera viver lá na velhice explicando que lá é um lugar bom para se envelhecer, "é tudo calma".

Muitos dos entrevistados descendentes já viveram no Líbano, foram com as famílias ou mesmo sozinhos e se hospedaram na casa de parentes por períodos diversos com a finalidade de aprender a língua e os costumes. Mas esse tema será abordado posteriormente.

Claro está que o Líbano e os discursos familiares sobre esse país estiveram presentes na vida dos descendentes entrevistados: na imigração a terra natal é sempre boa, exaltada, recordada. Alguns já moraram no Líbano, outros apenas visitaram e há aqueles que somente ouviram falar, uma pequena parcela. Mas muitos viveriam lá, mesmo considerando suas vidas muito boas no Brasil.

Para Sahr e Löwen Sahr (2000), a integração dos imigrantes acontece muitas vezes mediante culturas de transposição desenvolvidas pelos próprios imigrantes com o objetivo de vencer restrições culturais. Os autores entendem por culturas de transposição “uma estrutura flexível que combina elementos culturais de origens diversas num jogo complexo de contradições e sincretismos” (SAHR; LÖWEN SAHR, 2000, p. 62). Seguem os autores explicando que o imigrante, usualmente, dispõe simultaneamente de diferentes estruturas sistêmicas (duas línguas, elementos culturais de mais de um país e relações sociais idem, inserção em contextos econômicos variados e etc.), de modo que a construção de seu mundo vivido se dá no momento em que ele pode mediar as diferentes tensões e contradições desta multiplicidade de estruturas em que vive. Assim, o próprio estrangeiro cria sua cultura de transposição. Mostra-se que, neste momento, as culturas transposicionais são o resultado de um complexo processo de realização e virtualização, no qual o enraizamento na cultura de origem apresenta-se como a força propulsora da construção comunitária social. No caso estudado, as culturas de transposição são a todo o momento acionadas, e isso será verificado em diferentes momentos e situações.

Nádia (38 anos) explica que sofre quando vê que o marido quer viver como se vive no Líbano, e isso faz com que os filhos sofram também, pois já não podem viver da mesma forma que lá. Para ela, adaptações foram fundamentais. No relato de Nádia se percebe claramente essa flexibilização dos costumes, sobretudo no trato

com os filhos, ela explicou que sempre usou *hijab*¹⁸, mas a filha não usa. Inclusive mesmo contrariando o pai, a filha usa biquíni na praia. Ela entende que os filhos precisam dessa relativização dos costumes para não se voltarem contra a cultura libanesa achando que ela é uma prisão e também eles precisam se relacionar com brasileiros, pois são brasileiros natos ao fim e ao cabo.

A descendente Josiane (28 anos) diz que os jovens árabes crescem com dificuldade de formar uma identidade clara, “não se consegue viver a cultura árabe cem por cento estando em país diferente. Eles fazem coisas que os brasileiros fazem, mas tem coisas que não fazem” pela diferença de costumes brasileiros e libaneses.

Com essas falas se vê claramente que as culturas de transposição são importantes para a familiarização social do contexto nacional em que se vive, mas para algumas coisas, que inicialmente não foram claramente reveladas, não existe negociação ou relativização: manter a cultura, reforçar a identidade é fundamental. Isso será verificado mais adiante, em outras falas.

Ao longo dessa análise, vai ser possível verificar que a questão do uso da língua árabe tanto entre descendentes como entre imigrantes é crucial, é considerada por todos importante, mas sob diferentes aspectos. Mahmoud (imigrante de 53 anos) explica que quando vieram para o Brasil aprender português era fundamental, e tentavam praticar a língua o tempo todo, inclusive em casa. Até que houve um momento em que ele já não falava árabe, e foi então que o pai o mandou para o Líbano para que reaprendesse a língua. O descendente Bassan (28 anos) assevera que a língua árabe é o que liga o descendente à sua origem. Ao seu turno, Helena (descendente de 30 anos) diz que não sabe falar árabe, embora compreenda, mas quer muito que seus filhos saibam para que possam manter a cultura árabe mesmo no Brasil. Para Josiane (descendente de 28 anos) falar árabe em público já lhe causou constrangimento “as pessoas ficam olhando, sabe?”, ela não falava árabe na frente dos amigos brasileiros, mas hoje compreende que

¹⁸ Do árabe Vestimenta Simples. Relaciona-se à forma modesta que os muçulmanos devem vestir-se. Para os homens isso pressupõe cobrir as pernas até o joelho e os braços até os ombros, e inclusive. Para as mulheres cobrir pernas, braços, cabeça e pescoço – aqui também não existe unanimidade entre os estudiosos e formadores de opinião islâmica. Comumente, *hijab* refere-se ao lenço que cobre a cabeça e o pescoço da mulher.

superou isso e se orgulha de falar essa língua que considera ser sua língua materna. Ela ainda relata que com os pais não consegue falar em português, embora pai e mãe o falem, diz que se sente muito estranha falando em português com eles. Outra descendente, Amani (40 anos) resume a questão explicando que falar árabe é uma forma de se incluir na comunidade libanesa de Foz do Iguaçu.

Os diferentes usos da língua árabe formam um importante elo entre os imigrantes e descendentes com a cultura libanesa, caracterizam também a identidade cultural libanesa em Foz do Iguaçu. Quando se diz que falar o idioma é uma forma de se incluir na comunidade, ou de manter viva a cultura e ainda se expressa o desejo de ensinar para a segunda geração nascida no Brasil, é sem dúvidas um reforço importante dessa ligação entre língua e cultura. Mas esse tema será tratado mais adiante em profundidade maior.

Outros exemplos que podem ser levantados sobre essa transposição cultural foram encontrados nos depoimentos do descendente Ronaldo (32 anos):

No Líbano hoje tudo mudou e os pais sabem que isso ocorreu, o pai se modernizou, mas a mãe ainda pensa com a cabeça de 40 anos atrás. (...). Eu zelo muito pela cultura árabe, não gosto que a minha namorada (brasileira não descendente de árabe) se exponha usando roupas curtas. Mas eu bebo (álcool) e como carne de porco. Meio termo, eu me considero vivendo no meio termo. Vivendo no Brasil eu não posso viver como árabe, mas eu devo respeitar as duas culturas (árabe e brasileira).

Claval (2007) levanta a problemática de que a manutenção das tradições antigas torna-se interrupta pelo tempo e pelas relações de poder no país receptor, mas algumas comunidades conseguem transpor essa barreira temporo-espacial em função de “seus membros continuarem a praticar a língua dos ancestrais ou permanecerem fiéis a certos princípios morais e religiosos” (CLAVAL, 2007, p. 181). Desta maneira, elementos como idioma e religião podem auxiliar ao manutenção das tradições culturais, pois são eles elementos propícios para a (re)construção da identidade cultural de uma comunidade de imigrantes.

A religião é um dos valores que mais foi apontado por todos os entrevistados como sendo um importante valor da cultura árabe a ser transmitido/recebido mesmo na diáspora. Ainda que nem todos os entrevistados fossem muçulmanos ou

muçulmanos observantes rigorosos. Mesmo a entrevistada cristã apontou aspectos religiosos como importantes para serem ensinados aos filhos. E em todos esses casos, o uso da língua árabe se faz fundamental. A religião islâmica pode sem dúvida ser apontada como outro aspecto importante de luta pela preservação dos costumes, construção da identidade, manutenção de valores e transposição de fronteiras culturais. Talvez seja essa uma das principais características da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu, a observância religiosa islâmica e todos os costumes a ela atrelados: vestimentas, festividades, evento e celebrações, edificações, comida *halal*¹⁹, o cumprimento dos cinco pilares do islam²⁰, entre outras.

Mahmoud (53 anos) explica que todos os seus filhos jejuam, celebram o Eid na mesquita e outros costumes religiosos, pois ele entende que a cultura árabe/libanesa se baseia em dois aspectos fundamentais: língua e religião. Para o descendente Najjar (33 anos) os principais pilares da personalidade dos árabes em geral e dos libaneses especificamente se confundem com os pilares da religião. O também descendente Youssef (31 anos) relata que estudou por muitos anos em escola de freiras, e nas atividades religiosas cristãs obrigatórias aos alunos a mãe dele recomendava que fosse e respeitasse, mas não fizesse o sinal da cruz.

Outros aspectos relacionados à importância da religião na preservação da cultura árabe em Foz do Iguaçu dizem respeito ao elevado número de entrevistados que frequentam a mesquita e uma quantidade ainda superior daqueles que não se casariam com uma pessoa de religião diferente, sobretudo mulheres justificando proibição religiosa.

Claval (2007) supõe que uma comunidade pode ser construída mediante a formação ou contrato de associação entre os membros unidos por um ideal comum, resultado da “co-habitação de pequenos grupos num mesmo lugar” (CLAVAL, 2007, p.114). Para ele, surgiria para uma comunidade a necessidade de uma base territorial (como imagem posto em prática), e assim “os povos pulverizados ao longo de diásporas salvaguardam sua identidade lembrando sem parar de seu lugar de

¹⁹ Apto ao consumo por muçulmanos: isento de carne ou contato com porco; animal abatido segundo os preceitos islâmicos; e outros detalhes que dizem respeito à higienização. Aplica-se a alimentos, vestuário (de couro) e outros bens de consumo.

²⁰ Os pilares do Islam, ou os deveres dos crentes, são: monoteísmo, professado, peregrinação a Meca, caridade e as orações diárias. Outros pilares existem, mas esses são os principais.

origem” (CLAVAL, 2007, p.114). Mas enquanto Claval (2007) trata da preservação cultural de uma comunidade na forma identitária, esta preservação da cultura é uma resposta conservadora aos desafios da sociedade receptora. Neste momento, o sentido de enraizamento e reenraizamento não é conservador, mas processual e significa relacionar o modo com que imigrantes organizam suas comunidades com os costumes estrangeiros, definindo suas descendências com a (nova) cultura.

Cada sujeito moderno está levado por vontades que expressam suas necessidades e/ou anseios. Por isso, definindo os motivos da migração significa também compreender um pouco a subjetividade motivada dos imigrantes. As razões da imigração são muitas: trabalho, condições sociais e políticas, afetivas e etc. Contudo, o ato de e/imigrar sempre traz efeitos sociais (para aqueles que ficam, para os que partem e para os que recebem).

As motivações dos imigrantes para deixarem o Líbano variam: Mahmoud (53 anos), Khadija (68 anos), Jumanah (62 anos), Abbas (52 anos), Yasser (60 anos) e Anette (41 anos) vieram porque os seus pais decidiram assim, todos eram ainda criança quando vieram. À exceção de Anette que veio fugida da Guerra Civil Libanesa, os pais de todos os outros vieram em busca de melhores oportunidades de trabalho. Já para Hafiza (57 anos) e Nádía (38 anos) os motivadores foram ligeiramente diferentes, vieram para casar. A primeira veio para conhecer o futuro noivo que já estava trabalhando no Brasil e a segunda casou-se no Líbano, mas o marido já trabalhava em Foz do Iguaçu. Mas ao final, excetuando-se Anette, o motivador direto ou indireto de todos para sair do Líbano, foi o trabalho.

Nesse sentido, faz-se necessário tomar a questão do trabalho. Para Kristeva (1994), este tema é absolutamente importante por que é por meio do trabalho que o imigrado se relaciona com a sociedade. Representa a razão e a fonte de sua dignidade, lhe dá valor nela. O trabalho, para o imigrante, representa a terra eleita, a única fonte possível de sucesso. A autora insiste que quem veio sem nada e de fora (sendo desta maneira originalmente excluído), se submete a tanto trabalho numa sociedade de para ganhar o seu espaço nela. Defende e protege tanto o seu trabalho, pois se nada tem tudo pode sacrificar, não há nada a perder. O trabalho para o estrangeiro é, assim, um bem que a alfândega não pode tributar, mas que

representa um valor exportável e importável no próprio sujeito (dentro ou fora da legalidade).

De fato, o trabalho oficial denominado 'honesto' é outro valor considerado importante para os entrevistados de todas as gerações. A indolência não é uma prática entre os entrevistados, todos tinham claras ocupações: ora no lar, trabalho, estudos ou ainda mais de uma dessas. O imaginário do mascate empreendedor e trabalhador, do comércio pujante relacionado comumente ao imigrante sírio-libanês é muito reforçado nas entrevistas, algumas vezes de forma até heroica.

Abbas (52 anos) explica que a vida dele no Líbano era muito boa, tinham de tudo e muitas propriedades também, mas o pai achava que o Brasil poderia oferecer ainda melhores condições de trabalho. Yasser (60 anos) conta que aos onze anos, uma semana depois que chegou ao Brasil, foi introduzido ao mundo do trabalho pelo pai, e pela vida do comércio. Ele explica que não deixou de estudar, mas que o pai o encorajou a ter uma pequena banca de meias em frente a loja do pai.

Todos os imigrantes alegam que é no trabalho que eles mais têm relações com brasileiros não árabes e com imigrantes de outras nacionalidades, dizem que não raro, esses companheiros de trabalho se tornam amigos também. A situação não é muito diferente para os descendentes: no trabalho também se travam relações interpessoais com outros que não sejam de origem libanesa.

Ora, no trabalho ou no ambiente de estudos se travam relações, interações e observações sobre como vivem os não libaneses. Também no ambiente de trabalho e de estudos os libaneses têm a oportunidade de se colocar como outros ou como nós, a depender da situação. Em alguns casos, podem até explicar algo de si para os demais. Essa ideia da explicação é bastante reforçada pelos entrevistados, o que faz assumir que quando se faz necessário explicar-se, não se coloca como 'nós', pois o 'nós' é sabido e conhecido, mas o 'outro' é desconhecido. O desconhecimento nesse caso abre fendas e pode propiciar fronteiras.

Mas Julia Kristeva (1994) alerta que na segunda fase/geração dos imigrantes essa relação com o trabalho pode se afrouxar um pouco. Tendo uma aversão ao comportamento dos pais ou também numa tentativa de imitar os nativos, os filhos acostumar-se-iam à possibilidade da vida sem trabalho exagerado. E quando não há trabalho? Aos estrangeiros, pouco lhes resta em tal momento a não se unirem e valorizar elementos da cultura de origem, se a ferramenta de integração (o trabalho)

se esvaece. Sem esta solidariedade cultural, existiria apenas o amargo da solidão, da orfandade, segundo a autora.

Cabe exaltar que essa ideia de Kristeva não se reproduz na comunidade libanesa estudada, as gerações nascidas no Brasil têm forte apego ao trabalho, os que não trabalham ou estudam ou gostariam de trabalhar. E o trabalho é apontado como um valor e uma característica forte do árabe que eles assimilam e querem passar para os filhos.

Helena (30 anos, monitora de turismo) explica que pessoas árabes gostam de ser autônomos, e não empregados. Ela mesma logo quer empreender um negócio próprio. Quando ela recebe visitantes árabes, prontamente se identifica como filha de libaneses e ela tem certeza de que eles acham estranho ver uma filha de libaneses trabalhando como empregada, mas ela não se importa o que importa é trabalhar, segundo a entrevistada.

Percebe-se que, depois da decisão de imigrar de ficar entre o país de origem e o país receptor, aparece aqui o dilema de se reconstruir como sujeito social e cultural no novo ambiente. Neste processo de abandono e apego há sempre perdas e ganhos que se exprimem na forma da definição do incorporado e do excluído pelos imigrados. Para esse processo de incorporar e de excluir se criam culturas de transposição, se flexibiliza e se aprende. O caráter mutável da identidade, do pensar e do agir é característico na imigração. Essas reflexões iniciais são a base para os respectivos aprofundamentos que se darão a seguir.

4.2 Redes de contato e vivência em Foz do Iguaçu

Durante a adolescência eu tinha mais conflito por ser filha de libaneses. Naquele tempo, não havia a colônia árabe que tem hoje, era muito menor a colônia, e por isso não tinha muita opção de sair e de lazer entre os árabes como tinha com os brasileiros. E eu queria sair, dançar com as colegas, mas como fui criada em um ambiente muçulmano eu me sentia estranha/muçulmana entre as colegas brasileiras, e em casa como convivia muito com os brasileiros, me sentia brasileira. Hoje a colônia é muito grande e os jovens têm mais opções entre os árabes, e hoje todos têm carro e saem sozinhos sem depender de ninguém como eu dependia do pai buscar e levar. Eu não poderia sair à noite, com parentes poderia, mas não era comum. Frequentava carnaval, mas sempre com familiares, íamos para nos divertir, nada de 'ficar' com uma pessoa. Nós passávamos a noite toda sempre juntos. Não acontecia de relacionar-se com brasileiros em termos sexuais. O grupo ficava sempre junto. Mas isso naquele tempo isso não era tão comum.

Naquele tempo era tudo mais difícil. Quando eu decidi estudar 1987, em Foz, isso foi ‘coisa de outro mundo’, porque era noturno, fora do centro, e eu ia de ônibus. O meu pai já era falecido na ocasião, e eu fui contra a vontade da mãe estudar. Eu sempre morei no centro e não saía do centro, por isso sair estudar e depender de ônibus era muito difícil de a mãe assimilar. Alguns conhecidos quando passavam pelo ponto de ônibus paravam e davam carona. E eu ficava sozinha no escuro esperando o ônibus com muito medo, mas eu não contava para a mãe. Quando comecei a trabalhar fora já estava casada, e isso foi quando voltei do Líbano e todos me incentivaram a isso (trabalhar). (Yasmine, 45 anos, descendente)

Uma comunidade expressiva em termos numéricos como a dos libaneses em Foz do Iguaçu, vivendo no meio urbano, não pode ser considerada guetoizada. Longe disso, ela está em forte interação com outras comunidades de imigrantes, em menor escala, e com os não árabes, considerados pelos libaneses por ‘brasileiros’. Mas também é fato que a comunidade libanesa tem uma vida própria, com seus eventos, escolas, templos, estabelecimentos, edifícios residenciais e outros aspectos específicos – mas não únicos: nada disso lhe é exclusivo, mas muitas vezes os não libaneses são convidados ou expectadores nessa vida social libanesa em Foz do Iguaçu. Das relações, de convívio, de auto-organização, de proteção e de projeção nascem vivências e contatos com os membros da comunidade libanesa entre si e entre os não libaneses. Verificar a intensidade dessas relações pareceu fundamental para compreender essa comunidade no que tange à(s) sua(s) identidade(s) e seus espaços de identificação.

Kristeva (1994) relata uma relação psicológica intrigante: ela fala da animosidade ou pelo menos da irritação que o estrangeiro causa. Sua relação com a sociedade receptora é duplamente inversa. De um lado, a sociedade hegemônica se julga superior, tanto material, como política ou socialmente, mas na outra mão, o estrangeiro também não deixa de julgá-la. Ele a vê um pouco limitada, cega: em razão de os locais não possuírem a distância que ele possui, para se ver. Kristeva acredita que essa possibilidade de distanciamento separa o estrangeiro dos outros e vem a fortificá-lo, conferindo-lhe “um sentimento altivo, não por estar de posse da verdade, mas por relativizar a si próprio e aos demais, quando estes se encontram nas garras da rotina da monovalência” (KRISTEVA, 1994 p. 14).

Embora esse tipo de questão tenha sido sempre delicadamente evitada por todos os entrevistados, os conflitos da vivência e julgamentos com/de brasileiros

pode ser capturado a partir de algumas falas, tais como: Halimah (19 anos) que diz que os brasileiros gastam tudo o que ganham, sem pensar no dia de amanhã. Ou então comenta que os árabes são mais unidos entre si. Latif (24 anos, descendente) explica que sempre que existe um problema no trânsito, algum brasileiro rapidamente lhe diz “ah turco, vai embora pro seu país” ou então “mas tinha que ser turco mesmo, né?”. Batul, (19 anos, descendente) opina que as moças brasileiras não se valorizam, “se entregam” para qualquer rapaz mesmo sem conhecê-lo bem. Jumanah (62 anos) é da opinião de que existe sim discriminação contra os libaneses em Foz, pois para qualquer coisa que se faça os brasileiros já exclamam: “é turco mesmo!”. Relativamente comum, foi ouvir os entrevistados mencionarem que os brasileiros têm uma compreensão muito baixa sobre o mundo árabe em geral, e que comumente fazem comentários maldosos contra os imigrantes libaneses e muçulmanos em geral. Youssef (31 anos, descendente) desabafa: “quando um árabe namora uma brasileira e ele termina o namoro todo mundo julga dizendo que ele a deixou para casar com uma árabe ‘ah essa gente só se casa entre si’ Mas quando a moça termina o namoro com o libanês, ninguém diz que ela deixou do árabe para casar com um brasileiro!”. Yara (17 anos descendente) explica que o libanês gosta muito de se aparecer, se presumir, e os brasileiros (aqui ela já considera os nascidos no Brasil, mesmo filhos de imigrantes) seriam mais naturais e discretos nesse quesito. Munira (44 anos) diz sobre isso, e reprovando, que uma fala bastante comum no Líbano é ‘dizem que o fulano tem muito dinheiro no Brasil, mas cadê a casa dele aqui no Líbano?’. E sem dúvida esse caráter pavoneante do libanês, mencionado pelos entrevistados, não passa em branco a quem o observa, o que pode ocasionar também certa hostilidade, repulsa ou sentimento pouco positivo.

Para Homi Bhabha (2007, p.198), autor que também vivencia sua própria experiência como imigrante, alerta para esta atitude e força pela relativização no momento da dispersão de povos na época moderna. No momento da reunião, estes imigrantes se encontram no país anfitrião, ‘na nação dos outros’. Reúnem-se exilados, refugiados, emigrados, às margens de culturas ‘estrangeiras’, trocando experiências que se dão em fronteiras (aqui se pode pensar em fronteiras zonais além da nacional, como a cultural, social e etc.). Seus lugares são guetos ou cafés nos centros das cidades, onde as pessoas se reúnem na língua estranha de outro (a língua que lhes permite comunicar com outros emigrados), “reunindo os signos de

aprovação e aceitação, títulos, discursos, disciplinas, reunindo as memórias de subdesenvolvimento, de outros mundos vividos retroativamente” (BHABHA, 2007, p. 198). Estes mundos vividos são mundos que revivem constantemente as memórias do próprio país do emigrante nas conversas com os outros emigrantes que estão na mesma situação. Ficando fora de casa eles reconstroem sua vida. É o que o autor chama de “reunião de passado num ritual de revivescência; revivendo o presente” (BHABHA, 2007, p.198). Nestes momentos de presença abdicam do provisório que o país receptor dá à vida dos estrangeiros, devido à falta da nacionalidade hegemônica.

São nessas ocasiões de reunião que as ‘ilusões’ e ‘idealismos’ da terra natal nascem, nas quais os momentos lá vividos são revividos nas conversas e na saudade. Aí podem se originar os imaginários. Na saudade não se pensa de forma negativa, no que é ruim ou doloroso; pelo contrário, na saudade se alude ao que é aprazível e ao que emociona positivamente. Por isso, nesses momentos são trazidos à tona somente os aspectos emotivamente positivos do lugar de origem, e a memória se encarrega de cristalizar o que é positivo e neutralizar o que é negativo. Nestes encontros o sentimento de ser imigrante, de ser outro, é forte, na reunião com outros em situação similar. Em situações como essas, se vive o dual sentimento de viver no país anfitrião como estrangeiro em busca de condições de vida melhores e de imaginar o retorno ao país de origem, para viver lá, na imaginação. Não raro nessas ocasiões, os imigrantes se dão conta da distância, não apenas física, mas também cultural, em que se encontram em relação ao atualmente conhecido, querido e saudoso – trata-se de um sentimento de lar e amparo que se funda na distância.

Existem muitas atividades de lazer que os entrevistados gostam de realizar com outros libaneses, tais como: reuniões para comer, jogar baralho e futebol, fumar narguilé ou tomar chá, visitas mutuas para bater papo, etc. Embora a entrevistadora não tenha presenciado nenhum desses encontros durante a execução dessa coleta, algumas falas enaltecendo o Líbano, durante as entrevistas foram capturadas. Tanto de descendentes como de imigrantes, sendo mais ocorrentes no primeiro grupo. Algumas vezes os entrevistados tentavam convencer a entrevistadora do quanto o Líbano é um país lindo e bom para passear ou viver.

Jessica e Malak (ambas de 17 anos e descendentes) animadamente tentam explicar como é animada a vida noturna de Beirute e como o verão naquela cidade é lindo. Munira (44 anos) diz amar o Líbano, considera que o país é o 'chão dela', mas a casa dela está no Brasil. Yara (17 anos) exclama: "ah, eu me sinto acolhida de verdade é no Líbano". Algumas vezes, ao comparar o Brasil com o Líbano, os entrevistados concluem que o Brasil é um lugar melhor para se viver em termos de amparo do Estado, de acesso de consumo ou oportunidades de trabalho, mas mesmo nessas falas, o Líbano é tratado com carinho, emoção e estima. Como é o caso de Hafiza (57 anos) e Jumanah (62) que apontam o Brasil como sendo um país lindo, com leis com as quais se sentem amparadas, mas "ah, o Líbano é o país onde eu nasci né?! Nunca uma pessoa esquece o país onde nasceu, né?!".

Parece haver um sentimento de dupla lealdade aos dois países envolvidos, não se pode amar um e esquecer o outro: ao mesmo tempo em que no primeiro bloco de análises os imigrantes amavam o Brasil, se sentiam brasileiros e não cogitavam a hipótese de viver no Líbano, de alguma forma deram aos seus descendentes, noções tais que lhes permitiram amar o Líbano, se sentirem libaneses, desejarem viver naquele país. A partir disso, há que se concordar com Jumanah: uma pessoa nunca esquece o país em que nasceu, mesmo, como é o caso, estando longe dele há tantos anos.

No que tange a regionalização imaginária e vivida do imigrante, Sahr e Löwen Sahr (2000) asseveram que são três os níveis de identificação: o círculo familiar e de amizades com predominância de relações diretas e imediatas que favorecem a integração social, sobretudo no campo da inter-relação social e laços afetivos; o grupo sociocultural do imigrante com atenção à preservação de elementos históricos e tradicionais; e o contexto geral do país de destino com os seus discursos legitimadores: Estado, ética, religião ou economia. A partir dessas três dimensões regionalizadoras, o imigrante negocia as tensões entre as culturas e cria um conjunto com outros imigrantes numa cultura de transposição.

A partir da reflexão a cima, pode-se analisar trazendo para a realidade dos libaneses radicados em Foz do Iguaçu: considerando o número de elementos, seus laços familiares e de amizades dentro da comunidade e as múltiplas manifestações sociais e culturais que lhes permitem inter-relação social; as possibilidades

expressivas de preservação de elementos tradicionais e históricos e factualmente o que existe; a ascensão econômica do Brasil, a fragilidade do aparato estatal da fronteira entre o Paraguai e o Brasil (o que permite a florescência do comércio no país vizinho favorecendo os imigrantes não apenas libaneses), a liberdade de credo, culto, expressão, e tantas outras possibilidades legais oferecida pelo Estado Brasileiro aos estrangeiros e nacionais, isso por si possibilita todos os outros aspectos, e permite que os estrangeiros agremiem-se com toda a sua força familiar e comunitária social, organizando-se, manifestando-se dentro do aparato legal nacional por permissão, mas com um imaginário fora dele.

Essa situação exerce uma função social do imaginário do grupo. Quando os entrevistados foram questionados se preferiam comprar ou serem atendidos na prestação de serviços por outros árabes em Foz do Iguaçu as respostas foram muito variadas, pois no que diz respeito aos produtos todos alegaram preferir melhor preço/qualidade, mas em condições iguais de competitividade eles preferiam comprar com um outro libanês principalmente se este for amigo ou parente, isso em razão de ter uma maior relação de confiança com o comerciante por ele ser árabe. Na prestação de serviços, diziam preferir a qualidade a cima de tudo, mas se o melhor for libanês se sentem mais a vontade ainda.

No tempo livre, os entrevistados alegam que desfrutam-no tanto com outros membros da comunidade árabe como com não membros. Quando diziam que passavam seus momentos de lazer com outros membros da comunidade, tinham sempre o cuidado de frisar que não era por preconceito contra os brasileiros, mas que esses eram os que compunham o seu meio, seu círculo de amizades, prioritariamente. Estas reflexões mostram que as vivências não necessariamente são uma expressão do vivido, ou uma conciliação semiótica entre o novo e o velho, mas tem uma função na construção da comunidade, no conjunto de suas relações e conceitos.

O ato de imigrar, de largar, abandonar ou como se queira dizer está sempre permeando as imagens, as experiências e as vivências da comunidade, muitas vezes por razões nem sempre claras ou imediatas. Mas não se pode confundir esse abandono com dar as costas ao país de origem ou principalmente à família que lá ficou, longe disso. Desta forma, a própria imagem e vivência ficam parcialmente

desligadas das razões da migração, seja que esta era para casar, trabalhar, ou ter seu próprio negócio. Também estes que imigram porque não podem suportar as pressões sociais ou políticas de seu país de origem, desenvolvem uma imagem do migrante em conjunto para anexar se aos conterrâneos no novo país.

4.3 Constituição da Identidade em Foz do Iguaçu

Eu não tenho apenas uma identidade cultural, eu tenho duas. Às vezes eu estou em um meio totalmente brasileiro e me identifico completamente. Mas no meio árabe eu sinto que 'eu sou isso aqui'. Sempre me sinto em conflito, e acho que as meninas em especial sentem isso. Os rapazes levam uma vida mais aberta, eles podem levar uma vida totalmente normal até quando eles decidem ser mais árabe. Eles podem namorar, viajar com amigos, sair a noite. Com as meninas é bem mais restrito. Até aprender lidar com isso, era um problema, eu achava isso injusto. A cultura me colocou um peso que em alguns aspectos não são bons. Mas isso é inevitável. Para a menina árabe ser criada no Brasil é complicado. Lá no Líbano eu vejo as primas levarem uma vida mais aberta. Eu acho que as meninas árabes daqui são mais árabes que as de lá. Lá são todos árabes, então elas estão libertas das diferenças. Aqui os pais travam porque se está no meio dos brasileiros, os riscos de sair da cultura são maiores. Todas as minhas escolhas se basearam no fato de ser árabe, até mesmo profissional. Eu amo a profissão (relações internacionais), queria ter estudado fora, mas todas as portas que eu imaginava para a minha carreira, eu já fechava sozinha, sem ninguém influenciar diretamente. Eu pensava: que homem árabe vai aceitar isso para uma esposa? Tudo eu baseava no fato de me casar, ter família; e queria conciliar tudo isso com a profissão. Os pais criaram os filhos no meio termo, e a pior coisa é viver no meio termo: conhecemos a cultura brasileira, mas ela não era para mim. Eu posso ver as coisas que queria e não poderia tê-las pela cultura. É a mulher que leva a cultura que passa isso para os filhos. As vezes eu tinha pena das meninas árabes em Foz que eram criadas muito fechadas, com muita restrição. Mas no final eu acho que essas eram mais felizes, tinham uma vida mais simples, pois não conheciam outra forma de viver, não precisavam entrar em conflito. (Angélica, 26 anos descendente)

A identidade cultural, como já tratado nesta tese, aparece sempre em contexto de diferença, e pode muitas vezes ser plural. Essas duas premissas são muito importantes para compreender a identidade cultural de imigrantes, pois esses por definição estão em contato com o diferente, e muitas vezes aparecem como diferentes; e não raro os imigrantes também se identificam com distintas fontes, sejam identidades nacionais (a de seu país quando no país anfitrião ou vice-versa) ou outras.

Por essa razão, tentar compreender os elementos fundantes da identidade cultural libanesa é tão importante, e o cerne em realidade, desta pesquisa. Para isso, houve no ciclo de entrevistas um eixo específico de perguntas sobre esse tema. Embora a questão da constituição da identidade libanesa não fora abordada apenas nesse eixo, ela foi reforçada nele. Para ajudar a compreender as respostas, foi buscado apoio na literatura específica dessa temática, privilegiando os autores que tratam da identidade cultural imigrante.

A identidade quase sempre se encontra na busca de âncoras, baseada em uma geografia de marcos. Por isso, os marcos que podem servir para migrantes como lugares de identidade são elementos que deixam pistas permanentes na paisagem da cidade anfitriã. No caso de Foz do Iguaçu, muitas marcas tangíveis da comunidade libanesa são expressas na paisagem: a Escola Libanesa Brasileira; a Mesquita Omar Ibn Khatab; o Husseiniye; o cemitério islâmico; e o Clube União Árabe, por exemplo – a Mesquita inclusive passando a integrar roteiros turísticos oficiais do município. Mas também outros elementos intangíveis, que se mesclam a certa tangibilidade do lugar, marcam e fazem parte do cotidiano das pessoas: a gastronomia que já é uma mania entre locais e turistas por ser rápida, barata e acessível, no caso das lanchonetes de shawarma; a religiosidade traduzida nas roupas, chamamentos e celebrações; ou ainda o comércio simples e muito peculiar com mercadorias penduradas por toda a parede e forrando-a até o alto do pé-direito.

Tais marcas parecem tão fortes na presença visível libanesa em Foz do Iguaçu que tornam-se elementos da cidade. São marcas que não deixam o observador enganar-se: naquela cidade existe uma expressiva comunidade árabe-libanesa. Mesmo que saber diferenciar árabe de libanês, muçulmano de árabe, ou turco de árabe seja muitas vezes uma tarefa incomum e difícil para a maior parte dos brasileiros menos iniciados na questão, arredondando essas arestas tratando-os quase sempre por turcos. Mas percebe-se, sem dúvidas, a presença desses que muitas vezes são ‘outros’, e por isso mesmo aparecem.

Esses marcos mencionados servem não apenas como uma eficiente forma de dizer que existem, mas também atendem como importantes maneiras de identificação dos imigrantes e seus descendentes com o espaço em que ocupam. Não os deixam esquecer a que pertencem, faz com que pertençam. Ocupar e viver

esses espaços de identificação é reforçar e (re)viver o Líbano Presente. Assim, os marcos identificatórios da cultura libanesa em Foz do Iguaçu atendem a uma dupla tarefa: identificam-nos para os 'outros' e são fonte auto identificação para o 'nós'.

Sayad (1998), após estudos aprofundados sobre a imigração argelina para a França, crê que a presença do imigrante é também uma categoria temporal se relacionando com seu estágio provisório. Assim, tanto sua presença como sua ausência seriam necessariamente provisórias. O autor segue explanando que uma das características fundamentais do fenômeno da imigração

é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade. Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais e se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário se, se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento do provisoriamente. (SAYAD, 1998, p. 45).

Ao que as entrevistas puderam indicar, o sentimento de provisório ao qual Sayad se refere não parece ser reinante entre os entrevistados. Eles se sentem presentes, constantes e parte de Foz do Iguaçu. Tanto que não consideram voltar a viver no Líbano, no caso dos imigrantes, e muitos deles obtiveram nacionalidade brasileira. A provisoriedade da imigração nesse caso ficou no discurso teórico. Na prática, ela é muito definitiva.

Reforçando essa ideia, cabe explicar que não existe nada que os imigrantes realizavam cotidianamente no Líbano, antes de emigrar, que ainda o façam no Brasil, segundo eles a vida mudou drasticamente, pois aqui tiveram que assumir responsabilidades seja com o lar seja com o trabalho. Contanto, quase todos eles dizem que a vida no país de origem era boa, tranquila e nada faltava. Diferentemente dos descendentes, entretanto esse tema já foi explorado anteriormente. Os pequenos afazeres da vida cotidiana e ordinária foram deixados para trás para que pudessem assumir uma vida estável no Brasil, e ao cotidiano brasileiro/iguazuense se dizem já adaptados e agradados com essa situação.

Contudo, curiosamente, e de certa forma contrariando em partes o que diz Sayad, e como já mencionado, os imigrantes entrevistados, não pensam em

retornar, não se consideram mais libaneses, e sim brasileiros. Contrariamente com o que ocorre com a maioria dos descendentes, que se colocam como libaneses ou libaneses-brasileiros. Abbas (52 anos) explica que um filho de libanês que tenha nome libanês vai ser sempre libanês, vai ser sempre identificado como tal, independente de onde nasceu, por isso é tão importante, segundo ele, dar nomes árabes para os filhos. Mas não só isso, Munira (44 anos) diz que não faz diferença se é filho ou nascido no Líbano, são todos libaneses. Ainda acresce mencionando que é muito comum os filhos de libaneses terem documentos libaneses (dupla nacionalidade), e de fato praticamente todos os entrevistados o tinham, assim como nomes árabes.

Consequentemente, aqui cabe refletir sobre a questão do permanente e do provisório num sentido mais amplo, ao passo que constituir-se de forma definitiva no Brasil seja algo comum a todos os entrevistados imigrantes que, se dizem adaptados, integrados, acostumados, em casa, iguais aos locais ou estranhos no Líbano e etc., não deixaram a identidade libanesa para trás, ao contrário: ela foi/é revivida constantemente ao dar nome aos filhos, garantir os documentos libaneses para eles, ensinar-lhes a serem libaneses a amar o Líbano ao ponto de seus filhos quererem mais do que eles mesmos viver no Líbano. É com isso dizer que não se pode ser ingênuo e admitir que pelo fato de os imigrantes estarem completamente à vontade na sociedade brasileira, ou não pensarem em voltar para seu país de origem não quer dizer que deixam de lado a identidade libanesa, que deixam de ser libaneses: assumem diferentes identidades e as acionam em diferentes momentos e pertencem a diferentes grupos. Essa reflexão comprova o que se dizia anteriormente sobre as identidades plurais em transição.

As visibilidades, práticas e comportamentos, embutidas na visibilidade, que quase todos os entrevistados relatam, fazem com todos sejam identificados como libaneses na sociedade iguaçuense, ora pelas características físicas (citadas por eles: nariz grande, sobrancelha espessa e olheiras escurecidas) ou pelo nome. Algumas mulheres dizem ser identificadas pelo uso do *hijab*. Mas não demonstraram que essa identificação era negativa, ao contrário: lidavam bem com isso, e se sentiam satisfeitos de serem identificados como libaneses.

Samira Osman (2006, p. 339) que estudou intensamente a imigração libanesa para o Brasil (mestrado) e seu retorno para o Líbano (doutorado) crê que na imigração “vive-se do sonho idílico em relação à terra natal, sagrada e sacralizada, adorada e cultuada à distância como terra mãe aguardando o retorno dos filhos pródigos.” Ao passo que no retorno “cria-se também uma memória do Brasil que encerra todas as qualidades, que vão da natureza privilegiada ao povo único, especial.”

Assim, tanto o país de origem como o país anfitrião incentivam o imaginário para a idealização da terra natal (que muitas vezes é apenas uma ilusão fossilizada pelo tempo inexorável e a distância espacial) um imaginário, e ao retornar, passa-se a idealizar também o país anfitrião. Não vivendo plenamente nem lá e nem cá, o imigrante está sempre idealizando uma terra em que não está. Essa idealização da terra natal ou de vinda requer uma miríade de imagens visualizadas e imaginários construídos, devido a falta de opções de inserção material na sociedade receptora.

Mais uma forma de refletir e reiterar sobre a necessidade de falar, ensinar, mostrar aos filhos o Líbano, leva-los para lá, fazê-los mesmo estando em Foz viver esse Líbano. Com isso, não apenas o migrante estudado está vivendo a realidade iguaçuenses em seu cotidiano e acarinhando o Líbano em/de suas memórias, como faz com que seus filhos percorram esse mesmo caminho, que os leva para lá e para cá, que os faz viver no lá e no cá. Mesmo que esse lá muitas vezes seja fruto da imaginação, da memória e nem sempre seja real.

Os entrevistados explicaram que aqui no Brasil eles são todos considerados libaneses, sem importar se eles se auto consideram brasileiros ou se em fato são nascidos aqui. Mas que no Líbano são todos estrangeiros, considerados ou brasileiros ou americanos. Amani (40 anos) explica que essa situação lhe incomoda, assim como aos filhos e que não gosta quando isso ocorre. Não raro ela se sente renegada dos dois lados, ela se sente libanesa-brasileira, e o que motivo do incômodo é quando uma dessas nacionalidades lhe é negada. Latif (24 anos) diz que sempre estudou em escola brasileira, que sempre teve amigos brasileiros, se sente brasileiro e muito diferente dos libaneses nascidos no Líbano, embora estima que tenha assimilado bem a cultura libanesa, mas opina que ele tem as duas formas de pensar e agir. Essa são formas de reagir ao estar lá e cá que antes se

mencionou. Mostra-se que nessas situações se reificam imagens criando um mundo *per se*.

Para Hall (2003, p. 73), em condições de diásporas, as pessoas geralmente se vêm obrigadas a adotar posturas de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas. Não raro, no país de imigração são considerados estrangeiros, mas como migrantes de retorno possivelmente podem ser vistos também como pelo menos estranhos, porque o seu tradicionalismo os faz considerados lá estrangeiros também; assim eles permanecem sempre na negociação de sua identidade. “Todos negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*, onde as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas”.

Este peso da falta de nitidez é um peso que possivelmente nunca sai das costas do imigrante. E isso ocorre porque romper com a origem e se entregar totalmente ao novo é quase impossível: a cultura origem lhe é fundante, lhe ensinou o certo e o errado, lhe mostra os valores a serem perseguidos. E o novo nem sempre concorda com isso. Para poder viver no novo, no país anfitrião é preciso um mínimo de adaptação e negociação: o que se pode abandonar e o que não. E por esse processo, inexoravelmente passa a educação dos filhos, onde se recriam imagens do antigo como âncoras.

Ainda sobre essa *différence* mencionada por Hall, cabe retomar a reflexão de Sayad sobre a provisoriidade da imigração, e asseverar que possivelmente quanto mais provisório for a estadia no país anfitrião, menor é disposição de negociação. Mas essa assertiva pode ser aprofundada ao se tomar as comunidades diaspóricas, que como tal mantêm seus laços fortemente atados com o país de origem, e para elas o nível de negociação também pode ser baixo: o contato intenso com a raiz reforçaria sua própria identidade, verdade, visão de mundo e forma de organização da vida. Como comunidade.

Isso se refere também às frequentes visitas dos descendentes nascidos na diáspora. Se está no país de seus pais ou avós, saber portar-se como um local lhes garantiria aceitação. Isso não quer dizer que essas pessoas não possam ser aceitas

no país anfitrião, ou que não saibam como lidar com o outro código cultural, mas sim que fazem menos concessões à cultura anfitriã frente à de origem.

Josiane (28 anos) a exemplo disso explica que se sente diferente, mas que isso lhe parece ruim, é segundo ela um diferente bom, tem orgulho disso. Mas ela ainda explica que não foi fácil resolver essa questão consigo mesma, sobretudo durante a adolescência, que considera o período mais difícil. Ela conta que quando estava na escola, sua mãe lhe preparava pão árabe com coalhada de merenda e que os colegas faziam comentários jocosos sobre isso, dizendo que era panqueca. Entre risos, Josiane disse que odiava quando isso ocorria.

Amani (40 anos) conta que o pai dela nunca a deixava usar roupas muito curtas ou cavadas, ou mesmo sair a noite quando era adolescente, e isso causava espanto nos colegas não árabes, inclusive alguns se afastavam dela. Ela diz que o pai tentava preservá-las. Na época não entendia muito bem isso, mas hoje, como é mãe diz compreender, e de fato tenta proteger os filhos também, mas por motivos diferentes: o pai queria mantê-la na cultura libanesa e ela quer manter a integridade física dos filhos como outros pais.

Abbas (52 anos) diz que pensou muitas vezes em mandar as filhas para o Líbano para aprenderem a língua e a cultura, sobretudo o respeito aos mais velhos. Ele é da opinião de que a língua e a religião são importantes para que uma pessoa possa ser amplamente compreendida e que aprenda a respeitar os outros, por isso lamenta que as filhas ainda não tenham ido para o Líbano para aprender isso, pois aqui é cada vez mais difícil conseguir esses louros.

Nádia (38 anos) desabafa:

o meu filho tem 18 anos e ele quer namorar, e não pode! Ele quer sair a noite, mas isso é pecado. O meu marido segue muito a religião, mas precisa soltar um pouco. Ele quer que a minha filha de 16 anos use *hijab*, mas ela não quer. Eu tenho certeza de que um dia ela vai passar a usar, mas não precisa obrigar, sabe? Eu sempre usei *hijab*, meu pai obrigava. Depois que eu me casei e vim para Foz deixei de usar, e eu imaginava que sair de casa sem ele seria uma felicidade, mas depois de dois anos não se sentia bem não usando o *hijab*. (Rindo) quando saí pela primeira vez na rua sem *hijab* senti que todo mundo estava olhando para mim! Fora de Foz eu me sinto mais tímida, mais observada. Todos os anos nós vamos para a praia, eu não entro no mar, mas mesmo assim todo mundo me olha (rindo novamente). A minha filha usa biquíni, eu não gosto disso, acho que ela poderia usar um short e uma camiseta sabe? A mulher tem que tapar as

coisas valiosas dela, e eu ensino para os meninos (os filhos) que eles também não devem ficar olhando. Isso é pecado! Eu gosto que eles tenham liberdade, mas precisa ter limites.

Todas essas observações mostram diferentes formas de negociação da própria identidade, com diferentes formas de pertença, e principalmente da influência de imagens dessa negociação na vida cotidiana. Mas como o sentimento de pertença pode ser algo forte para as sociedades modernas, o migrante precisa substituí-lo ou adicionar novas pertenças devido as provisoriiedades e/ou enraizamentos na sua vida. Ser parte de um lugar, uma comunidade, ser aceito, visto, viver sendo membro de algo, e isso nem sempre é permitido total ou parcialmente a ele. Por esta razão, cabe discutir como o imigrante enfrenta a ausência de pertencimento no país anfitrião e como lida com a pertença ao país de origem no seu estar e como ele se faz visível e ouvir neste contexto.

Ora, podem-se pertencer a quantos grupos for, tudo vai depender da capacidade de negociação e de acionamento de cada uma das identidades em questão. Assim, para além dos documentos oficiais, pode-se ser brasileiro e libanês, como se vê. Pois no bojo do que é ser brasileiro e do que é ser libanês certamente há diversas características que os entrevistados devem ter, ou ao menos algo que lhes diga que pertencem a esses grupos.

Anette (41 anos), um caso muito especial nesse sentido, diz que se 'sente um ET' por não se sentir nem brasileira e nem libanesa, sente que sempre falta alguma coisa, não se encontra mais em nenhum lugar, mas segundo ela isso teria um lado positivo, pois ela aprendeu a valorizar tudo o que é de bom e a tolerar o que não é tão positivo.

Para resolver este conflito de identidade expresso e não resolvido neste caso, como também em outros casos, muitas vezes membros da segunda geração e sobretudo mulheres, optam de forma diferente. Ao passo que imigrantes resolvem a questão se colocando como brasileiros, e para não haver dúvidas sobre sua 'brasilidade' explicam que são naturalizados, logo brasileiros. O único caso de conflito de identidade entre imigrantes é o de Anette. Mas não se pode ser pueril e crer que essas questões entre imigrantes se resolveram facilmente. Mas o fato é que

hoje seu discurso é claro e cristalino: não há conflito de identidade, por já terem admitido que a vida no Líbano ficou para trás.

Com os descendentes a situação é diferente: a vida no Líbano não ficou para trás, ela é retomada a cada viagem, o sentimento de ter a vida pela frente, e de ter visto tantos dos seus indo e vindo até que a mensagem fosse assimilada é marcante nos discursos. De modo que se pode observar que o provisório, no caso estudado, é muito mais forte entre descendentes do que entre imigrantes. Isso não se dá por que lhes negam um solo no Brasil, ao contrário, mas sim porque lhes oferecem outro solo, um solo amoroso, no Líbano como uma realidade distante, mas real.

Para as mulheres, de fato pareceu mais difícil viver os conflitos de identidade. Algumas explicam que não são tão livres como os rapazes, possivelmente por uma questão mais religiosa do que qualquer outra (a mulher muçulmana não deve casar-se com outro que não seja muçulmano, ao contrário do homem que pode desposar, além de muçulmanas, cristãs e judias. Mais do que uma questão de preferência dos pais, é uma imposição religiosa. Além de outros tratamentos islâmicos que a mulher recebe, e um deles é a orientação para protegerem o corpo da visão dos homens interditados ao casamento, a questão da virgindade da mulher, as formas de relacionamento que podem vir a resultar em noivado entre os casais, entre outras.). Por isso, possivelmente, às moças sejam mais protegidas no seio da casa do que os rapazes. Não se pode ainda deixar de mencionar que as tradições não escritas do oriente islâmico rezam que a honra de um homem passa pela virtude das mulheres de sua família. Desobedecer a algum desses preceitos mencionados leva não apenas à desonra do homem, chefe da família, mas a de todas as mulheres do clã que foram responsáveis pela educação da transgressora, e isso pode incidir sobre as possibilidades de casamento das ainda solteiras: se uma é rebelde ou não instruída sobre os costumes, quem pode garantir que as outras também sejam, posto que foram criadas juntas? Em diferentes níveis de diluição, essas questões sempre podem vir à tona.

Jessica (17 anos) considera que seus pais são ‘modernos’ no que diz respeito aos costumes brasileiros *versus* libaneses, mas ainda assim relata algumas dificuldades: ela diz que gostaria de ter a liberdade de namorar sem o compromisso de casar necessariamente, mas por outro lado os pais permitem que ela saia na

noite vez ou outra (mas deve estar acompanhada de parentes ou amigos próximos). Mesmo sendo uma adolescente cheia de vontade de viver plenamente a liberdade de sair e namorar, ela concorda que a mulher deva se casar virgem. Conclui dizendo que “eu amo ser árabe e eu odeio ser árabe, entende?”, aos risos. Ela ainda explica que o problema de sair a noite em Foz é que todos os árabes presentes no ambiente sabem que ela é filha de árabe, e ficam cuidando de tudo o que ela faz. A qualquer deslize já se iniciam os comentários sobre ‘a filha do fulano’, e isso a magoa, pois envolvem o nome de seu pai em algo que não deveria.

Amar e odiar ser árabe, como diz a entrevistada, pode levar a pensar que se está no lá e no cá, pois ao conhecer a cultura brasileira, e viver no Brasil nem tudo lhe é permitido, por ser libanesa. Mas não renega a libanesidade. Vive-se no conflito. Mas cabe dizer que nem sempre conflito é sinônimo de tristeza ou sofrimento, mas sim de questionamento.

Para pontuar com maior profundidade a questão da mistura cultural, vale insistir nas reflexões de Homi Bhabha (2007). Este inicia sua reflexão sobre o lugar da cultura tratando sobre a vida na fronteira. Neste lugar da fronteira, a cultura é posta como imediata e trabalhada, e neste sentido não se trata nem de um novo horizonte no futuro, ou de um abandono ao passado, mas sempre está aqui e lá ao mesmo tempo, na diferença em construção. Para o autor, o que é “teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2007, p 20). O teórico chama essa articulação da diferença de ‘entre-lugares’, pois “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2007, p. 20).

Jawad (42 anos, descendente) opina que os imigrantes libaneses em Foz somente mudaram de endereço, do Líbano para o Brasil, pois eles agem exatamente da mesma forma com que agem lá, pensam igual. Mesmo que ele compreenda que os libaneses que moram no país de origem tenham modernizado e flexibilizado os costumes com os anos, e que alguns imigrantes ainda pensam como há 40 anos atrás, mas eles reproduziram o Líbano vivido, independente da geração.

Ora, pode-se asseverar que o que Jawad diz sobre viverem da mesma forma, por muitos motivos é força de expressão para dizer que não se negociou muito a cultura, a forma de vida. Há o esforço em manter a vida, dentro das possibilidades. Mesmo que os imigrantes digam que a vida tenha mudado completamente com a imigração, pode-se também admitir que isso foi outra força de expressão para dizer que com a e/imigração a vida mudara: negociou-se, adaptou-se. Mas é claro que mesmo negociando, muito se manteve, ou os filhos não se sentiriam tão libaneses como se dizem. Outra força de expressão (sou libanês, quando de fato se é nascido no Brasil com documentos libaneses)? Possivelmente, pois ao estarem no Líbano, segundo alguns entrevistados, sentem saudade do Brasil, querem estar aqui, falam português entre eles quando querem excluir alguém da conversa – possivelmente esse alguém seja o tema da conversa – usam expressões brasileiras enquanto falam árabe (como: né?!, nossa!, legal!, não acredito!?. Entre outras).

Essas força de expressão aqui tratadas demonstram o que Bhabha chama de entre-lugares: viver o aqui e o lá, estar no Líbano Presente lhes dá a oportunidade de recriar suas verdades, valores, adaptarem-se, negociarem, e sobretudo adequarem-se às diferentes sociedades em que estão.

Para os nascidos no Brasil, esses entre-lugares são mais flagrantes por viverem mais intensamente na fronteira das duas culturas. O ambiente escolar parece ser o mais propício para essas situações, quiçá por haver maior contato com não árabes e as diferenças serem mais latente, mas também porque foi na escola que muitos tiveram necessidade de se colocar como libaneses e inclusive de questionar e descobrir essa identidade.

Amani (40 anos) relatou um evento que lhe pareceu constrangedor, quando um professor na faculdade de direito, não sabendo que ela era filha de libaneses passou a criticar abertamente o Líbano, os libaneses e a religião muçulmana. Isso a constrangeu em demasia, mas após a fala do professor ela pediu a palavra, identificou-se e passou a explicar-lhe muitos aspectos da preleção que lhe pareciam equivocados. Jessica (17 anos), Josiane (28 anos), Helena (30 anos) e Bilal (40 anos) também mencionam que já sentiram necessidade de ‘defender’ o Líbano.

Para Ahmad (31 anos) e Bassan (28 anos) a escola lhes proporcionou uma descoberta importante, ambos, mas em eventos diferentes, receberam uma enquete coletiva na sala de aula, na qual os descendentes de árabes deveriam levantar a mão, os dois levantaram; os que eram descendentes de libaneses deveriam manter a mão levantada, eles assim o fizeram; os muçulmanos deveriam manter a mão erguida, e eles as mantiveram; e finalmente os professores dos meninos pediram para que os que eram sunitas abaixassem a mão, e os xiitas mantivessem erguidas: ambos não sabiam o que fazer, pois nunca ninguém lhes havia explicado o que era sunismo ou xiismo. Para ambos esse foi um fato marcante na vida deles, pois além de descobrirem, mediante questionamentos em casa, que eram xiitas, também descobriram que havia pessoas muito observantes da religião, nem todos eram como seus pais (inclusive, a família do pai de Bassan é considerada descendente do Imam Ali, seus antepassados, seu pai e ele mesmo recebem o pronome de tratamento 'Sayd', e isso é um sinal de muito respeito além uma marca incontestável de xiismo.).

Angélica (26 anos) contou sobre situações muito embaraçosas, explicou que como não tem nem nome e nem traços fisionômicos árabes, já teve momentos de ouvir brasileiros criticando abertamente os libaneses e ela se apresentar como tal e passar a defender 'a minha gente'. Mas também o contrário, de ouvir libanesas falando em árabe críticas aos brasileiros e ela ter o mesmo comportamento a cima. Yasmine (45 anos) também tem histórias nas quais defendeu o Líbano e os libaneses para os brasileiros. Os entrevistados mencionam que os brasileiros acham que os libaneses seriam muito rígidos com as mulheres, machistas e fechados às novidades, além de outros comentários que prefeririam não revelar.

Para Batul e Halimah (ambas com 19 anos) resulta muito enfadonho a cada novo grupo de convivência escolar (estão no primeiro ano do ensino superior) explicar o que podem e o que não podem fazer em função dos preceitos religiosos e por quê. Batul relata que quando iniciaram na faculdade, elas aceitaram receber o 'trote', brincar na lama inclusive, mas recusaram beber cerveja mesmo sob fortes insistências dos colegas. Halimah comenta um pouco chateada que os colegas de classe tinham plena convicção de que ela estava guardando luto pela morte de Osama Bin Laden, pois no dia de sua morte foi para a aula com roupas pretas!

Jéssica (17 anos) opina que percebeu a sua identidade árabe depois que começou o ensino superior, pois na escola tinha muitos colegas libaneses e os professores já estavam muito habituados aos libaneses, de modo que não precisava explicar nada sobre o modo de vida dela. Mas agora, na faculdade tudo isso mudou. Os amigos já compreenderam que ela é diferente em alguns aspectos, e a respeitam muito. Malak (17 anos) se diz impaciente com essa necessidade de explicar-se a todo o momento.

Todos esses exemplos mostram que a vivência na fronteira cultural revela o 'original' do país, reforçando, exatamente pelo seu caráter imaginário a origem como uma forma específica de 'integração' com o diferente. Por mais que se sintam em casa em Foz do Iguaçu, não raro são apontados como outros, ou têm que levantarem-se em defesa do país de seus pais, que também é seu. Ou seja, se é nós e outros. Mas se pode ser nós-outros? Os hifens cabem nesse caso? Há uma identidade que mescla a brasileira e a libanesa ou se tem a identidade libanesa e a brasileira e essas são acionadas em momentos diferentes a julgar pela conveniência da situação?

Pode-se dizer que para Bhabha (2007) o passado é um lugar que ficou longe daquele que se vive, mas incide sobremaneira no presente, no aqui. Por isso, os que vivem a diáspora sentem-se vivendo no além: rememorando o passado para construir o presente. Nem lá e nem cá, trazem a tona o lá por meio da memória, fazendo surgir imaginários. Se o autor diz nem lá e nem cá, cabe salientar que o contrariando esse estudo em tela, faz considerar o viver lá e aqui, ou seja: múltiplas pertencas. Como mostram cada um dos entrevistados.

Entre os imigrantes da primeira geração, por exemplo Abbas (52 anos) denomina o Líbano como "o meu segundo país", Anette (41 anos) o lembra como "algo bom e passeio", Hafiza (57 anos) também relata à lembrança, Jumanah (62 anos) caracteriza como "o lugar onde eu nasci, um sonho que já se foi", Khadija (73 anos) sempre diz que é "uma coisa linda que eu gostaria de conhecer" (veio com 9 meses), Mahmoud (53 anos) primeiro pensa, depois suspira e depois sorri ao dizer que "é a primeira pátria, mas nem por isso eu não gosta do Brasil", Nádia (38 anos)

mostra pena do país dela, “que só tem guerra e não tem trabalho” e Yasser (60 anos) simplesmente diz que é a sua terra natal.

Entre os descendentes, os elementos são semelhantes. Ahmad (31 anos) enxega o Líbano como o seu segundo país, Amani (40 anos) diz que é “uma de suas pátrias, é onde tudo começou”, Angélica (26 anos) o vê como sendo a sua origem, mas ela relata que lhe é impossível não se sentir também libanesa, Bassan (28 anos) diz ser a sua segunda pátria; para Batul (19 anos) é lazer, já ara Bilal (40 anos) é a segunda pátria, pela qual tem muito carinho, Fawwaz (27 anos) resume como sendo o país da história dele, Gamal (29 anos) explica que o Líbano não lhe é próximo, mas tem carinho por saber que todos os antepassados vieram de lá, Halimah (19 anos) se emociona ao dizer que o país é a sua vida, Helena (30 anos) trata como sendo a sua origem, Jawad (42 anos), Yasmine (45 anos) e Najar (33 anos) concordando com tantos outros diz que é a sua segunda pátria, Jéssica (17 anos) entusiasma-se ao dizer que é um lugar que ama visitar; para Josiane (28 anos) são lembranças, Juliana (40 anos) prefere referir-se ao respeito, ao seu turno, Karim (44 anos), Ronaldo (32 anos) e Malak (17 anos) dizem que é a terra dos pais, para Latif (24 anos) é o passado e a fonte da cultura dele, Marília (68 anos) explica que é a terra dela, já Munira (44 anos) menciona que é um lugar com o qual tem forte ligação, para Yara (17 anos) é o ponto de encontro com o mundo e Youssef (31 anos) diz ser a sua raiz, origem.

Mostra-se neste conjunto que as representações do Líbano para os entrevistados são sempre alusivas ao passado, à origem, à pertença, ao querido.

Kristeva (1994), procurando uma explicação psicológica e não sócio geográfica como Hall, opina que a partir do momento em que os estrangeiros têm uma atitude ou uma paixão (uma vontade que forma um sujeito), eles fixam raízes ainda que provisórias, podendo ser dito, criando estes entre-lugares. “O desligamento do estrangeiro é apenas a resistência com a qual ele consegue combater a sua angústia matricida. Sua insensibilidade aparece como a metamorfose de uma fragmentação arcaica ou potencial que arrisca reduzir ao caos o seu pensamento e a sua palavra” (KRISTEVA, 1994, pp 16-17). A autora segue explicando que o elo latente do imigrante só apareceria quando ele se une seja a uma causa, a uma profissão, ou a uma pessoa. “Então ele encontra nisso mais do

que um país: uma fusão onde não existem dois seres, mas um único que se consome, total, aniquilado” (KRISTEVA, 1994p. 17). Kristeva (1994, p.17), explica assim a formação da subjetividade do migrante que dá raiz a seu novo espaço, minimizando destarte o estrangeiro que chora sobre o seu país. “Enamorado melancólico de um espaço perdido, na verdade, ele não se consola por ter abandonado uma época da sua vida. O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada”.

Mas a autora crê que o estrangeiro saiba disso: “com o saber desolado dos que desviam a raiva dos outros (porque sempre existe um outro, uma causa ruim do meu exílio) contra si mesmo” (KRISTEVA, 1994, p. 17). Dessa forma, este estrangeiro não está dividido entre o aqui e o lá, ou ainda entre o agora e o passado, pois segundo ela, nada mais o fixa nem lá e nem aqui de modo que há uma ligação com o espaço no vazio.

Neste momento, aparece uma divisão entre os estrangeiros em relação ao país de origem: um grupo se consome na divisão de forma desiludida e o outro transcende nem para cá e nem lá, sempre ansiando por dias melhores. Kristeva acredita que quando o estrangeiro está longe ou distante de qualquer laço com os seus, ele se sente livre, completamente livre em criar na solidão. De mãos dadas à solidão vem a indiferença que abre um espaço de transposição.

Jessica e Malak (17 anos) explicam que quando não estão em Foz do Iguaçu elas se sentem muito mais a vontade para poderem desfrutar da vida brasileira, sobretudo no que tange a saídas noturnas, pois fora da cidade, elas não são identificadas como filhas de libaneses e nem haverá outros libaneses julgando-as. Dizem que o libanês aprecia muito controlar a vida alheia e fazer comentários e fofocas sobre. Fato confirmado também por Munira (44), Yara (17), e Jawad (42 anos). Aqui a solidão garante liberdade.

Para Malak, os homens seriam mais fofoqueiros, mais controladores da vida alheia. Jessica assume que o problema dos comentários negativos sobre as pessoas é que nunca o nome de uma pessoa vem sozinho, sempre vem acompanhado do nome do pai. Malak diz que esse comportamento não se reproduz no Líbano, pois lá a necessidade de controlar a observância dos costumes libaneses

não existe, pois todos são libaneses. Munira discorda disso, enfatizando que muitos são os temas de fofocas, muito além da conduta com relação a cultura/religião: o dote de uma moça, por exemplo é de conhecimento de todos, sobretudo se a família dela pede o pagamento antes do casamento, ou se um marido não o paga para a esposa. As heranças também foram exemplificadas como temas que podem gerar mexericos, bem como o poder aquisitivo das pessoas entre outros.

Neste momento, a fofoca e o controle das regras retomam o país de origem num ambiente diferente. Por isso, não se pode deixar de reiterar que as entrevistadas se sentem mais brasileiras longe dos libaneses, por não se sentirem vigiadas, controladas, ou forçadas a assumirem o tempo todo a identidade e os costumes libaneses. Este espaço de não-enraizamento torna-se, assim, também um espaço de improvisação social, de individualidade além da comunidade, de vivência em 'solidão'.

Bhabha (2007) reforça ainda que o espaço no entre-lugares não é de pluralidade, mas sim de duplicação, no qual a imagem, o signo suplementa e esvazia a natureza da nação. Por isso, as políticas deveriam ser de diferenças e não plurais, ou seja, não deve haver múltiplas políticas, mas uma que respeite as diferenças, o dual. Esse espaço deve oferecer, segundo Bhabha (2007, p. 218), uma narrativa característica da racionalidade política moderna: “a integração marginal de indivíduos num movimento repetitivo entre as antinomias da lei e da ordem. É do movimento liminar da cultura da nação – ao mesmo tempo revelado e unido – que o discurso da minoria emerge”.

Munira (44 anos) explica que as vezes ela tem a sensação de estar no próprio Líbano quando está em Foz do Iguaçu: “em cada esquina tem um shawarma, mercadinhos com letreiros em árabes, lojas, escolas, mesquitas. Eu adoro isso, parece que estou no próprio Líbano, isso porque o povo de Foz, os árabes, faz com que a cultura apareça em muitos aspectos”. Ela continua contando que foi morar em Foz justamente para ter contato com a cultura árabe juntamente com os pais e os 4 irmãos, bem como uma tia e sua família. Manter a cultura é uma coisa importante para ela. Ela explica ainda que mesmo que ninguém em casa observe o jejum de ramadã, para não quebrar a tradição, todos se reúnem com amigos ou familiares

para o jantar de ‘quebra do jejum’ durante o mês de Ramadã. Nestas situações se reproduzem no cotidiano não a solidão, mas a solidariedade da comunidade.

Malak (17 anos) explica que muitas vezes ela sentiu revolta por ser filha de libanês, pois sempre achou que a vida dos brasileiros era mais fácil e sem proibições, explica que teve um período em que a frase ‘se eu fosse uma brasileira...’ virou um bordão comumente acionado nas discussões com os pais, mas agora ela não questiona mais, pois sabe que sempre vai receber a resposta ‘não’, ela diz: “os meus pais não vão mudar, nem eu. Mas eu vou levando...”.

Muitos foram os entrevistados que comentaram que no círculo de amizades têm amigos brasileiros e árabes, e que praticam atividades de lazer com ambos, mas atividades diferentes com cada um dos grupos, com os libaneses via de regra as atividades são mais restritas à casa, como visitas, churrascos, refeições ou jogos de baralho com narguilé. Os homens ainda agregam o futebol como um passatempo bastante usual entre libaneses. Com os brasileiros as atividades são mais relacionadas à vida noturna. Para essa última, não raro reúnem-se brasileiros e libaneses.

Em todos os casos, os entrevistados vivem a vida na fronteira cultural, numa rotina. A dualidade entre a cultura brasileira e a cultura libanesa é uma missiva constante. Há que se concordar com Bhabha de que não se trata de pluralidade, mas sim de dualidade: não se é o tempo todo brasileiro-libanês, mas sim às vezes se aciona a cultura brasileira e aí também se aciona essa identidade; e outras vezes a cultura libanesa é trazida a tona e então a identidade libanesa é acionada. No máximo o que se pode encontrar, seria em alguns momentos uma cultura de transposição, mas não plural ou hifeinizada.

No jogo da (in)visibilidade reside a construção de imagens e imaginários acerca de um grupo. O grupo se forma mediante uma imagem que dá a si mesmo, mas que também pode ser fruto dos apontamentos dos outros. Por isso, não se pode dizer que a imagem representada sempre é a imagem que se desejou pelo próprio grupo. Neste sentido, compreende-se que a construção da imagem e da comunidade podem ser expressões da relação social no país de imigração. Muitas vezes, inicialmente faz alusão à ‘terra de origem’ (por serem estes os referenciais

conhecidos e dominados). Todavia, considera-se que estas imagens iniciais podem ser modificadas ou escondidas com o tempo, seja por proteção do que se considere puro ou sagrado, seja por defesa do olhar julgador alheio, representando na sua forma um processo de adaptação de um grupo de imigrantes por meio de um imaginário forte.

Alguns atributos que os entrevistados deram ao ser libanês, ou características podem ser listados: religiosidade, valorização da família, trabalho, polidez, união, respeito aos mais velhos, hospitalidade, bons comerciantes, honestidade, não são gente preconceituosa, apreciador de boa gastronomia, e importância de estudar e falar outros idiomas. Essas seriam as autoimagens deles por eles mesmos. E não foi sem orgulho que mencionavam essas características, mencionando que os pais sempre insistiram para que tomassem esses atributos para si. O ser libanês para eles é algo quase heroico, e sem dúvidas, uma fonte de orgulho próprio, um processo de luta, onde se negocia na fronteira, a imagem para construir via de regra a vida normalizada. Chama atenção que muitos desses valores não são necessariamente étnicos, mas aparecem também entre outros grupos da sociedade brasileira mostrando a temporalidade do processo de integração mediante negociação permanente.

Ao questionar o que em Foz do Iguaçu pode ser considerado marco da identidade libanesa as respostas variaram também: mesquita, mulheres cobertas, gastronomia, comércio, a língua falada e escrita, a união, e etc. E aqui se pode observar a auto-imagem que eles acreditam que seja visível aos outros.

Ficou claro que os entrevistados compreendiam muito bem a diferença entre ser libanês e o que da libanesidade é exposta aos não libaneses. Ao passo que os elementos-marco da identidade libanesa que creem serem visíveis aos outros são de fácil percepção, os elementos que compõem o ser libanês só podem ser vistos de perto, com o convívio. Daí talvez venha, em partes, o sentimento de não serem compreendidos ou profundamente conhecidos pelos não libaneses que muitos entrevistados comentam.

A partir da reflexão do provisório versus o permanente no processo da migração a imagem mostra-se como um elemento fundamental de âncora, mesmo

sendo libanês depois de tantos anos fora do Líbano. Questões análogas foram feitas em relação aos Argelinos por Sayad (1998). Para o autor a imigração traz contradições: como continuar sendo argelino estando há anos na França ou como ser muçulmano em um país cristão. Também pergunta pelo como manter suas raízes, se sua família já está consigo na França.

Consequentemente a imigração pode ser, frente a essas questões, a fonte de suas angústias e desgraças. Ao refletir com Sayad (1998), isso é o jogo entre o lado provisório, de direito, e o permanente, de fato, que oscilam na vida do imigrante. O curioso é que o Estado nacional receptor fortaleça quase sempre o provisório. Os migrantes, contudo, tornando-se nacionais ou continuando como estrangeiros, mesmo se desejarem estar para sempre no país estrangeiro, se sentem 'estrangeiros', mas afirmam sua nova nacionalidade.

Vivem assim, uma ausência, que se expressa na provisoriedade imaginária. Seus sentimentos conflitantes entre provisoriedade e permanência são constantes. Mas, em se tratando de indivíduos, a questão para a comunidade torna-se complexa na sua dualidade entre a provisoriedade e a permanência. Esta situação torna-se um fato social novo: forma-se assim a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu, que não tem nada de provisória, mas cujo o incessante fluxo de vindas e idas para o Líbano fortaleça e confirme o sentimento consciente de libanesidade entre os filhos. É bem verdade que isso pode se afrouxar com o passar das gerações, mas a imagem sempre é renovada com os novos imigrantes que chegam, assim a comunidade está na cidade para ficar, de forma indelével. A produção da imagem torna-se uma nova 'Terra Natal' reconstruindo na sua diferença no Brasil. Por isso, em Foz do Iguaçu, os libaneses se sentem confortáveis e a vontade para organizarem-se em comunidade e manifestarem sua cultura. Alguns, como já mencionado, dizem que estar em Foz é a mesma coisa de estar no Líbano de tantos libaneses que tem na cidade e tantas são as manifestações e possibilidades da identidade cultural.

Contudo, a angústia dos pais em relação à educação dos filhos é muito grande. Não foram poucos os entrevistados que relatam terem ido passar uma temporada no Líbano com a finalidade de aprender a língua e a cultura. É o caso de Jawad (42 anos); Yasmine (45 anos); Angélica (26 anos); Ahmad (31 anos); Josiane (28 anos); Latif (24 anos); Ronaldo (32 anos) e Najjar (33 anos). Outros

manifestaram excessivo cuidado dos pais para que os filhos mantenham os costumes, e isso se viu em detalhes das conversas, principalmente com as entrevistadas: ‘meu pai não gosta que eu use roupa curta’; ‘não posso sair para a balada’, ‘meus pais não me obrigam a casar com libanesa, mas sei que é o que eles querem’; ‘ah, eu não posso casar com brasileiro, minha família jamais aceitaria’; ‘minha mãe pega no meu pé para eu jejuar’; ‘moça libanesa tem que ser prendada, feminina e hospitaleira, as vezes em casa é uma discussão só por que não quero lavar a louça, ou não comporto dessa forma’; ‘se eu tiver um namorado, sei que é para casar’; ‘eu tenho trinta anos e ainda peço para a minha mãe se posso sair a noite, e surpreendentemente as vezes ela não deixa!’. Assertivas como essas revelam que o controle da família sobre o indivíduo confirma a coesão da comunidade, mas ele é exercido em diferentes sentidos, mesmo gerando conflitos entre filhos e pais.

Do lado dos pais as perspectivas são assim:

Eu faço um esforço para ensinar a cultura e os valores árabes para os meus filhos, mas é cada vez mais difícil em função do volume de informação a que eles têm acesso e a abertura que existe para as crianças, isso faz com que muitas vezes eles neguem o que queremos ensinar. (KARIM, 44 anos, descendente).

Meu pai tentava preservar a cultura libanesa em casa, e hoje eu faço igual. Tento manter a cultura árabe em casa, a religião, gastronomia, língua até a decoração da casa é árabe com objetos trazidos do Líbano: quero ter um pedaço do Líbano aqui no Brasil (AMANI, 40 anos)

Eu nunca pensei em levar meus filhos para serem educados no Líbano, pois nunca quis que eles vivessem os horrores as privações das guerras, como eu vivi. Aqui os meus filhos levam uma vida leve, leve como os brasileiros. Isso para dar educação. Mas para dar cultura é outra coisa... Eu sofro muito, pois quero viver como vivia no Líbano, e isso não tem como. Eu já entendi isso, e acho que algumas coisas acabamos tendo que soltar, mas meu marido não entende, ele não entende mesmo. (NADIA 38 anos)

Minhas filhas não falam árabe! E eu acho muito difícil cria-las no Brasil, até já pensei em envia-las para o Líbano, pois lá as crianças são orientadas para respeitar os familiares, os vizinhos, a comunidade. Elas falando árabe se adaptam melhor a esse sistema. A língua faz com que as pessoas se

sintam mais compreendidas e ela exerce um peso cultural, não pela língua em si, mas pela formação cultural decorrente da língua. Acho que se minhas filhas falassem árabe, eu teria mais autoridade como pai, poderia explicar melhor para elas como a vida deve ser vivida. (ABBAS, 52 anos).

As colocações mostram que problemas sociais da sociedade brasileira em geral, como mudanças da autoridade, falta de coesão social, uma libertinagem excessiva, acham seu contraponto nos discursos dos pais na imagem da cultura natal. Isso os leva ao sofrimento, principalmente causando conflitos dentro do grupo. Os que imigraram desejam manter um passado cultural em terras estrangeiras, os nascidos nestas terras desejam ser aceitos na sociedade de nascimento, não querem ser rejeitados, nem aqui e nem lá.

As tensões são duplas. Quando se retorna à terra natal os emigrantes sofrem a pressão do grupo de parentela para que os costumes sejam mantidos, e até reformulados porque já se distorciam: língua, comida, religião, casamentos, etc. Mas como mantê-los sob tanta pressão externa no país receptor?

“Divididos em “duas vidas impossíveis”, os emigrantes estão destinados a tornar, como se diz, seja sua vida e a dos outros “impossíveis”. (...). Assim, o resultado é uma migração permanente, que causa infelicidade um ao outro e um sentimento de culpa” (SAYAD, 1998, p. 229 com grifos do autor). Essa situação de dúvida e sofrimento, segundo Sayad (1998), se dá por terem os imigrantes um sistema de referência duplo e contraditório, uma situação ambivalente que nenhum sistema hegemônico permite. O imigrante luta para manter sinais de sua cultura no país estrangeiro, para criar uma marca que os distinga como tal, mas cada adaptação forçada dele no país receptor o faz renunciar a essas marcas – deixando pairar a ideia de uma forma de traição ou negação de si mesmo e a si mesmo. A reação é o mantimento de uma imagem vaga. Acerca desta questão, Said (2004, pp 206-207) em suas memórias intituladas “Fora de lugar”, na qual ele descreve sua trajetória pessoal errante por diferentes países, desde criança, comenta sobre um episódio ao ingressar em uma nova escola nos Estados Unidos:

Com esse começo na América, decidi viver como se fosse uma alma simples e transparente e falar sobre minha família ou minhas origens somente o que fosse perguntado, e ainda assim de modo escasso. Em outras palavras, tornar-me como os outros, tão anônimo quanto possível.

Era muito marcada a cisão entre o 'Edward' (...) meu eu público e exterior, e as metamorfoses indefinidas, irresponsáveis, fantasiosas e turbulentas de minha vida privada, interior. (grifo do autor).

Ainda em outro trecho Said (2004, p. 321) desabafa: “não há em minha vida nenhuma característica mais dolorosa – e, paradoxalmente, buscada – que os muitos deslocamentos entre países, cidades, domicílios, línguas e ambientes que me mantiveram em movimento todos esses anos”.

Compreende-se que a situação de Said é bastante particular, mas muitos são os autores que tratam a imigração como um fardo ou uma fonte de desgostos. Não foi o que se percebeu com os entrevistados, pode-se assumir que a vida dos libaneses em Foz do Iguaçu é em certa medida uma reprodução da vida no Líbano, a partir dos fragmentos da vida libanesa que trouxeram e acionaram no Brasil, consciente ou inconscientemente – principalmente se se considerar pequenas cidades e não a capital. Mas o choque provocado pelas diferenças culturais e o contato inevitável com o outro leva sim a preocupações com a educação dos filhos. Determinar o limite ou o equilíbrio entre o ceder e o recusar pode ser ainda o grande desafio dos imigrantes. Sem embargo, essa determinação de limite ou de equilíbrio não impede que se construa/constitua marcas identitárias e identidades libanesas em Foz do Iguaçu, ao contrário, força a todo o momento, por meio do contexto de diferença, a criação de marcas únicas para os envolvidos nesse processo.

4.4 Transmissão e Recepção da Identidade Libanesa

Os valores e os costumes que os meus pais fizeram questão de ensinar para a gente... Essa é uma pergunta que demanda muita reflexão hein?!... Eu me sinto 100% árabe. E eles – os meus pais – nunca ensinaram o que pode e o que não pode. E como em Foz a cultura – árabe – é muito forte, acabou criando de forma natural esse vínculo com a cultura árabe. Mas eu acho que isso vai acabar morrendo com a minha geração, em função de como somos criados. Nós éramos as diferentes do colégio e até hoje me sento diferente. Mas nunca ninguém me falou que eu não poderia usar um short curto, mas no meu meio ninguém usava e eu também passei a não usar. Mas geralmente na adolescência se vivem conflitos. Até hoje as moças árabes crescem sem uma identidade, não sabem quem são. Não são brasileiras, mas, não podem ser árabes, porque não se consegue viver a cultura árabe 100% estando em um país diferente. Elas fazem coisas que as brasileiras fazem, mas tem coisas que eu não faço. E eu me sinto mais

brasileira do que libanesa mesmo assim. Com quase 30 anos eu já resolvi os conflitos. Mas quando era adolescente eu me incomodava, sobretudo com relação à vida noturna. Eu acho que os meus pais plantaram a raiz do arabismo e eles também aprenderam a lidar com a liberdade dos filhos. Eu nunca foi reprimida, os meus pais sempre tentaram aceitar a minha personalidade, e eu sempre questioneei e impus. Mas eu acho que com as moças isso é mais forte, essa crise sabe? Para os rapazes a liberdade é maior.

Imagine o que é ter 14 anos e toda a turma ir para a balada e eu só poderia ir se fosse com o meu irmão. Eu era bem protegida e acho que ainda é assim: sempre as moças estão cercadas pelos primos e amigos, para proteger, cuidar. A vida noturna foi a única parte que eu questioneei. Era a única coisa que não poderia esconder dos outros colegas, havia coisas que eu não poderia fazer, mas que fazia: fumar um cigarro, tomar uma cerveja com os amigos. Coisas mais fáceis de serem feitas. O mais chato era não poder acompanhar na balada. Sempre me sentia de fora. No colégio, havia muitas árabes, havia uma brincadeira de dizer que nós éramos 'as intocáveis'. Não me incomodava com a brincadeira. Mas uma coisa boa de Foz é o fato de que eu não fui a única a viver isso, sempre tinham várias comigo, na mesma situação. Esse 'sofrimento' era apoiado nas outras. Enquanto todos iam na balada eu me reunia com as amigas em casa. Isso na década de 1990. Hoje as minhas primas mais novas não são assim: a ideia muda. As minhas primas vão para a noite, isso em função de os pais serem mais jovens, terem sido criados como eu, por terem vivido esses mesmos conflitos. E a tendência é essa cultura diminuir. Eu ainda não sei como vai ser com meus filhos. Mas a tendência é os pais serem mais maleáveis. (JOSIANE, 28 ANOS)

Comumente, parece ser um fato dado que a perpetuação de uma identidade e uma cultura imigrante pode esmorecer com o tempo e o crescer das gerações nascidas no país anfitrião. Contudo, no que tange à comunidade libanesa de Foz do Iguaçu, se faz necessário acionar as ideias centrais dos conceitos de comunidade diaspóricas mostra no detalhe algumas diferenças.

Apesar das múltiplas pertencas, a base solidária ente os membros da comunidade fortalece a lealdade para com a comunidade tanto via as organizações no país anfitrião como pelo contato contínuo com o país de origem. Nesse sentido, as redes sociais transnacionais e o número de pessoas suficientes para sustentar instituições no país anfitrião permite uma organização social que não necessariamente precisa abdicar da sua identidade própria para fins da integração.

A comunidade estudada parece atender plenamente a este predicação. Assim, a transmissão da identidade libanesa para as gerações nascidas no Brasil não é desconectada dessas propriedades que cercam o conceito de diáspora. O caráter diaspórico da comunidade lhe marca com intensidade tal, que garante que

os valores considerados pelos pais como fundamentais para a constituição da libanesidade sejam perpetrados e os que não são tão valorosos, vão para o rol dos negociados. De modo que mesmo que alguns membros da comunidade acreditem que as coisas podem se perder ao largo do tempo, e eles estão corretíssimos nessa assertiva, a identidade libanesa só se perderá por completo se antes disso o caráter de comunidade diaspórica se dissipar.

Tratando dos bairros negros na Grã Bretanha e dos fortes elos de negros com sua terra natal, Hall (2003, p. 26) explica que seus elos permanecem fortes porque “comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada – como rede e local da memória – constitui um canal crucial entre os dois lugares”. Para tal, os barbadianos, tratados como exemplo na reflexão,

têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é a terra de origem e tentado preservar uma identidade cultural barbadiana [...]. O que sugere que, entre as chamadas minorias étnicas na Grã Bretanha, aquilo que poderíamos denominar identificação associativa com as culturas de origem permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de identificação. A força do elo umbilical está refletida também nos números crescente de caribenhos aposentados que retornam. (HALL, 2003, p. 26).

Muitos foram os entrevistados no caso estudado, que têm um elo físico forte com o Líbano, visitando-o sistematicamente ou mesmo declarando-se libanês mesmo tendo nascido no Brasil. Outros mantêm esse elo por meio do respeito que guardam pelo país de seus pais, ou mesmo pelo próprio país. Mesmo que o retorno efetivo para o Líbano não seja ainda uma realidade nem para imigrantes tampouco para descendentes entrevistados, essa é uma ideia presente em muitas entrevistas.

Karim (44 anos) visitou o Líbano aos 40 anos de idade, e comenta que antes dessa viagem sentia um peso muito grande por não haver visitado o país de seus pais, mesmo achando que não tinha vínculo algum com o país. Ele relata que quando chegou ao aeroporto de Beirute teve a sensação de estar ‘no colo da mãe’, diz isso com lágrimas nos olhos. Karim agora planeja a viagem de seus filhos, disso ele faz questão, pois mesmo que tenha apenas duas tias lá ainda, ele sente uma ligação muito forte com o lugar propriamente dito, e não com a família diminuta que lá ficou.

Para se compreender esta construção do local da cultura (que se estabelece além da vivência comunitária da família, mas dentro dela) deve-se compreender que a heterogeneidade não é um produto do outro, mas sim uma relação com o outro que está numa fronteira contida dentro do próprio território (nacional). Assim, as minorias étnicas se estabelecem dentro de uma nação, sendo diferentes, e lá (re)constroem sua própria história e geografia seu. As gerações descendentes formando um grupo de outros para a nação: o seu ser minoria, estranho, de fora subsista, assim a hegemonia nacional, e assim lá estão, com seus filhos e netos, dispondo naquele espaço-nação de suas manifestações, produtos e ações culturais.

Para Ykegaia (2006), apoiada em Said, os imigrantes são sempre de fora, sempre se sentem órfãos de uma cultura e de um lar. Nesse sentido, passam a (re)construir sua identidade resgatando elementos que serão posteriormente afirmados pelo grupo social ao qual pertencem, na intenção de sanar essa orfandade. Sem embargo, quando esse sujeito imigrante que abandonou sua terra natal e alguns de seus costumes decide retornar, nem sempre deixa de ser i/emigrante, porque já passou a incorporar novas formas de pensar e agir sobre o cotidiano, o que o faz uma figura excepcional de ambos os lados, dando assim visibilidade pelo diferente dentro de si mesmo. Isso pode fazer com que seja sempre alguém fora de contexto, sempre um diferente, alguém que provou o distinto. Dessa forma, o processo e os impactos de ordem cultural de i/emigrar não podem ser revertidos. “As marcas deixadas pela imigração, incontáveis e inevitáveis, conscientes ou inconscientes, estarão presentes [...] nessa tentativa de reintegração à terra natal. E o que dizer [...] dos filhos de imigrantes, que se criaram entre as duas culturas [...]” (OSMAN, 2006, pp 12-13).

Os imigrantes entrevistados se dizem muito a vontade vivendo no Brasil, e sendo brasileiros de documento e sentimentos. Não pensam em retorno, como já explicado. Contudo, ao serem perguntados se as pessoas os identificam como ‘árabe’, ‘libanês’, ‘turco’ ou ‘brimo’ tanto imigrantes como descendentes alegam serem rotulados em algum momento por esses denominadores. Claro, nem sempre levam essa rotulação com tranquilidade, pois muitas vezes observam certa hostilidade no emprego dos termos. Mas isso serve para demonstrar como aquele que por algum motivo se diferencia na sociedade brasileira passa sim a ser rotulado,

marcado e conseqüentemente, passa a ser outro. Os libaneses em Foz do Iguaçu não se excetua dessa marca da sociedade brasileira. Isso quer dizer, uma vez mais que integração imigrante também diz respeito a como os nacionais vêem os estrangeiros e os tratam – é uma via de mão dupla. Nesse sentido, pode-se perceber que estudar e discutir a identidade cultural imigrante não é missiva simples, pois o tema conjuga um complexo grupo de implicações a serem consideradas, geralmente superando categorias binárias.

Para Hall (2003, p. 33), precisa-se superar primeiro um conceito fechado de diáspora apoiado em uma concepção binária de diferença, fundado em uma fronteira excludente que depende da formação de outro e de uma forte oposição entre o que está dentro e o que está fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural diaspórica requerem também uma configuração de diferença, mas de uma diferença que não se processa por meio de binarismos ou fronteiras veladas que separam finalmente, mas com significados que são fontes de relação. “A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. [...] Sempre é o deslize inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado” (HALL, 2003, p. 33). Hall (2003) opina que esta semiose faz o imigrante ganhar visibilidade em uma zona de contato. Na cultura metropolitana dominante, por exemplo, isso se dá por meio da transculturação de grupos marginais ou subordinados, minorias.

Ao andar por Foz do Iguaçu se vêem muitos restaurantes libanês, expondo seus espetos de churrasco grego (shawarma) na calçada; eles estão sempre cheios de turistas e não árabes. O mesmo se vê nas doçarias. Nos salões de beleza que fazem depilação no método árabe (linha) o quadro se repete. São esses alguns exemplos de apropriação de bens culturais libaneses na cidade por não árabes. Outros certamente existem.

A visibilidade e a acessibilidade de alguns elementos libaneses em Foz do Iguaçu é um motivo de satisfação para muitos entrevistados e para outros até de orgulho. Não há nada relacionado à cultura libanesa que eles gostariam que fosse ocultado da sociedade iguaçuenses em geral, ao contrário: gostariam que outras coisas mais fossem visíveis. Dessa forma, a constituição de comunidades imigrantes em um novo lugar leva à construção de expressões culturais (imagens) a partir das

vividas em seu país de origem, imagens que sofrem mudanças pela inclusão de novos saberes e fazeres. Mas nem por isso, essas novas manifestações podem ser consideradas inautênticas, pois revelam um novo cotidiano permeado de um velho cotidiano.

Esses processos se fazem presentes nas comunidades étnicas em diversas cidades como Londres, Paris, Nova Iorque, São Paulo e Buenos Aires, por exemplo, mas também em centros menores. Assim, aparecem imagens étnicas no Brasil em Caxias do Sul (RS) e Jundiaí (SP), só para citar alguns, que manifestam uma forte italianidade, Londrina (Pr) que conta com expressiva niponicidade, Prudentópolis (Pr) com a ucranianidade e finalmente Foz do Iguaçu na sua arabicidade/libanesidade. Essas novas construções culturais podem ser interpretadas como tentativas de manutenção dos antigos usos e costumes, em conciliação com a nova situação, como uma forma de tentar manter vivo o legado cultural e identitário, transmitindo para as novas gerações nascidas no país receptor esses saberes e buscando garantir que não se percam no tempo e no espaço.

Uma das formas de lutar pela manutenção de uma cultura e o fortalecimento de uma identidade cultural, sobretudo étnica pode ser exemplificado no casamento endógamo do grupo. Quando questionado aos imigrantes se permitiriam que seus filhos se casassem com não libanês, não árabe ou não muçulmano, as respostas foram corteses no que tange a vida dos filhos do sexo masculino: eu preferiria que ele se casasse com uma libanesa, ou muçulmana, mas no final é uma escolha dele. Mas no que diz respeito às filhas, os pais foram reticentes em afirmar que teriam que se casar com muçulmano observando um preceito religioso que diz que o homem muçulmano pode casar-se com qualquer mulher de religião do livro (judia, cristã ou muçulmana), mas a mulher só pode se casar com muçulmano, isso porque segundo o islã é o pai quem transmite a fé aos filhos e filhas.

Os descendentes lançaram respostas diferentes a essa pergunta, algumas moças não pensam em se casar com um não muçulmano outras preferem que o marido o seja. Os rapazes claramente usufruem dessa prerrogativa que a religião lhes dá e todos concordam em se casar com uma não muçulmana. Muitos alegam que casar-se com um não muçulmano seria uma questão intensa a ser debatida e

negociada com os pais, contrariando o que os imigrantes diziam ser uma decisão dos filhos.

Os entrevistados, maneira geral, concordam que casar-se com um membro do grupo (libanês e muçulmano) facilita a vida em família, tanto na educação dos filhos como nas relações com a família ampliada. Eles creem que a vida pode ter menos sofrimento com uma cultura apenas em casa.

Para tal, Ahmad (31 anos) ao ser questionado sobre a possibilidade de se casar com uma não libanesa, não árabe ou não muçulmana responde:

Eu não sei o que pode acontecer no futuro, mas o casamento é uma escolha na qual deve haver muito mais respeito do que amor. É um compromisso um projeto de vida. Eu tenho opção, mas acho que com uma árabe as coisas seriam mais fáceis. Justamente por prezar a família que vou constituir e o relacionamento dessa família com o restante da minha família. Entre os árabes, não tem separação ou muito espaço para individualidades: a minha esposa vai ser como uma filha para o meu pai. Há uma aproximação muito íntima entre os membros da família (ampliada), e se eu me casar com uma libanesa isso vai ser mais fácil de ela aceitar, porque ela já está acostumada a isso.

Ao passo que Ahmad diz ter escolha, entre casar-se com uma libanesa ou não, sua irmã Angélica (26 anos) diz que se quisesse casaria com um não libanês, não árabe ou não muçulmano, mas isso seria uma intensa fonte de conflito com os pais.

Outras respostas de irmãos:

Bassan (28 anos) diz simplesmente se casaria com uma não libanesa, não árabe ou não muçulmana porque sua religião lhe permite isso; sua irmã Malak (17) responde com certo susto à pergunta “essa questão nem se discute na minha casa!”.

Em termos de confronto geracional de respostas para essa pergunta:

Yara (17 anos) diz que não se casaria com um não membro da comunidade. Sua mãe, Munira (44 anos) rebate que ela própria sendo nascida no Brasil, hoje não se casaria com um não membro da comunidade, mas quando ela se casou isso era menos relevante por que ela não vivia no meio árabe como vive agora. Ela opina

que “se não for libanês o casal não dança no ritmo da mesma música, e isso não quer dizer que eu tenha preconceito contra quem não é árabe”. Conclui explicando que se os filhos quisessem casar com uma brasileira, eles que se casassem sem problemas; mas a filha não “conhecendo minha filha eu sei que ela não seria feliz completamente com um marido não árabe”. A filha arremata “por isso nem penso na ideia...”.

Latif (24 anos) responde de forma bastante tímida que nem pensa em se casar para não vivenciar esse tipo de discussão em casa, explica que não casar-se é uma opção na casa dele, mas não em todas as casas de libaneses. Ao seu turno, sua mãe, Jumanah (62 anos) explica porque prefere que seus filhos se casem com muçulmanos “uma família tem que ter uma só religião em casa”.

Pode-se perceber que a despeito das (im)possibilidades que a religião dá, a questão é controversa entre pais e filhos; e homens e mulheres. Mas percebe-se um esforço generalizado em manter o discurso da liberdade dos filhos versus a necessidade de negociação com os pais, para em termos conclusivos casarem-se quase sempre dentro do grupo. Isso se dá, para além das obrigações religiosas, em razão de seu grupo de amigos e relações acompanharem essa tendência, consciente ou inconscientemente.

A questão do uso da língua parece ser fundamental para os entrevistados no que tange ao manutenção da identidade libanesa, transferência para as novas gerações e inserção/pertença ao grupo. Os descendentes afirmam algumas vias de acesso para aprender a língua: em casa; em cursos particulares; estudando em escola árabe tanto em Foz do Iguaçu como na vizinha paraguaia Cidade do Leste; e ainda temporadas no Líbano com essa finalidade. A importância da língua escrita está intimamente ligada à religião e suas práticas²¹, no que diz respeito aos muçulmanos. Falar e ler em árabe é também sinal de possibilidade de compreender amplamente o Corão e todas as manifestações religiosas.

²¹ A língua árabe é a língua oficial do Islã, o livro sagrado, o Corão, só tem esse caráter se for escrito em árabe, do contrário trata-se apenas de uma tradução sem ser considerado sagrado. Da mesma forma, as orações diárias também são proferidas sempre em árabe, o chamamento para as orações, e outros. Isso ainda sem mencionar em detalhes as diferentes formas artísticas, relacionadas à religião, do uso da língua escrita.

No âmbito da sociabilidade o uso da língua falada, sobretudo, é fundamental, pois se por um lado todos os entrevistados mostravam pleno domínio da língua portuguesa, se diziam muito mais confortáveis usando o árabe no dia a dia. Os fortes vínculos com a língua fazem com que se sintam membros de uma comunidade, com que tenham elos de identificação com outros árabes e com isso tudo lhes confere sentimento de pertença.

Uma revisão do conceito da cultura dos imigrantes, fornecida por Cuche no contexto francês (2002), demonstra a ambiguidade entre preservação e integração. Quando, nos anos setenta, o termo cultura de imigrantes foi cunhado na França, o governo francês deu-se conta de que os imigrantes não iriam retornar a seus países de origem, mesmo com a crise de desemprego, e seria necessário organizar atividades para que estes aprendessem a cultura francesa, e ao mesmo tempo os franceses pudessem conhecer a cultura dos imigrantes. Com este ato, o governo marcava os imigrantes como não integrados na cultura francesa, como sendo os outros. Para os franceses, os imigrantes no imaginário da sociedade receptora eram ainda, em grande parte, representantes fiéis da cultura de seus países de origem, utilizando, perigosamente para o nacionalismo francês, a cultura de origem como sinônima de cultura nacional. Nesta situação, a cultura nacional de origem passa a ser observada como imutável, para que se entenda que um sujeito que mesmo depois de anos fora de seu país de origem pudesse ser o representante da sua cultura nacional.

Mas,

apesar de seus esforços para continuarem fiéis a sua cultura, os imigrantes estão sempre defasados da cultura que se estabelece depois de sua partida. Este é, aliás, um dos maiores problemas no regresso dos imigrantes a seu país: eles não o reconhecem mais, devido a suas mudanças, geralmente mais no aspecto cultural do que material” (CUCHE, 2002, p. 229).

Ora, com isso se pode pensar que o uso da língua e toda a importância que esta tem para a cultura árabe/libanesa e para a religião islâmica, é em certa medida um esforço para se manter em contato e ser parte do que ficou, do Líbano ausente. É uma forma não apenas de constituir uma fronteira cultural em Foz do Iguaçu, mas

também de ao chegar no vilarejo libanês de origem, sentir-se um pouco mais a vontade com os seus e fazer com que seus filhos sejam reconhecidos como pertencentes àquela terra.

Acerca dessa reflexão de Cuche, ainda, muitos entrevistados, principalmente, descendente exclamam como o Líbano é moderno e as pessoas de lá acompanham essa modernidade cultural em comparada com os seus pais e parentes vivendo no Brasil. Mesmo que essa modernidade esteja limitada basicamente aos usos e costumes e não necessariamente a tecnologia que cerca a vida, ou ainda que isso seja um comportamento específico da capital e/ou outras cidades grandes do país, quedando o interior e os vilarejos ainda parados no tempo: O arquiteto Jawad (42 anos) explica que

Beirute é muito evoluída, em todos os sentidos. A arquitetura é mais arrojada, a cultura idem, o ensino da arquitetura lá é de vanguarda. O apartamento da nossa família é de 1980 e tem coisas que agora viraram tendência no Brasil como janelas de alumínio, ou o estilo high low (toques modernos com outros tradicionais). As coisas lá são sofisticadas, existe *misancene* para tudo. Isso pode ser em função da influência francesa, ou porque eles viajam muito lá e têm uma boa visão do mundo. Beirute é como Buenos Aires: sofisticada, gentil; é também como uma mescla de Rio de Janeiro com São Paulo: ritmo acelerado de trabalho e boemia; mas as pessoas gostam de sentar em cafés como em Paris.

Outros entrevistados aludem à essa modernidade no comportamento das pessoas em comparado com os seus pais radicados em Foz do Iguaçu, principalmente na liberdade das moças em saírem para a noite.

Dessa forma, Cuche (2002) analisa a cultura dos imigrantes como móvel, mas definida pelos outros, e não pelos seus sujeitos principais. Apenas de forma folclórica, os imaginários ganham visibilidade se transformando em imagens: porque fora de seu contexto social, muitos elementos culturais perdem sentido e até mesmo se tornam anacrônicos. Assim, a imobilidade das imagens culturais na cultura expatriada surge em função do desligamento espaço-temporal da comunidade étnica da sua origem. Dificilmente seria transmissível à geração seguinte na sua função real, mas mesmo assim os imigrantes se apoiam a estes fragmentos de cultura justamente porque estes lhes permitem assegurar uma identidade própria diante dos desafios do ser diferente da cultura nacional. Por meio disto, é possível

que os imigrantes tenham alguma coesão no grupo. Nesse entendimento, os imigrantes desenvolvem uma cultura sincrética, apesar de esta estar baseada em imagens puras da cultura de origem. Este sincretismo é verdadeiramente contraditório, porque o novo se dá em torno do que o grupo considera o cerne da cultura de origem para o manutenção da identidade coletiva.

4.5 Visibilidade e Invisibilidade da Libanesidade em Foz do Iguaçu

Eu acho que o aspecto da cultura libanesa mais visível aqui em Foz é a Gastronomia: shawarma. Antes era o comércio, agora não tanto, no Paraguai isso é mais flagrante. Mas eu acho que é bom as pessoas apreciarem a comida árabe. As pessoas (iguazuenses, brasileiros) comem mais shawarma do que os próprios árabes. shawarma no Líbano é comida de rua, igual a pastel aqui, sabe? Mas eu acho sim que a comunidade libanesa é visível à sociedade Iguazuense, sobretudo no centro. A partir da vestimenta das mulheres (*hijab*), os modos (andam em grupo, se vê de longe quem é libanês, o carro é diferente, o celular é o mais moderno e o que toca mais alto. São muito 'pavão') Mas é o estilo deles, no Líbano eles são assim, faz parte deles. Eles só mudaram o endereço quando vieram para cá. Eles não são *lowprofile*, é simpático, o libanês é simpático. É um povo recebe muito bem. Eu não me identifico dessa forma, me qualifico como *lowprofile*. Às vezes eu estou no avião e tem árabes também, eu faço de conta que não sou libanês. Quando sou chamado para esse grupo, eu quero me enterrar em um buraco de vergonha, pois eles são muito espalhafatosos. Os meus primos que moram na Colômbia e na Venezuela se identificam mais com esse estilo espalhafatoso dos libaneses. E os amigos que moram no Canadá são ainda menos aparecidos que os brasileiros, acho que os canadenses são mais 'grunges', mais na deles ainda do que os brasileiros como ele. (JAWAD, 42 anos, descendente).

Já no capítulo anterior, referiu-se ao fato de quem algumas partes da visibilidade libanesa não são necessariamente inteiradas na vida comunitária internados libanesas, mas se mostram abertos ao conjunto geral da cidade de Foz do Iguaçu. Este é um fato que aparece em geral nas grandes cidades do mundo ocidental, quando a presença de diferentes grupos de imigrantes forma uma interculturalidade junto com uma teia de estrangeiros. Alguns destes grupos se relacionam entre si, outros não se conhecem ou não se relacionam.

Geralmente os símbolos dessa visibilidade são restritos e estereotipados ou até 'folclorizados'. As motivações para tal configuração são muitas, a começar pela razão de que por causa das diferentes origens não todos formam uma única

comunidade. Assim, não se pode crer que os estrangeiros se unem deliberadamente, pelo contrário, entre eles também há estrangeirices. Reside, pois, uma necessidade no círculo entre os estrangeiros de realizar pequenas pontes, pequenos contatos com aqueles que o grupo considere como membros iguais: que partilhem a mesma língua, dificuldade, lembranças, anseios, fé. Isto cria processos de ‘purificação’ do imaginário cultural. Por exemplo, para Kristeva, no estrangeiro a religião dos ancestrais se ergue como pura e preservá-la passa a ser uma régia obrigação dos estrangeiros “por falta de solo, enraíza-se no rito até atingir a sua essência, que é o sacrifício” (KRISTEVA, 1994, p. 31).

Mas no que diz respeito ao grupo estudado nesta tese, observa-se que ao pé da letra, o que diz Kristeva não se verifica. Mas se vê uma persistente negociação cultural, a construção de diversas culturas de transposição para poderem se adaptar a vida no Brasil sem deixar de serem libaneses.

Isso por si gera um jogo de visibilidade e invisibilidade: o que mostrar e o que resguardar; como se apresentar para o nós e para os outros; como lidar com a inexorável e perceptível defasagem cultural que separa esse Líbano presente do Líbano ausente? São algumas questões que permearam essa etapa das entrevistas, e que serão tratadas em profundidade agora. Para chegar a essas análises, os entrevistados foram abordados com questões do seu cotidiano, opinião sobre a visibilidade da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu além das formas de se relacionar com não libaneses na cidade, entre outras.

No que diz respeito ao relacionamento entre os entrevistados com os não árabes/libaneses, todos foram unânimes em dizer que se relacionam em alguma medida com brasileiros, seja no comércio, na escola, no círculo de amizades ou quer seja no trabalho. Mas poucos relataram relacionar-se com outros imigrantes, que não sejam árabes ou muito particularmente libaneses.

Jessica e Malak, (ambas com 17 anos) dizem ter um amigo oriental, mas não sabem precisar se ele é chinês, coreano ou japonês. Outros tratam de identificar que se relacionam no trabalho no comércio no Paraguai com paraguaios e chineses. Poucos relatam amizade com outros imigrantes. Isso mostra que mesmo a cidade de

Foz do Iguaçu se dizendo ser a anfitriã de muitas nacionalidades, ao menos os libaneses não se mesclam muito com outros que não sejam brasileiros.

Alguns entrevistados e isso se reproduziu muito marcadamente nas falas dos imigrantes, diziam que todo mundo no Brasil era imigrante, mesmo aqueles que eram netos ou bisnetos de imigrantes. Não raro apontavam a entrevistadora como sendo uma imigrante por ser branca e de olhos claros, apesar de ser bisneta de imigrantes. Yasser (60 anos) explicava para a entrevistadora, usando-a para justificar sua assertiva, que seu filho havia se casado com uma alemã, e detalhava 'alemã como você deve ser italiana, de família né? Mas no fim das contas uma alemã, assim como você é uma italiana²²'. Nisso pode-se perceber uma necessidade grande de se colocar como os nacionais, ora se nesse país todos são imigrantes, então eu sou igual a eles. Uma luta constante, no discurso, de se igualar, de não ser apontado como 'outro', de se mostrar como igual.

Cymbalista e Xavier (2007), ao tratar da imigração boliviana em São Paulo, explicam os padrões de territorialização urbana no enclave étnico: neste enclave se concentram grupos baseados em escolhas voluntárias (esta voluntariedade é marcante especificamente entre migrantes, e supera em muito os movimentos forçados pela tradição dos locais) – como o desejo de constituição de relações de vizinhança, manutenção de elementos de cultura ou religião, etc. Os autores alertam para a existência de enclaves excludentes, como muitos destes enclaves têm a clara intenção da não mistura, do não contato com o outro. Trata-se de um processo de guetoização, mas com claras alusões ao imaginário.

Não parece correto dizer que o que os autores relatam ocorre em Foz do Iguaçu, mas pode-se dizer concretamente que existem muitos edifícios onde moram apenas libaneses, tanto no centro da cidade como em bairros. Alguns desses edifícios foram construídos para abrigar um grupo de família ampliada, são construções que não passam os seis andares, outros são maiores e têm uma disposição e detalhes que agradam aos padrões libaneses de moradia: cômodos amplos – principalmente cozinha e sala de estar, três ou mais dormitórios, banheiros

²² Mesmo após a entrevistadora ter explicado que era nascida no Brasil, e por isso mesmo não era imigrante, e sim bisneta de imigrantes o entrevistado não se convencia de que ela não seria como ele, 'um imigrante'.

dotados de bidê ou ducha higiênica, possibilidade de instalação de muitos condicionadores de ar e etc. Também em alguns bairros vê-se uma forte presença de residências de libaneses, como é o caso dos bairros que ficam nas imediações da Ponte da Amizade (Jardim Jupira e Vila Portes) bem como bairros que estão no entorno da Mesquita e do Husseinye (Jardim Central e Jardim Polo Centro).

Claval (1999, p. 17) assevera que as comunidades fragmentadas estabelecem muitas vezes um centro simbólico próximo (uma igreja, por exemplo) para se congregar nessa imagem cultural, assim, elas

experimentam a necessidade de se fechar em micro-territórios dos quais elas saem somente para realizar o trabalho e as trocas que lhes permitem viver. Elas criam colônia, ou aceitam sem muito sofrimento ser fechadas em guetos, na medida em que estes lhes garantam sua identidade.

Desta maneira, Claval reproduz o ideal comunitário de um grupo étnico, no qual a imagem coincide com a vivência buscando uma grande unidade territorial, transformando o gueto em um pequeno território inviolável da comunidade. Não se pode dizer que os libaneses em Foz do Iguaçu estão encastelados em si próprios, ao contrário disso, frequentam os mesmos ambientes dos não libaneses, seus filhos não raro estudam em escolas não árabes e eles fazem questão de dizer que são bem relacionados na sociedade iguaçuense. Não apenas eles o dizem, como isso é visível para qualquer um que deseje verificar isso: estão em todos os ramos da economia, não raro são líderes de entidades de classe, buscam representatividade política, estampam a miúdo as páginas das colunas sociais – se fazem ver de muitas formas.

Outras questões foram levantadas e que dizem respeito à visibilidade e à invisibilidade da comunidade libanesa, são atinentes à: frequência a estabelecimentos árabes, uso da língua árabe em público, o que lhes parece visível da cultura árabe na cidade e como eles enxergam a visibilidade da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu.

No que diz respeito à frequência a estabelecimentos árabes, todos em alguma medida o fazem, sendo os mais frequentes: açougue, restaurante e doçaria.

Alguns dizem que preferem não comer comida árabe em restaurante por terem essa possibilidade em casa. Outros se queixam de que falta um bom restaurante árabe na cidade, principalmente para levar convidados não árabes (ora, aqui se vê claramente o desejo de presumir o melhor da gastronomia, de seduzir pelo paladar os visitantes). Os açougues são mais frequentados por aqueles que comem carne *halal*. Mostra-se assim que o próprio local étnico reúne a etnia como ambiente geral.

O uso da língua árabe, sobretudo a falada, é considerado muito importante para os entrevistados, inclusive no que diz respeito à inserção no grupo e ao manutenção da cultura/identidade cultural libanesa. Os entrevistados o fazem em qualquer lugar sem restrição, exceção a isso se faz quando algum não falante da língua árabe está junto com os falantes, eles deixam de falar árabe por respeito à essa pessoa. Contudo, os mais jovens explicam que algumas vezes usam a língua árabe para comunicar alguma mensagem que considerem privada, ou para excluir um não falante da língua da conversa.

Sobre a visibilidade da cultura árabe, os entrevistados comentam que o que seria de maior destaque pode ser exemplificado em: a religiosidade expressa de diferentes formas tais como a celebração do Ramadã, as vestimentas das mulheres principalmente; também se destaca a economia: a inserção no comércio e em muitos ramos econômicos da cidade; alguns costumes como o consumo de narguilé; gastronomia; o uso da língua escrita e falada.

Gamal (29 anos, descendente) explica que a união é uma característica cultural libanesa bastante visível aos não árabes, mas lhe parece que união é uma palavra boa, sem embargo essa união dos libaneses não é boa, pois “parece que eles não tem vontade de se relacionar com outras pessoas”. Mas aqui cabe questionar: seria falta de vontade de relacionar-se ou necessidade de tornar prática a vida e com isso eliminar as extensas e necessárias explicações sobre usos e costumes próprios ao relacionarem-se com outros?

Alguns dizem que nem percebem mais visibilidade ‘acho tudo isso normal no meu cotidiano que nem reparo mais sabia?!’ (Munira, 44 anos). Ahmad (31 anos, descendente) acha que alguns podem pensar que essas características da libanesidade em Foz do Iguaçu podem diminuir com o tempo. Todavia ele não

concorda, pois segundo o entrevistado, a cada dia tem gente chegando e gente partindo: então sempre tem novidades e gente nova disposta a construir sua identidade. Aqui tanto na fala de Munira como na de Ahmad, percebe-se algo muito relevante para a pesquisa: a saturação, banalização ao olhar das manifestações libanesas na cidade, quando já não se percebe como diferente e se tem a certeza de fazer parte daquilo; e o sentido de continuísmo registrado na fala de Ahmad ao mencionar o vai e vem entre Foz do Iguaçu e o Líbano deixando aquela cada vez mais com ares de Líbano Presente e fazendo com que ele seja menos ausente.

Por isso, quando questionados sobre a visibilidade da comunidade libanesa surpreendentemente as respostas são difusas. Alguns simplesmente acham que a comunidade não é visível; outros comungam da opinião de que ela poderia ser mais visível e que para isso se deve trabalhar; há aqueles que pensam que a visibilidade está em todos os campos, exceto no político; mas tem os entrevistados que asseveram que a visibilidade libanesa na sociedade iguaçuenses é um fato.

Os motivos que levam à visibilidade da comunidade são diversos: comércio e economia em geral; religiosidade e aqui se elenca fortemente as vestimentas femininas e a mesquita; a fisionomia com traços fortes como nariz grande, sobrancelha e barba espessas; o número de pessoas, o uso da língua escrita e falada; a gastronomia; e obras e associações de beneficência. Todas essas são manifestações dos entrevistados.

Muitos entrevistados arriscam dizer que a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu é uma parte da cidade, e com ela tem uma relação de co-dependência: uma já não existiria sem a outra. E também Foz do Iguaçu, na ótica de muitos entrevistados seria um exemplo de lugar no qual muitas nacionalidades podem construir suas identidades com respeito mútuo.

Outros tantos entrevistados trataram da visibilidade como algo que surge naturalmente, ou como um direito, usando palavras como: “é justo que sejamos vistos, somos parte da cidade” (Josiane, 28 anos; e Yasmine 45 anos); “os libaneses investem muito aqui, então é certo aparecer” (Bilal, 40 anos); “estamos por toda parte, é claro e isso é bom. Somos vistos e respeitados” (Ronaldo, 32 anos, Helena 30 anos); “hoje em dia aqui em Foz não se separa o árabe do não árabe, estamos

todos juntos” (Karim, 44 anos) ou “ajudamos a erguer essa cidade, por isso aparecemos sempre” (Bassan, 28 anos). Em nenhum momento deram pistas de compreender que a imagem, a visibilidade e a invisibilidade são criadas, são intencionadas. Pode-se dizer que, apesar, em termos de ciências culturais, essas visibilidades são construídas, em termos vivenciadas por eles já são naturalizadas.

Ao que se pode perceber, existe um grande esforço da comunidade em tornar visível alguns aspectos da sua vida, a comunidade aparece em momentos como: engajamento político/social com ações de caridade, manifestações em questões como a da Palestina ou lançamento de candidatos a vereadores; no âmbito educacional/cultural é seguramente quando essa visibilidade explode aos olhos, ou possivelmente seja o aspecto que mais esteja ao alcance da fruição dos não árabes, tais como festividades, estabelecimentos gastronômicos e educacionais, dança (do ventre e dapke) e música e religiosidade; no quesito da sociabilidade não se pode ignorar a presença e a visibilidade dos libaneses: o próprio Clube União Árabe figura como exemplo e a convivência social com os não libaneses; a forte influência no comércio local e na vizinha Cidade do Leste; e finalmente, mas não menos importante, a arquitetura alusiva aos motivos árabes que estão em diferentes edificações da cidade, onde aqui se pode mencionar de forma completar os letreiros e nomes de estabelecimentos em árabe.

Todos esses elementos já são parte da cidade de Foz do Iguaçu e dotam a comunidade libanesa de uma visibilidade ímpar e quase que imediata ao olhar do não iguaçuenses. Possivelmente esses marcos de visibilidade mencionados não foram constituídos de forma proposital para pura e simplesmente aparecer, fazer ver. Mas certamente foram formatados, desenvolvidos e crescendo ao longo do tempo numa clara intenção de não esconder quem é, de onde é e o que faz: para deixar a mensagem de nós estamos aqui, e essa estadia e não é efêmera.

4.6 Redes Familiares na Emigração

O meu pai desceu em Santos e de lá foi para Paraguaçu Paulista com o pai dele e o irmão mais velho. Lá ele trabalhou, criou a família, casou em Assaí, Pr. Os meus pais são da mesma cidade libanesa, Balul, e o meu pai era muito pobre, órfão inclusive, e a mãe era muito rica. O meu pai criou as

irmãs no Líbano enquanto o meu avô e o meu tio estavam no Brasil trabalhando. Eles vieram antes para o Brasil abrir caminho para os outros filhos, inclusive para o meu pai. E pelo costume de saber onde tem um patrício, achou a minha mãe em Assaí. E não houve oposição entre as famílias em razão da dificuldade financeira do meu pai para que se casassem, pois ele era de ótima família. Todos os meus irmãos nasceram lá em Paraguaçu. Viemos para cá em 1981. Tinha então 13 anos. Em Paraguaçu só tinha eles de árabes (quatro famílias no total, mas muçulmano observante não, eram só eles), sendo uma delas de um tio que viviam no nosso lado e trabalhávamos todos juntos, a outra era de fazendeiros, e outros dois patrícios já casados com brasileiras da cidade mesmo. A mudança de ambiente para uma cidade com outros árabes, a cidade de Foz era uma grande festa, pois era muito diferente, grande... Uma cidade grande, que tinha cinema, ônibus urbano, as Cataratas... Tudo era uma aventura, mas eles faziam as coisas com moderação, pois a situação financeira era ainda muito difícil para eles. O pai veio para Foz, mas, o meu avô nunca veio para o Paraná por ter medo da terra vermelha, do mato, não queria a agricultura de novo, ele havia sido agricultor no Líbano e sabia que a vida era dura, e ele não queria isso para os filhos dele, e para ele o Paraná era só agricultura. Aqui tudo era muito agrícola ainda até bruto. O meu avô se tornou um paraguaçuense, ele gostava da cancha de bocha, se sentia a vontade na cidade. E sair de lá seria um risco, risco de doenças da vida moderna. Lá – em Paraguaçu Paulista – eles eram as autoridades da cidade junto com o delegado e o padre! Mas havia aqui um tio, irmão da minha mãe, o tio Yasser, ele já estava aqui, o meu pai veio e gostou. E depois trouxe a família. Isso é natural do libanês. O tio e outros parentes ajudaram naquela época, por já estarem instalados (familiares da mãe). Os libaneses se movimentam pelas redes familiares. Os meus avós maternos voltaram para o Líbano, construíram uma casa, a casa da família lá no Líbano, ele, o avô, morreu lá, e ela voltou para o Brasil para viver aqui, pois todos os filhos estavam aqui, né?. E eu acho que isso deve ter sido muito pesado para ela, deixar o marido 'sozinho' lá no Líbano. (KARIM, 44 anos)

Houve um tempo no Brasil, não apenas, é bom saber, no século XIX, sobretudo, que os fluxos migratórios para cá orientados foram sobremaneira articulados pelos governos do país emissor e receptor, e os grupos eram estudados sob diferentes características aceitáveis para compor a sociedade brasileira: ser branco e cristão, eram condições quase que obrigatórias para isso. Entretanto, os então turcos (hoje sabidamente sírios e libaneses) que decidiram empreender a emigração rumo ao Brasil não o fizeram com apoio algum, ao contrário disso: foram projetos familiares que trouxeram esses imigrantes. Passado quase duzentos anos dessas negociações a imigração ainda é algo pulsante no mundo, com maior ou menor intensidade a depender do país anfitrião, e uma plena realidade como projeto familiar no Líbano de hoje: enviar um filho ao exterior é garantir-lhe melhores condições de trabalho e aos que ficam possibilidades efetivas de incremento na renda familiar.

Isso não é de estranhar, sendo a família um elemento tão importante na vida social do libanês, a quem se deve lealdade e fidelidade, o que lhe dá sentido na vida, e um dos pontos do tripé²³ pelo qual a identidade libanesa é compreendida, pode-se concluir que no ato da emigração, imigração e eventual retorno, a família está presente de forma contundente: se deixa o país, mas não se dá as costas à família.

Muitos são os relatos, obtidos nesta pesquisa e lidos em outros trabalhos, de libaneses que contam que primeiro veio um parente abrir o caminho, depois outros vieram ajudar no trabalho. Ou ainda alguns dizem terem vindo para casar.

Assim sendo, deve-se compreender que as redes familiares são definitivas na decisão de emigrar, na constituição da vida no país anfitrião e pelo elo indissolúvel à família, o vínculo com a libanesidade também é pulsante e determinante no ato de imigrar.

No caso em estudo, ter um parente em Foz do Iguaçu é sempre um facilitador para orientar-se a essa cidade. Ter parentes espalhados em diferentes países do mundo é sempre uma miríade de possibilidades, de portas que podem se abrir, de uma eventual mobilidade em tempos de crise ou de incerteza. Não foram poucos os entrevistados que relataram que ao passar férias no Líbano sempre havia a impressão de encontrar-se com o mundo: parentes de diferentes países escolhiam o verão libanês para se juntarem. Para isso, Hall (2003) pode vir em auxílio para tentar fazer compreender esse tipo de situação sob a ótica da constituição cultural e identitária.

Um termo que tem sido, segundo Hall (2003), cada vez mais utilizado para caracterizar culturas mistas e diaspóricas é o “hibridismo”. O significado de hibridismo tem sido comumente mal interpretado, para Hall, não seria uma referência à composição mista de uma população, mas sim para uma lógica cultural da tradução:

essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial. Antigas e recentes diásporas governadas por essa posição ambivalente, do

²³ Estudiosos concordam que a identidade cultural libanesa está fortemente assentada em: religião (independente da confissão); vilarejo; e família.

tipo dentro/fora, podem ser encontradas em toda a parte. Ela define a lógica cultural composta e irregular pela qual a chamada modernidade ocidental tem afetado o resto do mundo desde o início do projeto globalizante da Europa (HALL, 2003, p. 71).

Para Hall (2003), o hibridismo não se refere a indivíduos híbridos que se contrastariam com os tradicionais e modernos; é um processo de tradução cultural que nunca se completa. A ideia de cultura registrada nas comunidades de minoria étnica não registra uma relação fixa entre tradição e modernidade. Não permanece no interior de fronteiras. Na prática, ela refuta esses binarismos. Assim, alguns elementos são profundamente envolvidos com as práticas e valores tradicionais, já outros seguem suas vidas sem comprometerem-se com essas tradições e práticas. Entretanto, para alguns ainda, a hibridização está muito mais avançada, assim que os processos tornam-se quase redes de interações.

Nesse último trecho de Hall, pode-se claramente identificar o caso que se expõe que não se trata de uma cultura de origem estática, uma relação com a cultura anfitriã engessada ou a conformação de uma identidade cultural única ou imutável: ao contrário disso, existem múltiplas possibilidades de se relacionar com esses elementos – a origem, o destino e a metade desse caminho em termos culturais e de formação continuada da identidade cultural imigrante. No episódio em tela, as redes familiares também permitem a criação de redes de interação cultural intensas e importantes no processo de formatação constante da identidade cultural e do sentimento de pertença múltipla.

As redes familiares libanesas permitem e constituem, assim, a criação de redes de interação cultural intensas e importantes no processo de formatação constante de uma identidade cultural e do sentimento de pertença múltipla. Da mesma forma que existem muitas formas de se relacionar com a cultura e as tradições de origem, existem muitas formas de e/imigrar, segundo Tilly (1978, apud Truzzi, 2008, s/p), as imigrações podem ser classificadas em:

a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar.

b) Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem.

c) De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce.

d) Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.

Truzzi (2008) explica que essas categorias não são excludentes entre si, se mesclam. Aqui cabe explorar a ideia da migração em cadeia, pois parece ser o caso em questão. As cadeias como ações sociais, formam redes no conceito da geografia (HAESBAERT, 2007). Essas redes têm dois momentos-chave em se tratando do processo migratório: as redes antes da migração e as redes durante a migração.

As redes antes da migração dizem respeito ao auxílio financeiro, as informações sobre o lugar de destino e documentação necessária. E as redes durante a migração tratam de ajuda para instalação, documentação no local, ocupação e todos os tramites necessários para a (re)organização da nova vida. Acredita-se que em maior ou menor proporção os imigrantes são sempre auxiliados por essas redes de imigração.

Contudo, aqui se explora a ideia de rede na imigração com uma visão mais contemporânea, considerando não apenas a rede familiar na imigração no processo de imigração propriamente dito (planejamento, viagem, (re)organização da vida e etc.). Assim, o elemento da exposição para a sociedade em geral passa a ser um elemento da construção cultural.

Karim (44 anos) exclama quando fala sobre isso “muito antes de se falar em globalização, essa moçada árabe já praticava isso há muito tempo, entrando em contato com gente do mundo todo para acertar negócios, casamentos, e outras relações”. Os abundantes contatos em variados países, cuja formação e situação política e social são particular, permite que se tenha uma possibilidade de panorama e compreensão de diferentes conjunturas no mundo; faz ainda com que muitas possibilidades de negócios e estudos sejam travadas, e ainda sem esquecer de

dizer oportunidades de casamentos também; essas redes internacionais familiares ainda oferecem oportunidades mais prosaicas como de turismo, na qual sempre é possível ampliar ou cambiar a visão de mundo. O fato de a emigração ser um relevante aspecto da sociedade libanesa atual faz com que os libaneses estejam em permanente contato com indivíduos, familiares e amigos, do mundo todo, formando essa grande rede de contatos internacional, que muitas vezes facilita ou ao menos encoraja os deslocamentos migratórios ou turísticos.

Essa rede é alimentada principalmente com viagens repetidas ao Líbano, coisa que quase todos os entrevistados fazem com alguma regularidade. Alguns vão todos os anos, outros a cada dois ou três anos. Poucos são os que nunca mais voltaram, nunca enviaram seus filhos, ou nunca visitaram o país de seus pais e avós. Visitar o Líbano aparece como uma obrigação familiar e social. É nessas visitas que se pode, também, demonstrar o sucesso ou o insucesso da empreitada migratória. Invariavelmente, ao visitar o Líbano, os entrevistados ou se hospedam na casa de familiares ou em casas próprias nos vilarejos. Os hotéis são utilizados somente quando se passam alguns dias na capital e não se dispõem de outros meios de hospedagem na grande cidade. O contato com os familiares que estão no Líbano e em outros países é considerado pelos entrevistados intenso, realizado quer seja pelos próprios ou por outro membro da família, o que lhes deixa em contato indireto com essas pessoas. Esses contatos se dão por telefone e internet (e-mail, Skype, whatsapp e facebook).

Os parentes de outros países vêm visitar os membros da comunidade libanesa com menor frequência do que esses vão para o Líbano. Mas não foi rara a menção de visita de familiares para eventos específicos como casamentos, sobretudo. Os países que os entrevistados mencionam ter parentes seriam (cabe salientar que a expressão usada em resposta a essa questão, mais comum era “oh, tenho parentes no mundo todo”): Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, Colômbia, Costa do Marfim, Estados Unidos, França, Ilhas Virgens Americanas, Panamá, Paraguai, Romênia, Senegal, Síria, Ucrânia e Venezuela. No Brasil as redes de contato também são variadas, mas menos do que as internacionais, com destaque para: Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Todos os entrevistados ainda afirmaram ter familiares em Foz do Iguaçu, e para todos os imigrantes ouvidos o fato de ter parentes na cidade foi determinante para sua mobilidade para lá orientada. Possivelmente, outros imigrantes entrevistados compartilhem de histórias parecidas com a de Abbas (52 anos): “eu tinha uns parentes aqui em Foz quando chegamos, e eles nos ajudaram muito: eles nos hospedaram no começo, orientaram sobre como era a vida na nova cidade, e no comércio meu pai deu os primeiros passos junto com eles”.

Com essa estrutura social, a qual é um importante aspecto da libanesidade (mas não o tema deste trabalho), se define também a função da família (ampliada) para garantir a sua inserção na sociedade receptora. Essa estrutura permite dar visibilidade, criar imagens da libanesidade e até necessita da visibilidade do Líbano, seja no ambiente interno da família, no conjunto das outras etnias e/ou na sociedade receptora em geral, para criar uma coesão social e confirmar a atuação econômica e social.

Conclusões

Tio Naim escreveu do Brasil, falou do vento correndo nos despenhadeiros, do cheiro das florestas, pessoas de toda parte do mundo chegavam (...) encontravam uma verdadeira cidade (...), tudo no Brasil estava entre opostos e oscilava entre dois abismos (...) havia mercados, uma rua só larga e arborizada só para os libaneses com casas mimosas (...). Vem Amina minha flor de luz, meu serpilhozinho, vem para São Paulo (ANA MIRANDA. 1997. AMRIK).

O deslocar-se é parte da vida do ser humano, sempre o fez, pois esteve constantemente em busca de melhores condições de vida. Contudo, esses deslocamentos passam a ser mais exaustivamente estudados com os fenômenos de massas a partir do final do século XVII, e principalmente no século XIX quando se instala a transferência de enormes contingentes de pessoas do Velho para o Novo Mundo. Desta maneira, a migração fez parte da globalização e da reorganização do sistema econômico mundial. Entretanto, este tipo de deslocamento tem pouca relação com a imigração dos séculos XX e XXI ao qual este estudo se dedica em particular. Agora, migração se estabelece muito mais em redes de vai e vem, os quais permitem uma maior flexibilidade da organização social e econômica. O caso dos libaneses no Brasil se insere aqui.

Na compreensão cultural da migração, antes as viagens eram longas epopeias heroicas de idas em alto mar, hoje o rápido transporte aéreo facilita o deslocamento, deixando as epopeias para a obtenção de vistos de residência ou trabalho. A comunicação é ainda facilitada pelo vasto uso da internet e telefone: as cartas e encomendas entregues por correios ou amigos que viajam perderam definitivamente espaço.

A falta de (condições) (ou de) trabalho ainda figura como uma das principais motivações para partir, assim como era antes. Entretanto, muitas pessoas vindo de

uma origem precária frente ao sistema capitalista moderno, como é também o caso geral dos libaneses, não mudam simplesmente de lugar, e ocupam postos de trabalho apenas na lavoura ou no chão das fábricas: ele empreende, ocupa postos em empresas e instituições de ensino e em alguns países como Canadá e Austrália, que dispõem de sistemas de imigração e de ensino sofisticados. Neste contexto, o migrante também pode ser o altamente qualificado em termos de educação formalizada. Assim, o aprendizado com o novo idioma, a organização na comunidade, a manutenção de laços com a origem são comportamentos sociais conhecidos que ganham certa naturalidade.

A imigração libanesa para o Brasil não é tão ímpar em relação a outros locais. Apesar de suas peculiaridades, muitos modelos de migração se reproduzem em diferentes lugares do mundo moderno. Trata-se a migração socialmente de um deslocamento de pessoas, sobretudo para trabalho, e culturalmente de um esforço de adaptação e aprendizado para a (re)organização da vida no novo país combinado à lutas pelas pertencas.

No Brasil, os estrangeiros gozam de liberdade para professar fé; organizar entidades de lazer, educação, idiomática, profissionais, culturais e outras; e como isso possibilidades efetivas de (re)organizar suas vidas sem precisar abandonar por completo a origem inclusive na vida pública. Mas isso não quer dizer que eventuais conflitos e dificuldades nesse processo não ocorram, sobretudo aqueles relacionados à educação dos filhos. Pois se antes com os deslocamentos de navio, era comum que um imigrante nunca mais retornasse ao seu país de origem, hoje com os meios de comunicação e a aviação comercial esse contato pode ser constante, e com isso as cobranças para com o manutenção das tradições e costumes idem.

Essa facilidade de comunicação e viagens deu novos contornos ao deslocamento migratório, a partir dela associada a outras nuances pode-se chegar às ideias que levam ao conceito de diáspora: múltiplas pertencas; base solidária entre os membros de uma comunidade; organizações/instituições no país anfitrião; contato contínuo com o país de origem; lealdade; redes sócias transnacionais; e um número de pessoas para sustentar as instituições.

As ideias em torno do conceito de diáspora auxiliam na compreensão de novas formas de deslocar-se internacionalmente, e descortinam explicitando as novas formas de as comunidades imigrantes organizarem-se. Estudar a identidade cultural sob esta perspectiva permite apontar para o aclaramento das características que envolvem as maneiras de formação e manutenção comunidades de imigrantes no que diz respeito à identidade cultural.

Essas características da diáspora, por exemplo, facilitam o entendimento das identidades e pertenças múltiplas e não duais: as redes de contatos e relacionamentos de imigrantes extrapolam o país de origem e o país anfitrião, agora os contatos são com parentes e amigos que estão em diferentes partes do mundo, que vivem ora de forma igual, ora de forma diferente aos familiares tanto emigrados como no país de origem. Essas redes de contato e comunicação confortam ao fazer saber que não se é o único a viver os ônus e os bônus de ser imigrante ou filho de; auxilia na aceitação de que se é ora outro ora nós, que se pode ser local e estrangeiro, e que não se está só nessa aventura. Essa comunicação e contato com outros que vivem em situação similar pode ajudar na criação das culturas de transposição, comparar, diferenciar ou negociar.

A solidariedade entre os membros da comunidade de imigrantes, para com os que ficaram no país de origem e ainda se necessário envolvendo emigrados a outros países faz com que o fluxo de pessoas seja mais intenso: todo tipo de ajuda é incluída nesse processo, inclusive aquela ajuda que trata do conforto material, e do subsidio de informações e socorro para que outros emigrados venham para o mesmo lugar da comunidade, ou que o deixem também. O fluxo se dá por meio de redes, e as redes são parte inexorável da diáspora.

A intensa conexão com seu país faz com que a comunidade diaspórica sinta necessidade de organizar instituições, tanto no país anfitrião como no de origem. São instituições que dão suporte a diversas causas, e faz com que os membros emigrados não se alijem do que deixam, não deem as costas ao que ficou para trás. Aliás, cada vez menos o país de origem é deixado par trás, tanto para imigrantes como para seus filhos, e muito disso é em função do sentimento de pertença e causa mutua das organizações.

Esses são marcadores gerais da imigração contemporânea, que em alguns casos ganha contornos diaspóricos (nem toda imigração é diaspórica e nem toda diáspora é migratória), e dá um sentido particular ao fluxo e ao fixo. É de se estimar que cada comunidade migrante tenha suas particularidades, ora em função do país de origem, ora em razão das condições de imigração fornecidas pelo Estado anfitrião ou ainda pelas motivações de deslocar-se.

Com essas premissas se estudou comunidade libanesa de Foz do Iguaçu e sua(s) identidade(s): com características comuns/gerais a outras comunidades; com características particulares; mas como parte ativa e importante da diáspora libanesa para o mundo. A pesquisa foi baseada na tese de que a imigração para o Brasil criasse uma construção da identidade entre um Líbano Ausente, imaginado pelos membros da comunidade em Foz do Iguaçu, e um Líbano Presente, o qual se constrói socialmente no imaginário dessas pessoas por meio da (re)construção das identidades libanesas.

Em base de ideias teóricas e do híbrido, se analisa a diáspora libanesa nessa cidade, tendo em vista que a composição da sociedade do Líbano na sua multiplicidade cultural é um ponto de conexão de diásporas de diferentes grupos. Já na época otomana e na fase colonial, a multiculturalidade do Líbano privilegiou a iniciativa da sociedade civil, principalmente dos clãs e das famílias, assim que a compreensão do Estado-Nação Líbano ficou relativamente vaga. O pacto nacional de 1932 e a redivisão do poder entre os diferentes grupos étnicos, que em partes resultou na guerra civil de 1975, não permitia uma efetiva construção de uma coesão social e cultural da 'nação' libanesa, mas criou uma sociedade relativamente fragmentada, sem embargo convivendo em termos sociais, que necessita de uma imagem forte da sua coesão. Em função disso, a migração (que já era conhecida no Império Otomano como fator social interno) tornou-se um elemento importante na construção da imagem até para o próprio Líbano, carregado pela internacionalização das redes familiares.

Foz do Iguaçu e sua diáspora libanesa são, nesta perspectiva, um ponto de conexão, onde se compreende a relação que o migrante mantém com seu país, mas também uma imagem que ajuda o país de origem. Participantes neste empreendimento são as entidades libanesas, oficiais e não oficiais, que na cidade

são relacionadas com os emigrados. Neste contexto atua também o Estado libanês com sua política de migração e remigração.

Foz do Iguaçu é cidade receptora de muitas levas de imigrantes. Localizada na fronteira internacional, apresenta também um Líbano Presente. Em todos os cantos se encontram marcos da libanesidade, formados através de paralelismos entre a situação de Foz do Iguaçu e do Líbano. Nas entrevistas com 32 pessoas se revela, tanto entre migrantes como entre os descendentes de migrantes uma (re)construção da identidade libanesa no exterior. Em base de dados fornecidos dessa tese, se mostra um jogo de visibilidade e invisibilidade da libanesidade dentro das redes de contato e vivência em geral na cidade e dentro das redes familiares libanesas em particular. Os aspectos da identidade cultural e do ser e estar imigrante contribuem na diáspora consideravelmente para a evolução de culturas de transposição. Neste aspecto, é interessante em termos de geração migratória que os imigrantes se considerem geralmente brasileiros, não pensando em retornar e se assumindo assim, enquanto os descendentes se colocam como libaneses e pensam viver no Líbano, sem efetivamente o realizar em muitos casos.

Mostra-se aqui uma atitude que, no caso dos libaneses, não se deixa de ser libanês para ser brasileiro, nem no sentido legal nem no sentido identitário, e quando se diz ser brasileiro, se mostra o tempo todo que é libanês. Isso se revela desde os pequenos objetos decorativos da casa até a questão de tratar um visitante com toda a hospitalidade libanesa. Nestes momentos se serve chá árabe (preto e muito adoçado) ou pequenas guloseimas do país de origem. Desta maneira, o lugar que o Líbano ocupa na vida desses imigrantes é tão decisivo que as exaltações a ele dirigidas são tão positivas que se afirmam com toda força, até para seus filhos que são libaneses também. A cultura de transposição é assim cultural e socialmente uma cultura libanesa fora do Líbano.

Essa situação revela que social e culturalmente muitos imigrantes explicaram que a vida era muito boa no Líbano, e seus pais vieram para o Brasil em busca de uma vida econômica melhor, com mais opções de trabalho trazendo junto seus filhos. De modo geral, pode-se dizer, então que a vinda foi motivada pelo trabalho, e o fato de Foz do Iguaçu ser uma cidade de fronteira com uma vizinha de comércio tão vivo foi decisivo para elegerem-na como destino final. A distinção entre uma

imagem sócio-cultural e uma necessidade sócio-econômica define hoje as relações dos libaneses.

A comunidade libanesa de Foz do Iguaçu se apresentou nesse estudo como muito bem relacionada na sociedade local. Ela dispõe de contatos e representações em diferentes níveis da política e poder econômico e cultural. Logo, percebe-se que não vive isolada ou encastelada em si mesma, embora primem pelo contato com outros libaneses tanto para atividades de lazer como profissionais. Isso é uma mostra de sua capacidade de inserção e desejo de manutenção da identidade libanesa, muito embora se possa compreender que não se constroem tantos relacionamentos fortes fora da comunidade sem acionar constantemente culturas de transposição.

O contato com não libaneses, em alguns casos pode ser tenso ou respingado por situações de clara discriminação e/ou preconceito. Mesmo que essas situações não foram relatadas por todos os entrevistados, não foi difícil ouvir menção de casos de sentimentos de não compreensão de libaneses por parte de brasileiros e vice-versa. Isso gera uma persistente auto-percepção de 'ser outro'.

Neste momento é importante que as diversas instituições e organizações libanesas em Foz do Iguaçu não raro servem de fonte de identificação aos membros da comunidade, além de cumprirem outra função, que é dar visibilidade a ela. Assim as instituições são mais do que marcos visíveis, mas também formas de aclamarem que a imigração para eles não é efêmera, esse deslocamento foi um caminho sem volta.

Enquanto alguns entrevistados mencionam a necessidade de negociar entre os costumes libaneses e brasileiros para poderem viver a vontade com seus filhos, outros dizem que estar em Foz é como estar no Líbano, e que só se mudou de endereço. Neste sentido, o ir e vir constante de pessoas de lá para cá proporciona sempre uma atualização dos usos e costumes no Líbano Ausente, fazendo o Líbano Presente cada vez mais intenso. Esse movimento perpendicular gera duas questões relevantes. Primeiro, se estabelece um conflito advindo da vida em fronteira entre duas (ou mais) culturas, entre ser libanês e ser brasileiro. Esse conflito foi apontado, sobretudo, pelos descendentes e com proeminência nos do sexo feminino que

alegam que os homens têm mais liberdade de levar a vida fora de casa nos moldes brasileiros, não são tão cobrados e questionados em relação à sua conduta, diferente das cobranças que se lhes fazem a elas. A outra questão é a da dupla lealdade e da pertença aos dois países e às duas culturas. Isso faz pensar que as identidades nesse caso podem ser duais ou até mesmo plurais, mas dificilmente hifeinizadas.

Observa-se que o sentimento de ser libanês é mais aflorado, mais forte, quando se está em Foz do Iguaçu ou perto de outros libaneses ou de filhos de libaneses. Nestes momentos se acionam tanto a identidade do grupo dominante como a identidade do migrante ao mesmo tempo, redefinido suas fronteiras culturais. A situação é influenciada, neste momento, tanto por necessidades sociais, como emocionais, e a construção do indivíduo, do grupo ou da nação é complexa neste momento.

Dois aspectos sociais importantes serem aqui à manutenção das tradições e costumes libaneses e da confirmação da comunidade em Foz do Iguaçu: o uso da língua árabe e os casamentos endógamos.

O uso da língua foi apontado por muitos como fundamental para a inserção na comunidade, para ser aceito e sentir-se parte dela. A língua ainda tem as suas relações íntimas com a religião islâmica, e por isso também tem destaque. Ela é também um passaporte importante para ser aceito no Líbano Ausente, não ser outro. Além disso, a língua serve para criar fronteiras claras quando se julga necessário.

Os casamentos são quase sempre realizados entre os membros da comunidade, por muitos motivos que aqui não cabem ser discutidos em profundidade. Em muitos casos, a religião é apontada como o principal motivo disso, além do manutenção da cultura e evitar conflitos culturais que atrapalhem a boa vivência marital. Embora muitos entrevistados, tanto homens como mulheres, declarem que se quisessem se casariam com um não árabe ou não muçulmano, eles admitem que na prática não pensam que isso venha a ocorrer. Mas observou-se aqui uma diferença geracional importante. Os pais diziam que não haveria problema no casamento com membros de fora da comunidade, e os filhos negam

que haja essa liberdade, enquanto os homens claramente gozam de maior liberdade do que as mulheres nesse aspecto, o que vem da tradição islâmica.

Estes aspectos comunitários se consolidam através da estrutura social da família libanesa (e árabe em geral). Como na vida familiar os laços se criam dentro dos lares entre imigrantes e descendentes, todos mencionam reunir-se frequentemente e dar muito valor à família. Muitos disseram que os familiares se ajudam, que mantêm contato com parentes residentes em Foz e outras cidades do Brasil e do mundo, além do próprio Líbano. Visitas a esses familiares são frequentes e o respeito pela instituição família é inquestionável. A família tem assim um papel importante no fluxo migratório. É ela quem financia a viagem e são os parentes já emigrados que prestam ajuda aos novos chegados. Nesse sentido, considerando a gama de países que os entrevistados declaram ter familiares, pode-se aferir que a rede transnacional que se forma em volta de sua comunidade é muito expressiva e toma todos os continentes. Ainda as viagens frequentes ao Líbano (onde todos se encontram no verão) alimentam sobremaneira a essa rede.

A partir deste momento percebe-se que a base prática e social da migração dos libaneses não é a nação libanesa, nem por meio da língua árabe, nem mediante redes familiares. Por isso, a ideia nacional não é tão importante também para a visibilidade.

O que se constrói na visibilidade, são âncoras e marcos que fixam nas práticas a diáspora libanesa em Foz do Iguaçu mediante 'caráter' de libanesidade para garantir continuidade entre o presente e o ausente. Observa-se que, enquanto alguns geralmente dizem que com o passar das gerações, e a intensificação da adaptação, a libanesidade irá se diluir na sociedade brasileira, outros asseveram que o constante fluxo de imigrantes entre o Brasil e o Líbano vai sempre manter a identidade viva. Curiosamente, as duas opções permitem, nos quatro níveis de construção, da individualidade, da comunidade, da sociedade (nacional) e na transnacionalidade, sempre opções, demonstrando assim que existe uma cultura performática e funcional viva para os libaneses.

Assevera-se que o caráter diaspórico da comunidade pesquisada é decisivo para o manutenção da identidade cultural libanesa, como imagem, criando um laço

entre o Brasil e o Líbano. Mesmo se, com o passar do tempo essa imagem e a cultura dito 'libanesa' vai se transformar, na imigração as culturas de transposição promovem alterações no cotidiano de uma comunidade de imigrante que se fixa nas imagens. Por isso, acredita-se que a comunidade vai manter os costumes e características que julgue importantes e fundantes, fortalecidas pelo constante contato (inclusive físico) com o Líbano Ausente e o Líbano Presente no Brasil.

A partir do exposto, pode-se observar que essa tese não se encerra em si mesma. Ela não dá conta de todos os aspectos dos estudos sobre a migração em geral, ou mesmo sobre a diáspora libanesa no Brasil ou ainda o fluxo orientado para lá. Assim, por exemplo, algumas questões que foram observadas durante a coleta em campo e podem ser apontadas como próximas temáticas de estudos, a saber:

Quais as características identitárias de pessoas retornadas ao Líbano, e como estes lidam com a brasilidade no Líbano?

Qual a função e política das instituições libanesas no país e suas conexões com outros países, e aí se inclui o Líbano, na criação do sentimento de pertença e da afirmação (ou transformação) de identidade?

Qual o funcionamento das redes familiares e suas relações transnacionais na criação do sentido de diáspora e de sua solidariedade?

Como se articula o confronto geracional e de gênero na constituição da identidade e na relação com o Líbano?

No Brasil, o tema diáspora ainda é pouco estudado, mesmo com muitos grupos de migrantes apresentando esse fenômeno. Apesar de que a imigração contemporânea no Brasil, ainda mais na situação do país como '*global player*', necessita de profundas discussões epistemológicas para a compreensão da própria sociedade, sobretudo para ajudar no aspecto legal e político do fenômeno, a academia científica ainda parece tímida. Certamente, esse quadro deve mudar durante os próximos anos, na medida em que o Brasil sustenta seu crescente papel econômico, junto com seus avanços sociais. Neste sentido, os conceitos de

migração como os de diáspora podem ser úteis para balizar novos estudos, dentro e fora da perspectiva dos estudos culturais. E claro, esse trabalho vem a reforçar essa assertiva quando trata de uma imigração recente que é orientada para o Brasil e especialmente vinda de outro país do sul. Ou seja, é um reflexo da nova ordem dos fatos da economia e da política internacional: a migração se dá em todos os sentidos, e os velhos líderes perdem espaços para novos líderes, tanto econômicos como políticos, ainda que em termos regionais. Mas esses avanços no Brasil têm sido suficientes para atrair fluxos migratórios, não apenas de libaneses é bem verdade, e esses constroem aqui trajetórias diferentes das que seriam construídas se tivessem optado pelo fluxo tradicional sul-norte. Isso se dá em razão de o Brasil ainda estar maturando suas políticas de migração e ainda dispor de opções de trabalho para diferentes grupos com distintos níveis de qualificação, a estabilidade política e econômica não deixam também de ser um atrativo.

É com isso dizer também que os estudos sobre imigração devem se incrementar no Brasil nos próximos anos como um reflexo do incremento dos fluxos recebidos pelo país e as consequentes mudanças que eles vão acarretar na paisagem e no delineamento sócio-demográfico local. Com isso, se estima e se anseia que o debate sobre imigração também passe por um processo de maturação tanto no âmbito acadêmico como, e especialmente, no âmbito político e social.

Especificamente no âmbito acadêmico, cabe dizer que não se pode seguir estudando grupos com essas orientações, sul-sul, ou com características muito próprias e diversas daqueles que seguiram o rumo sul-norte orientados por literatura produzida para ou por meio desse fluxo, por uma razão simples: ela não atende às necessidades dos estudos que aqui se travam. A formatação das comunidades difere tanto, a pressão que o Estado receptor lhe impõe e o ritmo de sua vida é tão díspar que a teorização não dá conta de ser aplicada nos dois casos. Para isso, é preciso que os estudiosos do eixo sul-sul debruçem-se sobre essa necessidade, a de construir uma literatura que dê conta das particularidades e não das generalidades dos estudos.

Enfim, percorrido o caminho da pesquisa, não posso deixar de recordar-me de quando visitei Istambul, o centro político do mundo árabe até o início do século XX. Senti ao visitar um dos mais importantes templos islâmicos do mundo, e das muitas formas em que me perdi na Mesquita Azul, entre lembranças, devaneios e deleites, um sentimento de estar e não estar, de não querer sair, de não querer falar ou ouvir, de sentir paz e burburinho ao mesmo tempo... Surgiu uma emoção completa. Depois de 12 anos estudando formalmente a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu (muçulmana por maioria), percebo nesta recordação que minha tese aqui apresentada não poderia mesmo ser algo frio, distante para mim e de mim, como um objeto aos moldes positivistas. Ela tem um sentido de totalidade, de tarefa cumprida, mas não concluída, pois certamente não acabará aqui. Assim se preenchem em mim os desafios intelectuais e o meu sentimento pelo mundo.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARRUDA, Aline Maria Thomé. **Diferenciação e estereotipificação**: libaneses na fronteira Brasil-Paraguai. Univ. Rel. Int., Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 43-65, jan./dez. 2007.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. UFMG: Belo Horizonte, 2007.

BRAND, Laurie. **Citizen abroad**: emigration and the State in the Middle East and North Africa. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2008.

BRASIL, Banco Central do Brasil – conversão de moedas. Disponível em: <http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp?TXCONVERSAO>. Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php. Acesso em maio de 2011.

Câmara de Comércio Brasil – Líbano. Disponível em: <http://www.ccbli.com.br/>. Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

CARDOZO, Poliana. **Possibilidades e limitações do turismo étnico**: a presença árabe em Foz do Iguaçu. 2004. (dissertação de mestrado em turismo) Universidade de Caxias do Sul.

CARNEIRO, Dib Neto. **A hortelã e a folha de uva**. São Paulo: DBA, 2003.

CATTA, Luiz Eduardo. **O Cotidiano de uma Fronteira**: a Criminalidade e Controle Social. Revista Esboços. Vol. 1, no. 01, 1994. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/issue/view/37/showToc>.

CHOUEIRI, Ramzi N. **O patrimônio culinário do Líbano**. Edição do autor: S/L, 2002.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª. ed. UFSC: Florianópolis, 2007.

_____. **Território na transição da pós-modernidade**. Revista Geographia. Universidade Federal Fluminense. Vol1, no. 2, 1999.

COSTA, Renato José. **O islamismo e suas implicações no processo democrático libanês**. (dissertação de mestrado em História Social). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

CURY, Mauro J. F. **Territorialidades transfronteiriças do iguassu (tti)**: interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira - foz do iguaçu (Br), ciudad del leste (Py) e puerto iguazú (Ar). Tese de doutorado, PPGGEO UFPR: Curitiba, 2010

CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara R. **A comunidade boliviana em São Paulo**: definindo padrões de territorialidade. Caderno Metrópole (on line) 1º semestre 2007.

DIASPORA 961 (Líbano). **History & Information**: the lebanise diaspora. Disponível em: <<http://diaspora.leb961.com/>>. Acesso em: 01 dez. 2010.

EID, Paul. **Being Arab**: ethnic and religious identity building among second generation youth in Montreal. Londres, Reino Unido: McGill-Queen's University Press, 2007. (McGill-Queen's studies in ethnic history Series).

Embaixada do Líbano no Brasil. Disponível em: <http://libano.org.br>. Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

FAUSTO, Boris. **Introdução**. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. Edusp: São Paulo, 2000.

FERNANDES, Márcio. **Terra do Nunca**. Rolling Stone Brasil, São Paulo, v. 06, n. , p.eletronico, mar. 2007. Mensal. Disponível em: <<http://www.rollingstone.com.br/edicoes/6/textos/terra-do-nunca/#muda>>. Acesso em: 26 nov. 2010.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br>. Acesso em 05 de fevereiro de 2010.

FREE REPUBLIC. Distribution of religious group. Disponível em: <http://www.freerepublic.com/focus/f-news/1674774/posts>. Acesso em março de 2010.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. Gandalf: São Paulo, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Bertand Brasil: Rio de Janeiro, 2007.

HAJJAR, Claude. **Imigração árabe**: cem anos de reflexão. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Introdução**. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). A invenção das tradições. Paz e Terra: São Paulo, 2006.

HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal 1798 – 1939**. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

_____. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOURANI, Guita. Lebanese Diaspora and Homeland Relations. In: Migration and refugee movements in the Middle East and North Africa, 2007, The American University In Cairo, Egypt. **The Forced Migration & Refugee Studies Program**,. Cairo, Egito: American University Of Cairo, 2007. CD-ROM.

KARAM, John Tofik. **Um outro arabesco**: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neo-liberal. Martins Fontes: São Paulo, 2009.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no Sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

KHALAF, Mona Chemali. Women's International Labor Migration in the Arab World: Historical and Socio-Economic Perspectives. **United Nations - Consultative Meeting On "migration And Mobility And How This Movement Affects Women"**: Division for the Advancement of Women (DAW), Malmö, Suécia, sem página, 2 dez. 2003.

KLEIN, Herbet S. **Migração internacional na história das Américas**. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. Edusp: São Paulo, 2000.

KOKOT, Waltraud; TÖLÖLYAN, Khachig; ALFONSO, Carolyn. Introduction. In: KOKOT, Waltraud; TÖLÖLYAN, Khachig; ALFONSO, Carolyn. **Diaspora, identity and religion**: new directions in theory and research. Londres, Reino Unido: Routledge, 2006. p. 1-8. (Research in Transnationalism).

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio**: do advento do cristianismo até os dias de hoje. Rio De Janeiro: JZE, 1996.

Líbano Vivo. Disponível em: <http://libanovivo.org.br>. Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

LOCALIBAN. **Centre de ressources sur le développement local**. Disponível em: <http://www.localiban.org/spip.php?rubrique503>. Acesso em 05 de fevereiro de 2010.

MACHADO E SILVA, Regina Coeli. **Reordenação de identidades de imigrantes árabes em foz do Iguaçu**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(2): 357-373, Jul./Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a06v47n2.pdf>.

MAKDISI, Ussama. Reconstructing the nation State: the modernity of sectarianism in Lebanon. **Middle East Report**: minorities in the Middle East: , Middle East Research And Information Project, Estados Unidos da América, n. 200, p.23-26, jul./ago. 1996

MARTINS, Estevão C. de Rezende. **Cultura e poder**. Saraiva: São Paulo, 2007.

MIGUEL, Salim. **Nur na escuridão**. Record: Rio de Janeiro, 2008.

MIRANDA, Ana. **Amrik**. Companhia das Letras: São Paulo, 1997.

MONGABAY. Lebanon Geography. Disponível em:
http://www.mongabay.com/reference/country_studies/lebanon/GEOGRAPHY.html. Acesso em março de 2010.

MONTENEGRO, Silvia; BÉLIVEAU, Verónica Gimenez. **La triple frontera**: globalización y construcción del espacio. Miño y Dávila srl: Buenos Aires (Argentina), 2006.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil**: dinâmica migratória e história oral de vida. (tese de doutorado). Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade de São Paulo: 2006.

PELEIKIS, Anja. The emergence of a translocal community: the case of a south Lebanese village and its migrant connections to Ivory Coast.. **Cahiers D'études Sur La Méditerranée Orientale Et Le Monde Turco-iranien**, Paris, França, n. 30, p.297-317, jun/dez 2000. Semestral

PINO, Domingo. **A tragédia do Líbano**: retrato de uma guerra civil. São Paulo: Clube do Livro, 1989.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **Foz do Iguaçu**: cidade rede sul americana. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo: 2006.

SAFRAN, William. Deconstructing and comparing diasporas. In: KOKOT, Waltraud; TÖLÖLYAN, Khachig; ALFONSO, Carolyn. **Diaspora, identity and religion**: new directions in theory and research. Londres, Reino Unido: Routledge, 2006. p. 9-30. (Research in Transnationalism).

SAHR, Wolf-Dietrich; LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. **Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional**: um estudo de geografia social e cultural. Revista Ra'ega, no. 4. Editora da Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2000.

SAID, Edward. **Fora do lugar**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 7ª. Ed. Vozes: Petrópolis, 2007.

_____. **A produção social da identidade e da diferença.** In: _____ (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 7ª. Ed. Vozes: Petrópolis, 2007.

STEPHAN, Rita. **Lebanese-America's Identity, Citizenship and Political Behaviour.** Palma Journal: Notre Dame University – Louaize. Vol 11, 2009.

TABAR, Paul. **Immigration and Human Development:** evidence from Lebanon. United Nations Development Programme Human Development Reports: Organização das Nações Unidas, 2009. 45 p. (Research Paper 2009/35).

TRUZZI, Oswaldo M. **Patrícios:** sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista.** In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América:** a imigração em massa para a América Latina. Edusp: São Paulo, 2000.

_____. Redes em processos migratórios. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 de outubro de 2011.

_____. **Sírios e libaneses:** narrativas de histórias e cultura. Série Lazuli imigrantes no Brasil. Editora Nacional: São Paulo, 2005.

VERDEIL, Éric; FAOUR, Ghaleb; VELUT, Sébastien. **Atlas du Liban:** territoires et société. Institut français Du Proche-Orient/CNRS Liban: Beirute (Líbano), 2007

WENGER, Martha; DENNEY, Julie. Lebanon's Fifteen-Year War 1975-1990. **Middle East Report**, Estados Unidos da América, n. 162, p.23-25, jan. 1990.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 7ª. Ed. Vozes: Petrópolis, 2007.

YAZBEK, Mahassen Hanna; ABRAHÃO, Salma Daud. **Receitas árabes tradicionais (do norte do Líbano).** Giramundo/Revan: São Paulo, 2001.

YKEGAYA, Tupiara Guareschi. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu:** construção de uma identidade étnica. (dissertação de mestrado) Programa de Pós Graduação em Letras. Unioeste: Cascavel, 2006.

ZAHEDDINE, Danny. **O assassinato do Ministro da Indústria do Líbano, Pierre Gemayel, e seus impactos para a política libanesa.** Série Análise de Segurança. Cenário Puc Minas – Conjuntura Internacional. Puc Minas Gerais: Belo Horizonte, 2006.

ZUGUEIB, Jamil Neto. **Identidades e crises sociais na contemporaneidade** – prefácio. Ed. UFPR: Curitiba, 2005.

Apêndice: Roteiros de Entrevistas

Roteiro para entrevista com imigrantes

Eixo 1 – Identificação geral do entrevistado:

- a) Nome, idade, nacionalidade, ocupação e período em que emigrou;
- b) Por que emigrou?
- c) Por que Foz do Iguaçu?
- d) Relatos do período que antecedeu a emigração;
- e) Relatos do período inicial da imigração; e
- f) Neste período, já pensou em voltar a viver no Líbano?

Eixo 2 – As redes de contato e vivência da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu:

- a) Existe alguma preferência em comprar em lojas/mercados de outros libaneses? Por quê?
- b) Quando procura um prestador de serviço (médico, dentista, arquiteto, cabeleireiro etc), dá preferência para que ele seja membro da comunidade libanesa? Por quê?
- c) Para o lazer, tem preferência por atividades desenvolvidas em conjunto com outros membros da comunidade libanesa? Por quê? Como o que, por exemplo?
- d) Frequenta alguma instituição libanesa na cidade de Foz do Iguaçu? Mesquita, escola, clube, associação etc.? Por quê?

Eixo 3 – Constituição da Identidade em Foz do Iguaçu

- a) O que lhe parece que há de diferente no seu cotidiano pessoal e o cotidiano de um não árabe?
- b) O que lhe parece de positivo e de negativo em Foz do Iguaçu?
- c) O que realizava no cotidiano, quando morava no Líbano que ainda mantém no cotidiano em Foz do Iguaçu?
- d) O que acredita que seja um marco identificador da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu?
- e) O que a/o identifica como libanês(a) na sociedade iguaçuense?

f) Como se relaciona com brasileiros? Como os vê?

Eixo 4 – Transmissão da identidade para gerações nascidas no Brasil

- a) O que pensa sobre a ideia de ter e criar filhos em Foz do Iguaçu?
- b) Quais seriam os valores e costumes importantes a serem ensinados e perpetuados para e pelos filhos? Por quê?
- c) Seus filhos estudam/ram em escolas árabes?
- d) Já levou os filhos para o Líbano?
- e) Aceitaria que os filhos se casassem com um não libanês ou não árabe ou ainda não muçulmano?
- f) O que representa o Líbano hoje para você?

Eixo 5 – Visibilidade Invisibilidade

- a) Tem amigos não libaneses, não árabes ou não muçulmanos?
- b) Relaciona-se de alguma forma com imigrantes de outras nacionalidades, particularmente não árabes?
- c) Frequenta estabelecimentos árabes?
- d) Fala árabe em público?
- e) O que na cultura libanesa você acredita que é mais visível em Foz do Iguaçu? O que você pensa sobre isso (dessa visibilidade)?
- f) Por que, para a pergunta e?
- g) Acredita que a comunidade libanesa seja visível à sociedade iguaçuense? De que modo? Qual a opinião sobre o tema (visibilidade)?
- h) Pessoalmente, sente-se diferente/diferenciado dos/pelos outros? Em que sentido? Em que momentos?
- i) Gosta quando as pessoas o identificam como libanês, turco, brimmo ou árabe (rótulos)? Como lida com isso?

Eixo 6 – Redes familiares

- a) Com que frequência visita o Líbano? Gostaria de ir com maior ou menor frequência para lá?
- b) Quando vai, onde se hospeda?
- c) Ainda tem contato intenso com os familiares de lá? De que tipo? Com que frequência?

- d) Tem familiares em Foz do Iguaçu? E em outros lugares do Brasil?
- e) Em caso de sim, com que frequência se reúne com esses parentes (de Foz)? Que tipo de atividade realizam juntos?
- f) O fato de ter esses parentes aqui no país influenciou na sua decisão de vir para o Brasil? Eles ajudam/ram de que forma na sua vida?
- g) Os parentes do Líbano vêm visita-lo? Com que frequência?
- h) Tem parentes em outros países? Como é o contato com eles?

Roteiro para entrevista com filhos de imigrantes

Eixo 2.1 – Identificação geral do entrevistado:

- a) Nome, idade, nacionalidade e ocupação;
- b) Já visitou o Líbano?
- c) Estuda/ou em escola árabe?
- d) Fala árabe? Acha isso importante? Por quê?

Eixo 2.2 – As redes de contato e vivência da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu:

- a) Existe alguma preferência em comprar em lojas/mercados de outros libaneses? Por quê?
- b) Quando procura um prestador de serviço (médico, dentista, arquiteto, cabeleireiro etc.), dá preferência para que ele seja membro da comunidade libanesa? Por quê?
- c) Para o lazer tem preferência por atividades desenvolvidas em conjunto com outros membros da comunidade libanesa? Por quê? Como o que, por exemplo?
- d) Frequenta alguma instituição libanesa na cidade? Mesquita, escola, clube, associação, etc.? Por quê?

Eixo 2.3 – Constituição da Identidade em Foz do Iguaçu

- a) O que lhe parece de diferença no seu cotidiano pessoal do cotidiano de não filhos de libaneses ou não libaneses?

- b) O que acredita que seja um marco identificador da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu?
- c) O que o/a identifica como filho/a de libanês na sociedade iguaçuense?
- d) O que representa o Líbano para você?
- e) Viveria no Líbano?

Eixo 2.4 – Recepção da identidade libanesa

- a) Quais seriam os valores e costumes que seus pais fazem questão de ensinar e manter dentro e fora de casa? O que pensa sobre isso? O que assimila/ou?
- b) Casaria com um não libanês ou não árabe ou ainda não muçulmano?
- c) Vivencia algum conflito pessoal por viver entre os costumes libaneses e brasileiros?
- d) Em algum momento a identidade libanesa o/a incomodou?
- e) Pessoalmente, sente-se diferente/diferenciado dos/pelos outros? Em que sentido? Em que momentos?

Eixo 2.5 – Visibilidade Invisibilidade

- a) Tem amigos não libaneses, não árabes ou não muçulmanos?
- b) Relaciona-se de alguma forma com imigrantes de outras nacionalidades, particularmente não árabes?
- c) Frequenta estabelecimentos árabes?
- d) Fala árabe em público?
- e) O que na cultura libanesa você acredita que é mais visível em Foz do Iguaçu? O que você pensa sobre isso (visibilidade)?
- f) Por que, para a pergunta e?
- g) Acredita que a comunidade libanesa seja visível à sociedade Iguaçuense? De que modo? Qual a opinião sobre o tema?
- h) Gosta quando as pessoas o identificam como libanês, turco, brimo ou árabe (rótulos)? Como lida com isso?

Eixo 2.6 – Redes familiares

- a) Com que frequência visita o Líbano? Gostaria de ir com maior ou menor frequência para lá?
- b) Quando vai, onde se hospeda?

- c) Ainda tem contato intenso com os familiares de lá? De que tipo? Com que frequência?
- d) Tem familiares em Foz do Iguaçu? E em outros lugares do Brasil?
- e) Em caso de sim, com que frequência se reúne com esses parentes, de Foz? Que tipo de atividade realizam juntos? Eles ajudam/ram de que forma na sua vida?
- f) Os parentes do Líbano vêm visita-lo? Com que frequência?
- g) Tem parentes em outros países? Como é o contato com eles?